



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

ALAN DAVID SOUSA SILVA

VARIAÇÃO FONOLÓGICA E LEXICAL EM LIBRAS

MACEIÓ- AL

2020

ALAN DAVID SOUSA SILVA

VARIAÇÃO FONOLÓGICA E LEXICAL EM LIBRAS

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLL, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como pré-requisito para obtenção de grau de mestre.

MACEIÓ

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586v Silva, Alan David Sousa.  
Variação fonológica e lexical em Libras / Alan David Sousa Silva. – 2020.  
130 f. : il.

Orientador: Adeilson Pinheiro Sadrins.  
Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade  
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 125-130.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Variação linguística - Faixa etária. 3.  
Análise linguística. I. Título.

CDU: 81'221.24



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E  
LITERATURA



**TERMO DE APROVAÇÃO**

**ALAN DAVID SOUSA SILVA**

Título do trabalho: “VARIAÇÃO FONOLÓGICA E LEXICAL EM LIBRAS”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

(PPGLL/Ufal) Examinadores:

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (UFPE)

Prof. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães (PPGLL/Ufal)

Maceió, 26 de agosto de 2020.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser quem sou e por tudo que superei na vida.

Agradeço aos meus pais que estiveram sempre me apoiando quando eu precisava e por terem sido a base da minha vida, sempre me dando todo o suporte para que eu estudasse e chegasse onde estou. Tenho certeza que irão me apoiar também nos meus projetos futuros.

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Adeilson Pinheiro por ter me ajudado a construir esta pesquisa, por toda atenção e cuidado no falar e no conduzir. Suas orientações foram riquíssimas e indispensáveis para este trabalho.

Agradeço e admiro o Prof. Dr. Jair Barbosa por ter lutado para que as portas do PPGLL fossem abertas para pessoas surdas. Agradeço à equipe DELI- UFS por ter aceitado meu afastamento para realizar o mestrado na UFAL.

Agradeço à equipe responsável pela constituição do *corpus* de Libras da UFAL, que já tem dados dos surdos que colaboraram com o fornecimento de dados para que a análise se tornasse possível. O trabalho da construção do *corpus* está de parabéns. Fui muito beneficiado, pois com certeza demoraria muito tempo para coletar todos os dados.

Agradeço aos intérpretes Cleyton de Caruaru, Raquel, Jorge e Prof. Raquel Lima da UFS pela parceria na tradução dos textos desta dissertação no início.

Agradeço ao Prof. Thiago Bruno que está realizando o trabalho de tradução desta dissertação nesta reta final.

Agradeço ao Ewerton Carlos por ter me dado toda a força e por estar sempre me acompanhado.

Agradeço aos colegas e professores do PPGLL por toda experiência adquirida, e principalmente pela maneira como pude me aprofundar um pouco mais na Libras, dentro da linguística.

Com Deus tudo é possível.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever e analisar variações linguísticas na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), utilizada por surdos maceioenses, guiando-se por pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva da Sociolinguística laboviana. Para isso, parte-se de uma discussão acerca do léxico nas línguas de sinais, considerando-se a proposta de Fenlon *et al* (2017) e Brentari e Padden (2001), bem como da discussão acerca dos parâmetros nas línguas de sinais, considerando-se desde o estudo precursor de Stokoe (1960) e um estudo mais recente apresentado em Rosa et al. (2016). Metodologicamente, seguimos a Teoria da Variação Linguística (LABOV, 1972), considerando as variáveis extralinguísticas, *escolaridade*, *sexo/gênero* e *faixa etária*, para controle das variações observadas, a fim de verificar se essas variáveis estariam correlacionadas a diferentes usos linguísticos. O *corpus* de análise foi constituído considerando três grupos de faixa etária: até 29 anos de idade; entre 30 a 49 anos; acima de 50 anos, com 2 homens e 2 mulheres em cada faixa. O estudo é centrado em variações em nove sinais na Libras referentes aos campos lexicais fruta, cor e alimento. Todos os participantes são surdos de Maceió, capital de Alagoas, e os dados que constituíram o *corpus* da pesquisa foram selecionados a partir do Projeto *Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais do Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Política Linguística*, portanto a metodologia de coleta de dados é a adotada pelo referido projeto. A análise aponta que não há diferenças significativas de variação que possam estar correlacionadas à variável sexo, havendo, no entanto, uma sinalização da variável escolaridade relacionada ao uso de determinadas formas. Nesse sentido, os resultados apontaram que surdos com escolaridade mais alta tendem a produzir variantes com empréstimo de configuração de mão representando letras do alfabeto da língua portuguesa. Em relação a faixa etária, também foi possível verificar correlação entre essa variável e o uso de sinais. Nesse sentido, por exemplo, a variante para BRANCO realizada com a mão não dominante fechada foi mais utilizada por pessoas mais jovens, enquanto idosos utilizaram a mão não dominante aberta para este sinal. Jovens e adultos fizeram uso de sinais menos icônicos, para alguns itens lexicais, enquanto idosos não apresentaram tal uso, como no caso do item MARACUJÁ.

**Palavras-chave:** Libras; Variação Fonológica; Variação Lexical; Faixa etária.

## ABSTRACT

This research aims to describe and analyze linguistic variations in the Brazilian Sign Language (LIBRAS), used by deaf people from Maceió, guided by theoretical methodological assumptions from the perspective of Labovian Sociolinguistics. For this, it starts from a discussion about the lexicon in sign languages, considering the proposal of Fenlon et al (2017) and Brentari & Padden (2001), as well as the discussion about the parameters in sign languages, considering since the precursor study by Stokoe (1960) and a more recent study presented in Rosa et al. (2016). Methodologically, we followed the Theory of Linguistic Variation (LABOV, 1972), considering extralinguistic variables, education, sex and age group, to control the observed variations, in order to verify whether these variables would be correlated to different linguistic uses. The corpus of analysis was constituted considering three age groups: up to 29 years of age; between 30 to 49 years; over 50 years old, with 2 men and 2 women in each range. The study focuses on variations in eight signs in Libras referring to the lexical fields color and food. All participants are deaf from Maceió, capital of Alagoas, and the data that constituted the research corpus were made available and selected from the National Inventory of Brazilian Sign Language Project of the Institute for Research and Development of Linguistic Policy, therefore the methodology of data collection is that adopted by the referred project. The analysis points out that there are no significant differences in variation that may be correlated to the gender variable, however, there is a signaling of the education variable related to the use of certain forms. In this sense, the results showed that deaf people with higher education tend to produce variants with loan of hand configuration representing letters of the alphabet of the Portuguese language. Regarding the age group variable, it was also possible to verify a correlation between this variable and the use of signs. In this sense, for example, the variant for WHITE performed with the closed non-dominant hand was more used by younger people, while elderly people used the open non-dominant hand for this sign, a case classified as a variation in the phonological level, as it is just change in a single parameter. Also in relation to lexical variation, different uses were observed in relation to the age group, as was observed, for example, in the use of the sign referring to PASSION FRUIT.

Keywords: Libras; Phonological variation; Lexical variation; Age group.



Handwritten musical notation on a staff, including notes, rests, and bar lines.

Handwritten musical notation on a staff, including notes, rests, and bar lines.

Tradutor João Paulo Ampessan

Main body of handwritten musical notation on staves, containing complex rhythmic patterns, accidentals, and dynamic markings.

Handwritten musical notation on a staff, including notes and rests.

## Sumário

Introdução -----	17
1. A Teoria da Variação Linguística -----	19
2. A variação linguística nas línguas de sinais -----	24
2.1 As línguas de sinais -----	24
2.1.1 A estrutura fonológica da Libras -----	26
2.1.1.1 Configurações de mãos (CM) -----	33
2.1.1.2 Movimento (M) -----	34
2.1.1.3 Locação (L) -----	35
2.1.1.4 Orientação da mão (O) -----	36
2.1.1.5 Expressões não-manuais (ENM)-----	37
2.1.2 A estrutura lexical da Libras -----	40
2.2 Variação e mudança na Libras -----	46
2.2.1 Variação fonológica na Libras -----	54
2.2.1.1 Variação na configuração de mão -----	54
2.2.1.2 Variação na locação-----	55
2.2.1.3 Variação no movimento -----	56
2.2.1.4 Variação na orientação -----	57
2.2.1.4 Variação na expressão facial -----	58
2.2.2 Variação lexical da Libras -----	59
3. Aspectos metodológicos da pesquisa -----	61
3.5 A Metodologia Laboviana -----	61
3.1 Objetivos da pesquisa -----	64

3.2 A constituição do corpus -----	64
3.3 Seleção dos dados para a pesquisa -----	66
3.4 O perfil dos informantes -----	68
4. ANÁLISE DOS DADOS -----	69
4.1 Descrição e análise linguística dos dados-----	70
4.1.1 Descrição da variação lexical na Libras -----	71
4.1.2 Descrição da variação fonológica na libras-----	83
4.2. Análise sociolinguística -----	93
4.2.1 Considerações sobre o background linguístico dos participantes -----	93
4.2.2 Considerações sobre as comunidades de prática da comunidade surda -	95
4.2.3 Variantes nos dicionários para os referentes investigados -----	96
4.2.4 Resultados para a variável Escolaridade-----	99
4.2.4.1 Gráfico para variação lexical -----	100
4.2.4.2 Gráficos para variação fonológica-----	102
4.2.5 Resultados para a Variável Sexo/gênero-----	107
4.2.5.1 Gráfico para variação lexical -----	108
4.2.5.2 Gráfico para variação fonologia -----	109
4.2.5 Resultados para a variável Faixa Etária -----	114
4.2.6.1 Gráfico para variação lexical -----	116
4.2.6.2 Gráfico para variação fonologia-----	118
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	122
6.Referencias -----	124

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Parâmetros fonológicos da língua de sinais Brasileira -----	29
Figura 02: Pares mínimos-----	30
Figura 03: Sinais AVISAR e ANUNCIAR -----	31
Figura 03: Mudança do significado-----	32
Figura 04: Conjunto de configuração de mãos (CM) da Libras. -----	33
Figura 05: Tipos de movimento identificado -----	34
Figura 06: Traços distintivos para pontos de articulação. -----	37
Figura 07: caracterizadas as Orientações da mão -----	38
Figura 08: Ilustração dos pontos de configuração facial -----	39
Figura 09: Léxico das línguas de sinais-----	42
Figura 10: Sinal AZUL-----	44
Figura 11: Estrangeirismos na Libras -----	46
Figura 12: Registro do item “cadeira” em Libras -----	48
Figura 13: Registros do item “leite” em Libras -----	49
Figura 14: Registro do item “pão” em Libras -----	49
Figura 15: A mudança da forma do sinal FACA pela CM -----	50
Figura 16: Sinais idênticos em Libras -----	51
Figura 17: Sinal PADRE em Libras -----	52
Figura 18: Sinal Política-----	52
Figura 19: Variações para os sinais PESSOA e CANCELAR em Libras-----	55
Figura 20: Variação nos sinais ALÍVIO e ENTENDER -----	56
Figura 21: Sinal para DEAF (surdo) em ASL -----	56
Figura 22: Variação nos sinais LETRA A e TARDE -----	57
Figura 23: Variação no sinal Estados Unidos -----	58

Figura 24: Variação no sinal PIZZA e BANANA em ASL -----	59
Figura 25: Variação nos sinais PAI e MÃE -----	60
Figura 26: Categorias do Projeto <i>Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais</i> -	65
Figura 27: Sinal MELANCIA em ASL -----	76
Figura 28: realização diferente para o referente CARNE -----	83
Figura 29: Os pontos de articulação -----	86
Figura 30: Variação no sinal FARMÁCIA -----	92
Figura 31: Sinal MARACUJÁ segundo o dicionário Capovilla -----	96
Figura 32: Sinais da apostila do CAS-AL -----	97
Figura 32: Variantes encontradas no aplicativo <i>Handtalk</i> -----	98

### **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 01: Resultado quantitativo para as variantes do item "maracujá" de acordo com a escolaridade do informante -----	100
Gráfico 02: Resultado quantitativo para as variantes do item "melancia" de acordo com a escolaridade do informante -----	100
Gráfico 03: Resultado quantitativo para as variantes do item "arroz" de acordo com a escolaridade do informante -----	101
Gráfico 04: Resultado quantitativo para as variantes do item "abacate" de acordo com a escolaridade do informante -----	102
Gráfico 05: Resultado quantitativo para as variantes do item "carne" de acordo com a escolaridade do informante -----	103
Gráfico 06: Resultado quantitativo para as variantes do item "vermelho" de acordo com a escolaridade do informante -----	103

Gráfico 07: Resultado quantitativo para as variantes do item "rosa" de acordo com a escolaridade do informante -----	104
Gráfico 08: Resultado quantitativo para as variantes do item "branco" de acordo com a escolaridade do informante -----	104
Gráfico 09: Resultado quantitativo para as variantes do item "marrom" de acordo com a escolaridade do informante -----	105
Gráfico 10: Resultado quantitativo para as variantes do item "arroz" de acordo com a escolaridade do informante -----	106
Gráfico 11: Resultado quantitativo para as variantes do item "arroz" de acordo com a escolaridade do informante -----	106
Gráfico 12 - Resultado quantitativo para as variantes do referente MARACUJÁ de acordo com o sexo do informante -----	108
Gráfico 13- Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com o sexo do informante -----	108
Gráfico 14 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com o sexo do informante -----	109
Gráfico 15 - Resultado quantitativo para as variantes do item ABACATE de acordo com o sexo do informante -----	109
Gráfico 16 - Resultado quantitativo para as variantes do item CARNE de acordo com o sexo do informante -----	110
Gráfico 17- Resultado quantitativo para as variantes do item VERMELHO de acordo com o sexo do informante -----	111
Gráfico 18 - Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com o sexo do informante -----	111
Gráfico 19 - Resultado quantitativo para as variantes do item BRANCO de acordo com o sexo do informante -----	112
Gráfico 20- Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com o sexo do informante -----	112

Gráfico 21 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com o sexo do informante -----	113
Gráfico 22 - Resultado quantitativo para as variantes do item MELANCIA de acordo com o sexo do informante -----	113
Gráfico 23- Resultado quantitativo para as variantes do referente MARACUJÁ de acordo com a idade do informante -----	114
Gráfico 24- Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com a idade do informante -----	115
Gráfico 25 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com a idade do informante -----	115
Gráfico 26- Resultado quantitativo para as variantes do item ABACATE de acordo com a idade do informante -----	116
Gráfico 27 - Resultado quantitativo para as variantes do item CARNE de acordo com a idade do informante -----	116
Gráfico 28 - Resultado quantitativo para as variantes do item VERMELHO de acordo com a idade do informante -----	117
Gráfico 29 - Resultado quantitativo para as variantes do item ROSA de acordo com a idade do informante -----	118
Gráfico 30 - Resultado quantitativo para as variantes do item BRANCO de acordo com a idade do informante -----	119
Gráfico 31 - Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com a idade do informante -----	120
Gráfico 32 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com a idade do informante -----	120
Gráfico 33 - Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com a idade do informante -----	121

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Variantes padrão para cada referente, separadas por nível de análise.----- 99

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Categorias do parâmetro movimento na Libras -----	34
Quadro 02:Ponto de Articulação (PA) -----	36
Quadro 03: Expressão não manual na Libras -----	39
Quadro 04: Relação de itens de vocabulário -----	66
Quadro 05: Caracterização dos informantes da pesquisa -----	67
Quadro 6: Número de variantes por referente-----	70
Quadro 07: Variantes para o referente MARACUJÁ-----	71
Quadro 08: Variantes para o referente MELANCIA -----	75
Quadro 09: Variantes para o referente ARROZ -----	77
Quadro 10: Variantes para o referente ABACATE -----	79
Quadro 11: Variantes para o referente CARNE-----	84
Quadro 12: Variantes para o referente VERMELHO -----	85
Quadro 13: Variantes para o referente ROSA -----	87
Quadro 14: Variantes para o referente BRANCO -----	88
Quadro 15: Variantes para o referente MARROM -----	89
Quadro 16: Variantes para o referente ARROZ -----	91
Quadro 17: Variantes para o referente MELANCIA -----	92



## Introdução

A língua brasileira de sinais – Libras – é a língua utilizada pelas comunidades surdas brasileiras, reconhecida pela lei 10.436/2002, sancionada pelo Decreto 5.626/2005. A Libras é a língua materna da maior parte dos surdos, manifestada pela modalidade visual-gestual. Ainda que no senso comum ainda se pense que a Libras é uma versão em gestos da língua portuguesa, a Libras apresenta uma gramática própria, e deve ser investigada, independente de quaisquer outras línguas. No que se refere a relação entre o português e a Libras, é importante salientar que há uma distinção entre modalidades, sendo o português uma língua oral auditiva, e a Libras, uma língua visual gestual, o que evidencia a independência articulatória da Libras em relação ao português.

Assim como em qualquer outra língua natural, na Libras, observa-se o fenômeno da variação linguística, percebida pela modificação de alguns sinais, em nível fonológico e/ou lexical, por exemplo, possibilitando mudanças na língua, como a que ocorre na execução de alguns sinais, que outrora apresentavam um alto grau de relação icônica, mas foram transformados em sinais arbitrários, através das restrições fonológicas (DINIZ, 2010). Por ser uma língua de modalidade gesto-visual, a produção de sinais é recebida através da visão, e não da audição. As características fonológicas da Libras se referem, apesar do termo “fonologia” estar relacionado ao som, ao uso das mãos e do corpo, e do espaço da sinalização de acordo com as propriedades manuais e visuais em contexto de comunicação.

Tendo em vista ser recente na história dos estudos linguísticos, o tratamento científico das línguas de sinais no âmbito da linguística, há ainda poucas pesquisas sobre as especificidades linguísticas dessas línguas. Os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais iniciam nos EUA a partir de uma descrição sobre a ASL (*American Sign Language*) feita pelo linguista Willian Stokoe em 1960, aproximadamente um século após a inauguração da ciência linguística. No que diz respeito à Libras, podemos citar os estudos pontuais de Ferreira-Brito (1995), Quadros (2004) e Xavier (2006), entre outros, desenvolvidos somente a partir da década de 1990.

Em relação aos estudos sobre o léxico das línguas de sinais, as discussões levantadas por Fenlon et al. (2017) apresentam o léxico das línguas de sinais com peculiaridades que se divergem das línguas orais, por haver uma entrada lexical a partir

do uso de gestos e outros recursos corporais. Seus estudos nos servirão de base para esta investigação, no que se refere aos aspectos lexicais dos sinais analisados.

Sobre os estudos que englobam a questão da variação linguística, também há poucas pesquisas sobre o tema, e ainda é menor o número de pesquisas, tanto quanto é do nosso conhecimento, que exploram as variáveis extralinguísticas, como a faixa etária, no condicionamento de formas linguísticas em competição. No âmbito da investigação variacionista, dois trabalhos merecem destaque em nossa pesquisa: Diniz (2010), que realizou uma pesquisa com intuito de investigar os registros em dicionários existentes no Brasil de mudanças fonológicas e lexicais ocorridas na Libras; Schmitt (2013), que realizou uma pesquisa com intuito de investigar variações e mudanças na Libras ocorridas no período entre 1946 e 2010.

Mais especificamente em relação à nossa proposta de investigação, esta foi fomentada a partir da observação da variação no uso da Libras em Maceió, capital do estado de Alagoas, por meio de indivíduos surdos, em contextos sociolinguísticos distintos, de diferentes contextos, e de diferentes faixas etárias. Para investigar essa variação, utilizaremos a teoria Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972), que apresentou-se como um campo promissor, uma vez que em suas premissas a língua é concebida como inerentemente heterogênea e a variação encontrada nas línguas naturais é passível de sistematização, a partir da conjugação de fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os dados analisados nesta pesquisa foram selecionados do Projeto Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais do Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Política Linguística, disponibilizado pelo Professor Jair Barbosa da Silva, na Universidade Federal de Alagoas. Foram selecionados dados de trinta e seis informantes surdos, divididos de acordo com três diferentes faixas etárias: até 29 anos; de 30 a 49 anos; acima de 50 anos. São analisadas as realizações de 9 sinais da Libras que pertenciam aos seguintes campos semânticos: cores, alimentos e frutas. Esta pesquisa tem como objetivo central, então, verificar como se dá a variação fonológica e lexical no uso da Libras em Maceió, considerando as variáveis faixa etária, sexo e escolaridade. Como objetivos específicos pontuam-se observar a variação entre as realizações dos itens selecionados, identificar a natureza da variação (se fonológica ou lexical) e verificar se a variável faixa

etária poderia estar condicionando a variação. Atrelada à discussão sobre o condicionamento da faixa etária, outros aspectos sociais, como a escolaridade e o sexo/gênero, serão discutidos como elementos que atuam em conjunto na variação.

Na primeira seção desta dissertação, abordaremos os estudos linguísticos sobre a Libras e o seu reconhecimento como língua natural humana dos sujeitos surdos, a sua estruturação gramatical e fonológica, assim como a organização lexical das línguas de sinais, com vistas a uma melhor compreensão sobre a variação fonológica e/ou lexical possivelmente encontrada em nossos dados. Também apresentamos a base teórica e os fundamentos da sociolinguística variacionista, apresentando os principais conceitos da teoria. Em seguida, será apresentada a metodologia da pesquisa realizada, pontuando a hipótese e os objetivos gerais da investigação. Por fim, traremos a análise dos dados, que consistirá inicialmente na apresentação dos resultados, com uma descrição linguística dos itens coletados, e uma análise das variantes a partir da interferência de fatores externos como a idade, sexo/gênero e a escolaridade.

### **1. A Teoria da Variação Linguística**

Nesta seção, apresentaremos a teoria de base para esta pesquisa: A Teoria da Variação linguística, proposta por William Labov. Nesta seção, apresentaremos a concepção de língua construída pelo autor e, sobretudo, seus métodos de investigação, uma vez que esta teoria é fundamentalmente metodológica, uma vez que prevê critérios rigorosos para a seleção de sujeito de pesquisa, coleta, tratamento e análise de dados. Nas seções seguintes, traremos trabalhos que utilizam essa teoria para descrever e analisar a Libras.

Labov iniciou suas pesquisas como linguista nos Estados Unidos e seu estudo era direcionado ao contexto social, à comunidade de fala e às mudanças sonoras da língua. Em seus trabalhos, o autor mostra aspectos de variação dialetal e mudança da língua inglesa na comunidade da Ilha de Martha's Vineyard e em Nova York, através de estudos de variação fonológica. Tornou-se um pesquisador amplamente considerado na área da pesquisa linguística por sua metodologia em sociolinguística.

Um de seus trabalhos mais expressivos é a publicação do livro Padrões Sociolinguísticos publicado em 1972, em que o autor descreve a sua pesquisa feita em

Martha's Vineyard, estado de Massachusetts. Durante meses, Labov se debruçou sobre a Ilha de Martha's Vineyard, e pesquisou ali as variáveis fonéticas (ay) e (aw) nas diferentes localidades da Ilha, entre os falantes de faixas etárias distintas, subdivididos em grupos de acordo com suas profissões e etnias. Esse estudo possibilitou a reconstrução da história social da comunidade daquela ilha a partir da frequência e da distribuição dessas duas variáveis fonéticas, verificando se ocorreu mudança sonora através da investigação de fatores sociais que incidem diretamente sobre o processo linguístico. Sobre a mudança linguística, destacamos três principais características relevantes na pesquisa que Labov (2008 [1972], p. 19) desenvolveu na Ilha: a origem das variações linguísticas; a difusão e a propagação dessas mudanças e a regularidade da mudança.

As variações fonológicas podem ocorrer pelos mais variados processos, como assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou outros processos linguísticos em que haja a interação entre o sistema linguístico de características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo.

Para Labov (1972), o estudo da origem da evolução da linguagem, que é a ciência que estuda a parte da linguística incluída no contexto social, é buscado no comportamento linguístico de um grupo social, ou seja, de uma comunidade falante. A língua é uma forma de comportamento, é usada por seres humanos ao expressarem uns aos outros suas ideias, anseios, necessidades e emoções. Sendo assim, o comportamento linguístico de um grupo pode variar de acordo com as experiências vividas numa dada comunidade.

No âmbito dos estudos variacionistas, a noção de comunidade de fala torna-se imprescindível. Trata-se de um grupo que segue as mesmas normas quanto ao uso da língua e não de um grupo de falantes que utilizava a mesma forma de fala. Exemplificando o caso da língua de sinais, podemos citar o caso de um surdo com uma família de ouvintes/falantes que não fica excluído linguisticamente pelo fato de frequentar uma associação de surdos e aprender a língua de sinais. Neste espaço, ele aprende a comunicar-se na língua de sinais (seguindo as normas da linguagem) e não apenas numa língua gestual caseira (utilizando a mesma forma de fala que seus familiares). Neste sentido, este surdo, com os seus familiares não são caracterizados numa mesma comunidade de fala, mas sim com os surdos da associação.

Labov percebeu que numa mesma comunidade de fala, as pessoas tendem a apresentar variações na fala, e até mesmo um único indivíduo, a depender do contexto em que se encontre, pode variar a maneira como fala. Ao investigar tais variações, o autor descobriu que havia padrões na variação, e que elas não eram meros acidentes de fala, como propunha Saussure (2006). Esta variação era inerente ao sistema da língua e não só da fala. Enquanto Saussure propunha que a fala é heterogênea e a língua homogênea, Labov (1972) afirma que a língua é heterogênea, já que comporta diversos padrões. A variação, sendo sistemática, está passível de investigação e passa a ser também objeto da linguística.

Outra importante contribuição de Labov (1972) foi propor que variáveis sociais interferem no sistema linguístico. Ou seja, a língua, sendo uma entidade social, está em constante relação com os sujeitos e com os contextos em que ela está inserida. É possível perceber que a maneira como os ouvintes se comunicam numa mesa de bar pode ser diferente da maneira como se comunicam numa reunião de trabalho, ou que pessoas idosas falam de forma diferente das mais jovens. Todas estas questões sociais atuam na língua e influenciam a “escolha” (entre aspas por não ser uma escolha consciente, mas do próprio sistema) do falante por uma determinada variante, em detrimento de outra num dado contexto de comunicação.

Há variáveis sociais como sexo/gênero, idade, escolaridade, classe social, entre outras, que podem interferir na maneira de falar de um indivíduo. O mais interessante no estudo sobre as variáveis sociais é que elas podem servir para explicar o funcionamento da língua, mas há também a possibilidade de, a partir de uma análise aprofundada sobre as variáveis, os fenômenos linguísticos denunciarem fenômenos sociais. Em sua pesquisa na ilha de Martha's, Labov entrevistou os participantes e percebeu que aqueles que utilizavam a variante mais antiga eram resistentes à constante chegada de turistas à ilha, enquanto que os participantes que utilizavam a variante mais inovadora eram mais adeptos à chegada dos turistas. Ou seja, é possível perceber avaliações sociais através do uso da língua.

Pode-se identificar variantes de prestígio a partir da variável escolaridade, já que a fala de pessoas com maior escolaridade tende a ter mais prestígio social do que pessoas sem escolaridade. Há também a possibilidade de perceber a mudança linguística a partir

da variável idade. A mudança linguística pode ser percebida quando uma determinada variante dá lugar a uma nova variante. Labov trabalha com os conceitos de mudança em tempo real e mudança em tempo aparente para explicar como é possível observar mudanças linguísticas a partir da sua teoria. Para analisar a mudança em tempo real, Labov (1994) explica que é preciso haver uma coleta de dados linguísticos num tempo  $x$ , e depois de algum tempo, esta coleta se repita.

Já a mudança em tempo aparente, segundo Freitag e Lima (2010), “considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias para caracterizar uma situação de estabilidade, mudança incipiente, mudança em progresso ou mudança completa” (FREITAG e LIMA, 2010, p. 73). Ou seja, não se faz necessário que coletas sejam feitas em tempos diferentes para que se observem as mudanças linguísticas. Este método parte do pressuposto de que o falante estabiliza sua maneira de falar aos 15 anos. Isto quer dizer que um falante de Libras com 60 anos fala da mesma maneira que os falantes de Libras sinalizavam há 45 anos (considerando, obviamente, o tempo em que passou a adquirir a Libras).

Dessa forma, quando, a partir de uma abordagem quantitativa, percebe-se que uma variante  $x$  é muito utilizada por idosos, utilizada moderadamente por adultos e pouco utilizada por jovens, enquanto uma variante  $y$  é pouco utilizada por idosos, moderadamente utilizada por adultos e muito utilizada por jovens, é possível dizer que há uma mudança linguística em curso, de tal forma que houve um momento em que  $y$  não existia na língua e que, com o passar do tempo,  $y$  apareceu e foi substituindo  $x$  ao ponto de chegarmos à conclusão de que  $x$  deixará de existir.

Apesar de ser amplamente difundida, esta análise sobre a mudança linguística recebeu críticas, uma vez que “o comportamento linguístico de todos os indivíduos muda no decorrer de sua vida. E as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças linguísticas históricas.” (ECKERT *apud* FREITAG e LIMA, 2010, p. 73). É possível que as mudanças individuais interferiam nas mudanças da comunidade de fala. Em relação a Libras, é possível perceber como as mudanças relacionadas aos avanços tecnológicos interferiram na comunicação de pessoas surdas. Até o fim do século passado, a Libras ficava restrita às associações, escolas, ambientes de encontro, entre outros poucos lugares, pois não havia uma atenção à comunidade surda

por parte da mídia. Com a chegada dos *smartphones* e programas de última geração, qualquer pessoa surda pode se comunicar com outra, independente da distância. Isto fez com que diversas variedades linguísticas fossem postas em contato. Variações e mudanças devem ser investigadas a partir da variável idade para que possamos chegar a conclusões mais concretas sobre o fenômeno da influência da tecnologia sobre o falar dos surdos, entre outros fenômenos.

Mas mais do que isto, é preciso combater o preconceito linguístico. No Brasil, o que temos é um país no qual a língua utilizada pela maioria dos falantes é o português e que, no entanto, não se pode considerar essa língua como homogênea, já que apresenta variações que a tornam muito particular em relação às comunidades que as adotam. Transformações são observadas com muita nitidez no português falado no Brasil, basta verificar-se uma entre as diversas regiões do país.

As variedades linguísticas regionais possuem normas que diferem umas das outras, e estas são, consensualmente, utilizadas pelos falantes. Não se pode afirmar, portanto, que uma variedade do português seja mais bem empregada do que outra, visto que seu uso é sempre coerente com a norma vigente daquela determinada região (BAGNO, 2007).

É preciso, pois, um certo cuidado no interesse de manter a comunicação precisa e efetiva, mas não há razão para o excessivo conservadorismo daqueles que querem “preservar a língua de Camões”, no caso da língua portuguesa. A mudança na língua é um reflexo da mudança na sociedade. Não há como criar políticas que detenham uma ou outra.

As línguas não se desenvolvem, não progridem, não decaem, não evoluem, nem agem de acordo com nenhuma das metáforas que implicam um ponto final específico ou um nível de excelência. Elas simplesmente mudam, como as sociedades mudam. Se uma língua morre é porque seu status na sociedade se alterou, na medida em que outras culturas e línguas a sobrepujaram: ela não morre porque “ficou velha demais” ou porque “se tornou muito complicada”, como às vezes se pensa. (CRYSTAL apud LEITE, 2010, p.223)

Percebe-se que a mudança linguística é inevitável e nada previsível, por isso precisa-se desenvolver uma consciência linguística e uma maior tolerância com estas mudanças, principalmente no Brasil por ser um país tão plural em relação às etnias.

## **2. A variação linguística nas línguas de sinais**

Nesta seção apresentaremos trabalhos que apresentam a variação nas línguas de sinais e a base linguística para a descrição dos dados. Iniciaremos falando das línguas de sinais num aspecto mais geral, trazendo Stokoe (1960) como precursor dos estudos linguísticos sobre esta modalidade de língua. Em seguida, falaremos da estrutura fonológica da Libras, trazendo como principal referência Rosa et al (2016), explicando os cinco parâmetros da Libras. Após esta explanação da fonologia da Libras, nos debruçaremos sobre os estudos sobre o léxico das línguas de sinais, apresentando Fenlon et al (2017) como principal referência. Por fim, falaremos da variação linguística na Libras. Iniciaremos falando da variação fonológica, trazendo Xavier e Barbora (2014) como principal estudo e finalizaremos com a variação lexical na Libras, apresentando os resultados da pesquisa de SILVA (2015).

### **2.1 As línguas de sinais**

Há poucas pesquisas sobre estudos em relação às línguas sinalizadas, mesmo sendo elas línguas naturais e uma forma legítima de expressão e comunicação das comunidades surdas (VALIANTE, 2009). Não podemos atribuir ao léxico das línguas de sinais o status de gestos holísticos, não formando, então, um todo indivisível. Desde a década de 1960, deram-se início às pesquisas sobre a Língua Americana de Sinais, sendo essa reconhecida como língua natural pouco tempo depois.

Stokoe (1960) foi quem primeiro formulou os parâmetros ou itens fonológicos internos dos sinais. Essa descoberta foi muito importante, pois reconheceu as línguas de sinais e as colocou no mesmo patamar das línguas orais. A partir de sua proposta com a Língua de Sinais Americana – ASL, foi possível mostrar aos linguistas que a ASL também apresentava uma das características fundamentais das línguas humanas, o que Martinet (1978) chama de dupla articulação da linguagem, sendo a segunda articulação a combinação de unidades menores sem significado, e a primeira articulação a combinação de unidades com significado gerando unidades maiores.

Ou seja, de um lado existe um nível de significado constituído de palavras, morfemas, sintagmas e sentenças e de outro, um nível sem significado que, nas línguas faladas, corresponde aos sons que compõem as expressões com significado e nas línguas



de sinais corresponde às configurações de mãos, às locações e aos movimentos com a mesma função das línguas orais.

Stokoe propôs a decomposição da Língua Americana de Sinais (American Sign Language – ASL) em três parâmetros simultâneos: Configuração de Mãos, que correspondem às formas das mãos durante a sinalização de um sinal; a Localização no Espaço, que corresponde ao local onde o sinal é realizado, seja ancorado ao corpo, ou no espaço neutro, e a sua Movimentação, que corresponde às formas das mãos que se movem que, analisados isoladamente, não carregam qualquer significado. As análises das unidades “formacionais” dos sinais, depois das de Stokoe, complementaram a adição de informações referentes ao quarto parâmetro: a Orientação da Mão por Battison (1974) e um quinto parâmetro por Baker (1983): as Expressões Não-Manuais.

Stokoe (1960) apresentou a hipótese de que existem os pares mínimos das línguas de sinais que, quando alterados, geram uma mudança no sentido do sinal ou a desconstrução desse sinal. Ele defende que a estrutura fonológica das línguas sinalizadas não é apresentada sequencialmente como ocorre nas línguas orais devido a sua linearidade. Segundo Stokoe, todos os contrastes lexicais da ASL baseiam-se unicamente na execução dos três aspectos articulatórios dos sinais em conjunto, simultaneamente, e não haveria possibilidade de fazê-lo separado. A teoria elaborada por Stokoe teve continuidade com muitos outros linguistas, dentre os quais podemos destacar Battison (1984) e Klima & Bellugi (1979).

Battison acrescentou um quarto parâmetro fonológico na ASL, destacando a importância da *orientação da palma* na execução dos sinais. Ele desenvolveu também um estudo bastante interessante acerca da simultaneidade no processo articulatório dos sinais e, em suas investigações, observou a existência de restrições que atuam na forma apresentada pelos elementos lexicais da ASL.

Liddell (1984) foi contrário à análise fonológica proposta por Stokoe e seguida por Battison e Klima & Bellugi. De acordo com Liddell, a maior parte dos itens lexicais da ASL, do ponto de vista articulatório, apresenta um funcionamento que representa a organização sublexical simultânea defendida por Stokoe. Para ele, a grande maioria dos sinais da ASL apresentava mais do que uma construção de sinais simultâneos do aspecto articulatório (configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma) e que

cada elemento pode ser usado distintivamente, da mesma forma que é nas línguas orais. Segundo os achados do autor, é possível encontrar nas línguas sinalizadas pares mínimos de língua de sinais que contrastem apenas pela ordem em que as especificações de um mesmo parâmetro é executado.

Os estudos da língua de sinais no Brasil tiveram início com Ferreira Brito em 1995. Esses estudos se concentram na fonologia seguindo o modelo de Stokoe. Desde então, outros estudiosos passaram a apresentar uma descrição fonológica da língua Brasileira de Sinais como: Quadros e Karnopp (2004) e Xavier (2006). Mais recentemente, há um estudo realizado por Rosa et al. (2016) que pensa numa perspectiva de descrição rumo à construção de uma gramática da Libras. Os autores realizam um mapeamento detalhado da fonologia da Libras, que pode servir tanto como instrumento de descrição e análise da Libras, quanto para alimentar sistemas de comunicação virtuais

### **2.1.1 A estrutura fonológica da Libras**

Antes de falar das línguas de sinais, se faz necessário conceituar fonologia a partir da visão clássica, pois muito do arcabouço teórico utilizado pelos estudos em línguas de sinais surgiu nos estudos clássicos com um olhar sobre as línguas orais.

Os estudos sobre a fonética e a fonologia surgiram no século XIX juntamente com o surgimento da Linguística enquanto ciência. A linguística surge na primeira metade do século XIX com um trabalho de Franz Bopp sobre o Sânscrito, fazendo uma análise comparativa com o grego e o latim. Havia um interesse nos linguistas daquela época em entender como eram produzidos os sons e como eles poderiam ser descritos. Os neogramáticos, na segunda metade do século XIX estudam com afinco a fonética, a fim de entender o funcionamento da língua. Entre eles estava o genebrino F. Saussure. Saussure, em seu Curso de Linguística Geral, despende parte do trabalho se debruçando sobre a produção fonética e a sua diferença para a fonologia (ainda que utilizasse os termos com sentidos contrários ao que usamos hoje em dia).

Saussure inaugurou uma perspectiva linguística voltada para a sincronia, largamente utilizada nos dias atuais, diferente da linguística diacrônica predominante nos estudos comparatistas. Para o autor, a língua só poderia ser estudada em sua totalidade na sincronia, pois significante e significado estariam acessíveis ao linguista. A partir da

relação entre significado e significante, e da relação entre os signos, Saussure lança a teoria do valor, que iria guiar os estudos subsequentes sobre a fonologia.

No início do século XX, um grupo de estudiosos, conhecidos como Círculo Linguístico de Praga se debruça sobre a obra de Saussure e organiza a Fonética e a Fonologia estruturalista. Trubetzkoy (1939) estabelece uma diferença entre fonética e fonologia. Para o autor, a Fonética é o ramo da linguística que se preocupa com a realização sonora da língua, com os fenômenos realizados na percepção e produção do som. Enquanto que a Fonologia estaria preocupada com a dimensão abstrata do som. A partir daí se diferenciam os conceitos de fone e fonema. O fone é o objeto da fonética, e o fonema, objeto da fonologia. O fonema, portanto, seria o som com valor linguístico, e este valor seria variável de língua para língua.

Os fonemas são unidades mínimas na língua sem significado isolado, mas com valor distintivo. A consoante /f/ em /'faka/ não tem um significado nela mesma, mas possui valor distintivo, pois se substituirmos /f/ por /v/, teremos um signo diferente. Podemos perceber uma semelhança entre /faka/ e /vaca/. Esta semelhança seria o que os estruturalistas chamam de par mínimo. O par mínimo é uma dupla de signos que se distinguem somente por um fonema.

Por fim, Noam Chomsky, autor da teoria gerativa, se debruça sobre a fonologia e lança, juntamente com Halle, o livro chamado *O padrão sonoro do inglês (The sound pattern of English)*. No livro, os autores propõem uma descrição fonológica baseada em traços distintivos, conceito já utilizado anos antes por outros autores. O traço distintivo estaria num nível ainda mais baixo que o fonema. No par mínimo acima, a distinção mínima não seria mais /f/ e /v/, mas +voz e -voz. O conceito de fonema agora é substituído pelo conceito de segmento, que nada mais é do que um feixe de traços distintivos. Traços como [coronal], [alto], [posterior], [voz] entre outros, poderiam dar conta de descrever todos os segmentos. Esta proposta foi criada com o objetivo de descrever os processos fonológicos no inglês, ou seja, mudanças sonoras que acontecem em determinados contextos linguísticos.

Enquanto os estudos fonológicos das línguas orais se dão pela análise de como o som é produzido pelo aparelho fonador, na Libras estudamos as formas das mãos e outros

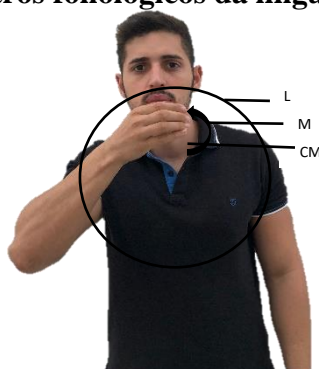
elementos agregados a elas na produção dos sinais dentro de determinado espaço. Segundo Fromkim & Rodman (1993), as “línguas de sinais assemelham-se às línguas orais em todos os aspectos principais, mostrando que verdadeiramente há universais da linguagem, apesar de diferenças na modalidade em que a língua é a realizada.” (FROMKIM e RODMAN, 1993 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 81). A diferença se apresenta na modalidade da substância, uma vez que as línguas de sinais são visual-espaciais e línguas orais são oral-auditivas. As línguas de sinais exibem uma modalidade que utiliza as mãos, os espaços, o corpo e a visão para ser produzida e recebida, por isso sempre são percebidas pela visão, já na língua oral os sons articulados são percebidos pelos ouvidos.

Não podemos esquecer que os aspectos das fonologias das línguas de sinais e orais tem suas próprias estruturas, pois elas apresentam modalidades diferentes. Entendemos que tudo se parece entre as suas estruturas, portanto não profundamente, na língua oral, seus segmentos fonológicos podem ser representados como um conjunto de feixes de traços distintivos presentes para cada um dos segmentos da língua. No entanto, muito discute-se que o uso dos termos ‘fonologia’ e ‘fonética’ para línguas de sinais possa causar estranhamento e que não é adequado, mas há vários linguistas de línguas de sinais que já pesquisaram sobre a questão (CRASBORN, 2012; SANDLER E LILLO-MARTIN, 2006; SANDLER, 1989; BATTISON, 1978, et. al.)

Sobre esta questão, Quadros (2019) afirma que “os pesquisadores entendem que os termos ‘fonética’ e ‘fonologia’ referem-se aqui a área de estudos da linguística, que se ocupa da identificação e descrição das unidades e traços mínimos de uma língua que não apresentam significado autônomo.” (QUADROS, 2019, p. 42) Os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam os sinais em determinadas locações nesse espaço. Um sinal pode se realizar com uma ou duas mãos, sinais articulados com uma mão são produzidos pela mão dominante (tipicamente a direita para destros e a esquerda para canhotos), também os sinais articulados apresentam simetria que são restrições em relação ao tipo de interação entre as mãos.

As línguas de sinais são basicamente produzidas pelas mãos, embora se utilize de movimentos do corpo e da face. Seus fundamentos (parâmetros fonológicos) são Configuração de Mão, Movimento e Locação, exemplificados na figura a seguir.

**Figura 1: Parâmetros fonológicos da língua de sinais Brasileira**



**(baseado em Ferreira-Brito 1990, p.23)**

É fácil identificar em uma determinada língua de sinais as configurações de mão, as locações e os movimentos, que podem ser de caráter distintivo. Isso pode ser feito contrastando-se sinais que apresentam distinção mínima, um método utilizado na análise tradicional de fonemas distintivos das línguas naturais.

Quadros e Karnopp (2004) Observam que os pares mínimos acontecem no contraste de apenas um dos parâmetros altera o significado, como na mudança de configuração de mão. Para ilustrar os pares mínimos, trouxemos exemplos de pares mínimos na Libras com mudança de configuração de mão (EDUCAÇÃO e COSTUME), ou de movimento (MADURO e ACHAR), ou de locação. (AZAR e DESCULPAR)

**Figura 02: Pares mínimos**

**Educação**



**Costume**



**Maduro**



**Achar**



**Azar**



**Desculpar**

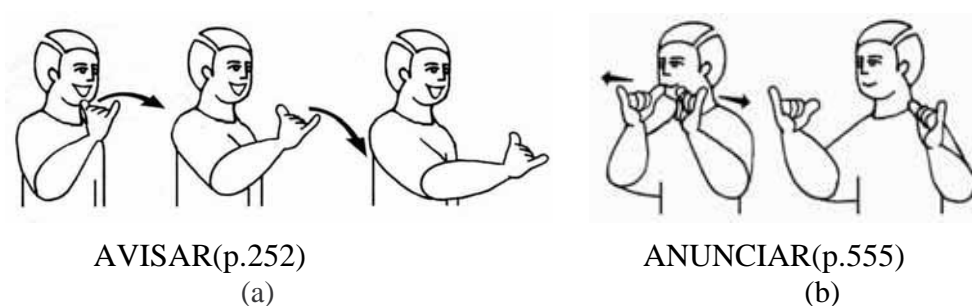


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Percebe-se que os pares mínimos presentes na Libras apresentam a mesma ideia dos presentes nas línguas orais. Se há, por exemplo, na língua portuguesa os vocábulos BOLA e MOLA, verifica-se que tais itens se diferenciam significativamente pela alteração de um único fonema: a substituição do /b/ por /m/, do mesmo modo, na Libras há diferença lexical com a alteração do par mínimo Configuração de Mão (CM) entre os sinais educação e costume.

Ainda de acordo com Xavier (2006), em seu trabalho de dissertação, alguns sinais da Libras podem ser produzidos com uma ou duas mãos, como AVISAR x ANUNCIAR (f. 8).

**Figura 03: Sinais AVISAR e ANUNCIAR**



**Fonte: Capovilla & Raphael (2001) apud Xavier (2006)**

Observa-se que nos sinais AVISAR x ANUNCIAR ao que se parece, o número de mãos envolvidas em sua articulação é, se não o único, pelo menos um dos aspectos com os quais eles se contrastam.

No modelo teórico de Liddell & Johnson (1989), levanta-se a possibilidade de haver, além dos vários traços distintivos propostos pelos autores, outros traços com base nos quais contrastes lexicais podem ser estabelecidos.

O caso descrito deixa claro que a configuração de mão possui um caráter distintivo, pois a diferença entre as configurações acarretam na mudança do significado. De acordo Xavier (2006), essa é uma questão que ainda requer uma investigação mais aprofundada, visto o número reduzido de pesquisas a esse respeito apesar de ser um fenômeno muito comum quando observada a sinalização espontânea. Xavier menciona a proposta de Evani Viotti que propõe que isso esteja associado a fatores extra-linguísticos, como, por exemplo, o fato de uma das duas mãos do sinalizador estar ocupada no momento da sinalização. Entretanto, para afirmar esses conceitos é preciso maiores investigações.

Os autores utilizam como exemplo de par mínimo os sinais em ASL (língua de sinais americana) BULLSHIT e THANK-YOU. Segundo os autores,

Ambos começam com suspensões idênticos produzidos no queixo e passam para suspensões produzidos em um local a cerca de 15 cm e ligeiramente abaixo do queixo. Nos dois sinais, a orientação da mão permanece constante, com a palma da mão voltada para o rosto e o pulso voltado para o chão. Assim, da perspectiva do movimento, localização e orientação, os sinais têm seqüências idênticas. Eles diferem apenas na seqüência de configuração manual. Especificamente, durante a produção do sinal THANK-YOU, a configuração manual começa e termina como um 'B'. No sinal BULLSHIT, no entanto, começa como um 'B' e termina como um 'S'. (JOHNSON & LIDDEL, 1989, P. 204).

Na Libras, este fenômeno pode ser percebido a partir dos sinais OBRIGADO e HOMENAGEM. Em ambos os sinais, a primeira foto do sinal é idêntica, se diferenciando somente pela segunda foto, conforme as imagens a seguir.

**Figura 03: Mudança do significado**

**Sinal ACREDITAR**



**Sinal HOMENAGEM**



**Fonte: elaborado pelo autor**



### 2.1.1.1 Configurações de mãos (CM)

A configuração de mão se refere às formas nas quais as mãos são configuradas para a realização do sinal, utilizadas para representar as letras do alfabeto do português, dos números e de diversas outras formas a fim de compor o sinal. Baseado em trabalho do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) foram identificadas 79 configurações de mão para a Libras, conforme esboçado na figura 4:

**Figura 04: Conjunto de configuração de mãos (CM) da Libras.**

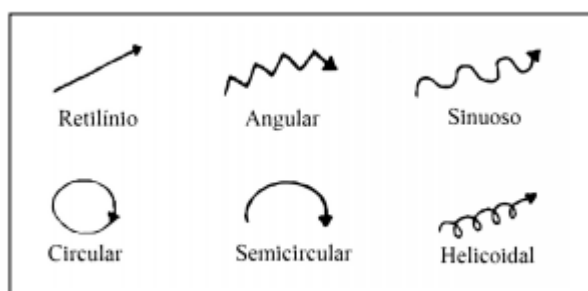


**Fonte: Grupo de pesquisa do curso de Libras do Instituto Nacional de Educação de Surdos.**

### 2.1.1.2 Movimento (M)

Alguns sinais têm movimento, outros não, são sinais estáticos, o movimento sempre é o deslocamento da mão no espaço ou parte do corpo durante realização do sinal. Rosa et al. (2016) a partir do mapeamento feito sobre outros estudos a respeito do movimento na Libras, apresentam uma categorização que será apresentada a seguir. O movimento apresenta as seguintes características: tipo, modo, direção, intensidade e frequência.

**Figura 05: Tipos de movimento identificado**



**Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)**

Além destes seis movimentos relacionados ao cotovelo, ou seja, externos à mão, há movimentos interno, que dizem respeito à mão como um todo, ou aos dedos, conforme o quadro a seguir.

**Quadro 01: Categorias do parâmetro movimento na Libras**

<b>Movimentos de Mão (MM)</b>	
1. Balançar para cima e para baixo	17. Para baixo e para frente
2. Balançar para frente e para trás	18. Para baixo e para trás ou para dentro
3. Balançar para os lados	19. Para cima e para frente
4. Para direita	20. Para cima e para direita
5. Para esquerda	21. Para cima e para esquerda
6. Para frente	22. Para cima e para trás ou para dentro
7. Para trás ou dentro	23. Abrir e fechar
8. Para cima	24. Para frente e para trás (ou para trás e para frente)
...	
9. Para baixo	
10. Para cima e para baixo ou para baixo e para cima	25. Simular um nó ou laço
11. Para direita e para frente retângulo	26. Descrever forma de quadrado ou ....
12. Para direita e para trás ou para dentro	27. Descrever forma de cruz
13. Para esquerda e para frente	28. Girar pelo(s) pulso(s)

14. Para esquerda e para trás ou para dentro	29. Dobrar pelo pulso
15. Para baixo e para direita	
16. Para baixo e para esquerda	
<b>Movimentos de Dedos(s) (MD)</b>	
1. Abrir/distender (Todos os dedos)	7. Curvar
2. Fechar (Todos os dedos)	8. Estalar
3. Abrir um a um (Contagem)	9. Esfregar
4. Fechar um a um (Contagem)	10. Oscilar
5. Aproximar e afastar	11. Balançar(Os dedos)
6. Unir pelas pontas	
<b>Intensidade (I ou IM) ou Frequência (F ou FM) de Movimento</b>	
1. Alternado(s) ou alternadamente (Oscilação de intensidade)	
2. Com força	
3. Com delicadeza	
4. Lenta ou lentamente	
5. Rápida ou rapidamente	
6. Apenas uma vez	
7. Repetição de movimento	

**Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)**

Os autores pontuam que há ainda a repetição do movimento que deve ser levada em conta em alguns contextos. Na construção de um sistema computacional, a repetição do movimento deve ser levada em conta.

### **2.1.1.3 Locação (L)**

Conforme Hulst e Kooij (1998), as principais locações (corpo, mão, braço, cabeça, pescoço e espaço neutro, seguindo por BATTISON, 1978) são os espaços dentro dos quais as mãos se movem. A localização pode ser alguma parte do corpo ou o sinal poderá ter sua execução no espaço neutro horizontal (na frente do corpo) ou espaço neutro vertical (ao lado do corpo). No quadro a seguir, Rosa et al. elencam (2016) os pontos de articulação levantados pelo mapeamento dos estudos sobre a Libras.

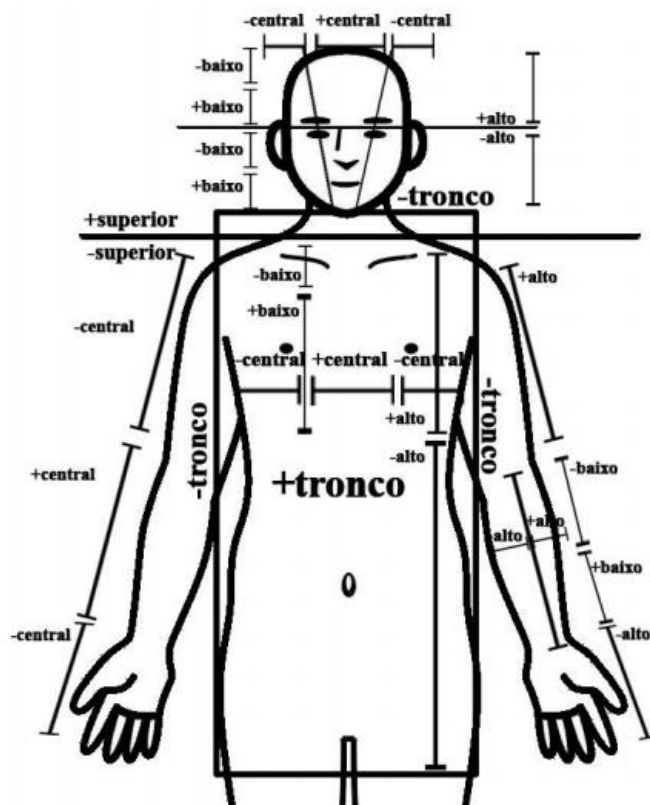
## Quadro 02: Ponto de Articulação (PA)

1. Acima da cabeça	23. Tocando os dentes	42. Tocando a dobra do braço
2. Tocando o topo da cabeça	24. Tocando a língua	43. Lateral do corpo (Esquerda ou direita)
3. Diante do rosto (Face)	25. Tocando a ponta da língua	44. Cotovelo
4. Testa	26. Queixo	45. Tocando o cotovelo
5. Tocando a testa	27. Tocando o queixo	46. Tocando o antebraço (Externo)
6. Tocando a lateral da testa (Esquerda ou direita)	28. Pescoço (Frente)	47. Tocando o antebraço (Interno)
7. Lateral da cabeça	29. Tocando a lateral do pescoço (Esquerda ou direita)	48. Tocando o pulso (Externo)
8. Tocando a lateral da cabeça (Esquerda ou direita)	30. Tocando o pescoço (Frente)	49. Tocando o pulso (Interno)
9. Lateral do rosto (esquerda ou direita)	31. Tocando o pescoço (Atrás)	50. Tocando a mão (Dorso)
10. Tocando a lateral do rosto (Esquerda ou direita)	32. Nuca	51. Tocando dedos (Externo)
11. Tocando a orelha	33. Ombro	52. Tocando dedos (Interno)
12. Tocando o olho	34. Costas (Parte alta)	53. Tocando a palma da mão
13. Tocando o canto do olho	35. Tocando o ombro esquerdo (mão direita tocando o ombro esquerdo)	54. Abdômen
14. Bochecha	36. Tocando o ombro esquerdo (mão direita tocando o ombro direito)	55. Tocando o abdômen
15. Tocando a bochecha	37. Peito	56. Tocando as costas (Parte baixa)
16. Nariz	38. Tocando o peito	57. Cintura
17. Tocando a ponta do nariz	39. Seio	58. Tocando cintura
18. Tocando a lateral do nariz (Esquerda ou direita)	40. Tocando o braço (Externo)	59. Região pélvica
19. Boca	41. Tocando o braço (interno)	60. Tocando a pelvis
20. Tocando a Boca		61. Quadril
21. Lateral da boca (Esquerda ou direita)		62. Tocando o quadril
22. Lábios (inferiores ou superiores)		63. Coxa
		64. Tocando a coxa

**Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)**

Entretanto, a definição dos pontos de articulação na Libras não é única. Santos (2020) apresenta um estudo sobre os pontos de articulação na Libras. Segundo o autor, os pontos são definidos a partir de traços distintivos, que se combinariam formando os pontos de articulação. Desta forma, autor entende que o sistema linguístico não armazena todos os pontos acima como códigos de entrada, mas somente os traços e, a partir desses traços, a língua gera os pontos. Os traços distintivos propostos são 5: [tronco], [superior], [alto], [baixo] e [central] e caracterizam os pontos de articulação conforme a imagem a seguir.

Figura 06: Traços distintivos para pontos de articulação.



Fonte: Santos, 2020, p. 92

De acordo com a proposta do autor, o sinal DESCULPAR (p. 28) contaria com os traços +superior, -tronco, -alto, +baixo e +central. A pesquisa está voltada somente para sinais ancorados no corpo, ou seja, sinais realizados na posição neutra não se enquadram neste modelo de descrição. Como muitos sinais selecionados para esta pesquisa são utilizados no ponto neutro, utilizaremos o quadro proposto por Rosa et al (2016).

#### 2.1.1.4 Orientação da mão (O)

A orientação da palma da mão, apresentada como um parâmetro Battison (1974), não foi considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe. Entretanto, posteriormente outros linguistas demonstraram-se favoráveis à inclusão do parâmetro. A orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. As figuras a seguir ilustram como são caracterizadas as Orientações da mão.

**Figura 07: caracterizadas as Orientações da mão**



**Para cima**



**Para baixo**



**Para dentro**



**Para fora**



**Para o lado**



**Para o lado**

**Fonte: Elaborado pelo autor**

De acordo com Marentette (1995, p.204), igualmente na ASL, enumeram-se seis tipos de orientações da palma na Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para esquerda.

#### **2.1.1.5 Expressões Não-Manuais (ENMs)**

Expressões não-manuais (ENMs), de acordo com o trabalho de Baker (1983), são representadas pelos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco.

Principalmente, exercem dois papéis nas línguas de sinais: marcação de informações sintáticas e diferenciação de itens lexicais. Algumas ENMs vêm associadas ao uso de sinais manuais, porém também podem ser executados sem eles. No quadro 3 são enumeradas as expressões não-manuais segundo o mapeamento realizado por Rosa et al (2016).

**Quadro 03: Expressão não manual na Libras**

1. Sobrancelhas franzidas	11. Língua ou ponta da língua para fora
2. Sobrancelhas arqueadas	12. Lábios cerrados (mastigar)
3. Olhos fechados	13. Lábios protuberantes (beijo/bico)
4. Olhos entreabertos	14. Lábios entreabertos
5. Olhos abertos	15. Lábios simulando fala
6. Olhos arregalados	16. Lábios estalando
7. Arcada dentária cerrada	17. Lábios abertos
8. Arcada dentária batendo os dentes	18. Bocejo
9. Arcada dentária aberta e aparente	19. Bochecha distendida pela ponta da língua
10. Batendo a língua entre os lábios	20. Bochechas infladas

**Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)**

As expressões não-manuais são imprescindíveis para a fonologia da Libras, pois em muitos casos ela faz parte da morfologia lexical do item, em outros casos, ela marca intensidade ou aspecto, além de ser prosódica, indicando pergunta, ou a emoção do falante. Os autores elencam os pontos da face que geram as expressões faciais.

**Figura 08: Ilustração dos pontos de configuração facial.**



**Fonte: Rosa, Krieger, Araujo, Porta (2016)**

O que percebemos é que estes cinco parâmetros são capazes de descrever com precisão os sinais na Libras. Para o nosso estudo, este mapeamento nos servirá como instrumento de descrição dos itens a serem analisados, além nos ajudar a perceber as

diferenças fonológicas entre as variantes. Entendemos que se faz necessário que outras investigações surjam para dar conta de outros aspectos discursivos na Libras, além de expressões corporais e de sinais que fogem deste modelo de descrição, mas para a nossa pesquisa, que analisa o nível fonológico no nível lexical, ele será bastante produtivo.

### **2.1.2 A estrutura lexical da Libras**

Antes de iniciar a explanação sobre o léxico das línguas de sinais e da Libras, é preciso conceituar léxico e qual a sua posição na língua. Conceituar léxico não é uma tarefa fácil. A sua relação com a sintaxe da língua, com a morfologia e com a semântica é motivo de grandes investigações que muitas vezes vão para caminhos opostos. Para Villalva e Silvestre (2014) “pode-se afirmar que o léxico é um repositório das unidades lexicais de uma língua, mas nenhuma das partes desta afirmação é incontroversa” (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 20), isto porque o léxico não é meramente um dicionário de palavras de uma língua e os seus domínios ainda carecem de estudo.

Há ainda a diferença entre o léxico da língua e o léxico do indivíduo, uma vez que

O léxico de uma língua é, pois, uma entidade abstrata que se obtém por acumulação: às palavras em uso por cada falante, no seio de uma dada comunidade de falantes, juntam-se as palavras em uso por outras comunidades linguísticas falantes da mesma língua; às palavras em uso na contemporaneidade, somam-se as que estiveram em uso em sincronias passadas, de que temos notícia pela documentação escrita e que, por vezes, ressurgem; aos dados da escrita, unem-se os da oralidade, quando é possível apreendê-la, dada a muito maior fluidez da oralidade face à escrita. (VILLALVA e SILVESTRE, 2014, p. 22)

O léxico de uma língua é muito superior ao léxico de cada falante. Já o léxico mental, que é o léxico de uma pessoa, é adquirido a partir de suas experiências linguísticas. Desde a tenra infância até o fim da vida, o léxico está se desenvolvendo, pois é sempre possível que uma pessoa esteja em contato com novos itens, e esquecendo outros. Segundo Aitchson (1990), “o léxico de um adulto tem entre 50 mil e 250 mil itens lexicais.” (AITCHSON, 1990 *apud* Villalva e Silvestre, 2014, p. 24). Há que se deixar claro que boa parte destes itens são o que é chamado de léxico passivo, ou seja, itens que não são utilizados pelo falante, mas que ele conhece. Já o léxico ativo são os itens utilizados na produção linguística.



O léxico carrega as informações semânticas ou enciclopédicas, gramaticais e até fonológicas dos itens lexicais. Sempre que um novo item é inserido no léxico do indivíduo, um conceito, ainda que raso, é atribuído a ele pelo falante. Tais informações permitem que o falante crie associações entre os itens. O item *cachorro* pode ser associado ao item *elefante* quando o falante sabe que os dois carregam informações semânticas semelhantes.

Quando dois itens têm informações muito próximas, podemos dizer que eles são sinônimos, mas isto pode variar, a depender do contexto linguístico. Podemos dizer, conforme o exemplo a seguir, que *casa* e *lar* são palavras sinônimas no português e substituíveis em (1) e (2), mas não em (3). O contexto linguístico de (3) aciona as informações que diferenciam tais itens.

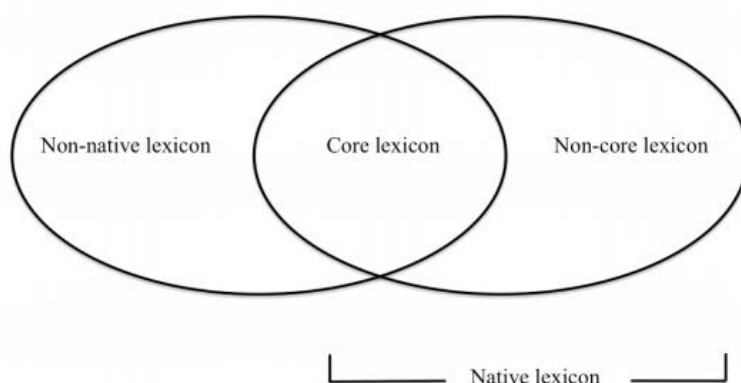
- (1) Eu gosto do conforto do meu lar.
- (2) Eu gosto do conforto da minha casa.
- (3) A minha casa não é mais o meu lar.

Este fenômeno não é o mesmo quando comparamos *jerimum* e *abóbora*, por exemplo, pois estes itens apresentam as mesmas informações em seu léxico. A diferença, neste caso, é diatópica, ou seja, há uma variação regional, pois em alguns lugares do Brasil, pessoas falam *jerimum*, enquanto outras falam *abóbora* quando estão querendo dizer o mesmo. As entradas lexicais são diversas numa mesma língua, o que termina por gerar as variações lexicais.

Ao pensarmos na Libras, o contexto de variedade de itens é ainda maior, pois a escrita tem um papel social de padronizar itens para contextos específicos, portanto, com o passar dos anos, muitas variações lexicais no português deixaram de existir por conta do prestígio da escrita. Este fenômeno não acontece na Libras pois os sistemas de escrita em língua de sinais ainda não são tão difundidos e utilizados pelos surdos. A tecnologia tem servido para padronizar sinais no Brasil, como foi o caso do sinal CORONA VÍRUS, que foi padronizado em todo o Brasil pela comunidade surda. Mas ainda assim, há muitas variações regionais, além das variações envolvendo outras variáveis como a idade e o gênero, por exemplo.

Para entender como este fenômeno acontece na Libras, é preciso se debruçar sobre o funcionamento do léxico nas línguas de sinais, que por conta da modalidade, apresenta algumas diferenças. Segundo Brentari & Padden (2001) *apud* Fenlon et al. (2017, p. 2), o léxico das línguas de sinais pode ser representado conforme a figura 09, a seguir.

**Figura 09: Léxico das línguas de sinais**



**Fonte:** Brentari & Padden (2001) *apud* Fenlon et al. (2017, p. 2)

O léxico é dividido em duas partes, o léxico nativo (Native lexicon) e o não-nativo (Non-native léxico). O léxico nativo, por sua vez, é subdividido em léxico nuclear (Core lexicon) e léxico não-nuclear (Non-core lexicon). Para Fenlon et al. (2017) “os sinais no léxico nuclear são descritos como sendo compostos por unidades sublexicais sem sentido com uma forma altamente convencionalizada e associação de significado” (Fenlon et al. 2017, p. 3), ou seja, assim como no léxico de uma língua oral, o léxico nuclear contém sinais que são formados por unidades menores e sem sentido (movimento, configuração de mão, etc.) e são altamente convencionadas porque são de conhecimento geral e de significado estável. O mesmo não pode ser dito do léxico não nuclear, que é composto basicamente por Classificadores.

Os classificadores, segundo Fenlon et al. (2017) são

sinais que ocupam o léxico nativo não nuclear e também são conhecidos como sinais classificadores, predicados classificadores, sinais de representação, construções de

representação ou sinais polimorfêmicos. A forma da mão identifica a classe do referente e, na maioria das análises, é considerada um status morfêmico (por exemplo, Supalla, 2003, Liddell, 2003). As formas de mãos podem representar classes de objetos, parcial ou totalmente, ou o manuseio de objetos (manipulação de construções). Fenlon et al. (2017, p. 19)

Podemos dizer também que os classificadores são gestos, mímicas e descrições imagéticas que funcionam como predicadores verbais ou modificadores de nomes. Apresentam uma alta produtividade, pois não estão condicionados às restrições fonológicas do léxico nuclear. Além disso, não possuem um significado estável e convencionalizado, pois seu significado sempre estará vinculado ao contexto linguístico, ao predicado ou ao nome modificado pelo classificador, por exemplo. Os classificadores são responsáveis por produzirem muitos sinais no léxico nuclear. Sinais que outrora eram classificadores, passam a se sujeitar às restrições fonológicas e a se estabilizarem quanto ao seu significado assumindo o status de sinal de léxico nuclear, como é o caso do sinal ENCONTRAR e PORTA.

Além disso, os classificadores têm como característica a iconicidade. Uma vez que, num contexto em que a língua de sinais não esteja presente, os classificadores emergem da necessidade de comunicação corporal, os surdos tomam as formas dos materiais da realidade como referência para a produção imagética com sinais, além de simularem contextos e situações para construir predicados verbais. Com o passar do tempo, muitos destes arranjos imagéticos e símbolos icônicos foram perdendo o seu caráter icônico e se lexicalizando. Ainda hoje, sob novos contextos de comunicação, ou performances artísticas, novos itens surgem dos classificadores e estão passíveis de se lexicalizarem, seja por um processo interno do sistema linguístico, seja por convenção, uma vez que há contextos em que não há sinais para termos de áreas específicas e, portanto, a comunidade surda os desenvolve.

Como há diversas comunidades surdas espalhadas pelo Brasil, muitos sinais emergem do léxico não-nuclear e acabam fazendo parte de uma determinada comunidade, sem que outras comunidades tenham contato com o item. Ou mesmo havendo um contato, cada comunidade convencionou, a partir dos classificadores, sinais diferentes para cada novo item. A depender do contexto do item, numa mesma comunidade, sinais diferentes podem emergir tendo um mesmo significado. A produtividade dos classificadores permite

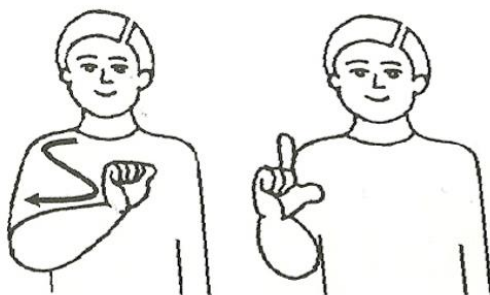
que sinais novos apareçam a cada momento. Sem contar a necessidade de sinais para termos característicos de uso em contextos específicos (jurídico, acadêmico etc.) que pressiona a comunidade a convencionar novos sinais. Muitas vezes os sinais são convencionados a partir do léxico não-nativo também.

O léxico não-nativo diz respeito aos empréstimos linguísticos, principalmente da língua oral de contato. No processo do empréstimo linguístico, é comum que as palavras emprestadas de outra língua ganhem vida, pois é fruto da necessidade do falante tomar emprestadas as palavras ou os sinais já utilizados em outra língua, a língua de origem, para serem expressos numa outra língua, de destino (MCCLEARY, 2008).

Na língua de destino do empréstimo linguístico pode haver modificação, adaptação fonológica ao novo sistema linguístico, inclusive uma modificação semântica, a ponto de muitas palavras consideradas típicas de uma língua serem na verdade empréstimos antigos de outras línguas.

A Libras é de uma modalidade distinta do Português, apresentando empréstimos da Língua Portuguesa na forma de sinais que são constituídos por soletração manual. Essa soletração manual envolve uma sequência de configurações de mãos que têm correspondência, não representa diretamente o Português, é uma representação manual da ortografia do Português, com a sequência de letras escritas do Português” (QUADROS e KARNOPP, 2004). Como exemplo, temos o sinal AZUL, sinalizado a partir da digitação simplificada de algumas letras do alfabeto ritmada numa maior velocidade (este constitui-se no sinal do alfabeto digital da letra “A” e da letra “L”), conforme no dicionário de Capovilla (2001) veja a figura seguinte:

**Figura 10: Sinal AZUL**



**Fonte: Dicionário Capovilla et al. (2001)**

Como as autoras Quadros e Karnopp (2004, p. 47-51) explicam, a datilologia é linear e segue mais a estrutura oral-auditiva, diferente da Libras, que é simultânea. A diferença básica entre uma língua oral-auditiva e uma viso-espacial não é o uso do aparelho fonador/mãos no espaço, e sim a organização fonológica das duas modalidades: a simultaneidade que é mais usada caracteriza as línguas de sinais e a linearidade é mais explorada nas línguas orais.













Considerando que os sinais soletrados manualmente sejam bastante distintos fonologicamente dos sinais típicos da Libras, como é de se esperar em qualquer caso de empréstimo, é interessante observar que os empréstimos do Português na Libras acabam passando pelo mesmo processo de mudança fonológica e semântica que se observam nas línguas.

Segundo Calvet (2002), usuários de duas línguas que convivem por muito tempo num certo local e em contato podem afetar os falantes da outra língua. Isto se chama interferência. As interferências podem ser de aspecto fonológico, sintático e lexical, sendo a lexical mais frequente no encontro entre duas línguas, em particular quando os grupos em contato participam de uma experiência de vida semelhante.

Machado (2016), ao investigar empréstimos linguísticos produzidos no curso Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), percebeu a importância dos empréstimos para a Libras. O autor utilizou como base Carvalho (2009) para dividir os empréstimos em três grupos, os estrangeirismos, os empréstimos e xenismos. O autor focou sua pesquisa no primeiro, definido como o empréstimo em que um termo não perde sua forma original (MACHADO, 2016).

Em sua pesquisa, o autor encontrou 13 itens lexicais, dentre os quais 6 foram categorizados como alternância de código, conforme a figura a seguir.

**Figura 11: Estrangeirismos na Libras**

ENTRADA DO LÉXICO	IMAGEM	ESCRITA DE SINAIS	LÍNGUA DE SINAIS
FALAR			ASL
MORRER			ASL
PODER			ASL/SI
PROCURAR			ASL
QUERER			ASL/LSF
WOW!!!			ASL

**Fonte: MACHADO, 2016 pag. 84.**

Os sinais são utilizados por falantes bilingues. O empréstimo acontece quando o falante não se dá conta de que está utilizando um sinal de outra língua, neste caso, o ASL. Estes estrangeirismos, segundo o autor, a depender de como a comunidade os receba, pode vir a se tornar empréstimos.

## **2.2 Variação e mudança na Libras**

A seguir, apresentaremos um estudo realizado por Diniz (2010) que trata da mudança lexical e fonológica da Libras. O autor analisa três dicionários da Libras com o objetivo de observar a mudança em tempo real na Libras. Com o estudo de Diniz (2010) poderemos perceber como as mudanças ocorreram através de uma metodologia que leva

em conta a mudança em tempo real. É possível que semelhanças entre esse estudo e o nosso possam ser encontradas na análise dos dados.

Diniz (2010) realizou um estudo descritivo das mudanças fonológicas e lexicais da Libras, identificando e analisando os sinais que mais sofreram variação e os possíveis motivos que, ao longo do tempo, culminam em tais variações. O estudo identificou mudanças ocorridas na forma de comunicação das comunidades surdas, bem como a influência da língua escrita, no caso o português, neste processo.

Diniz (2010) realizou análises em dicionários de línguas de sinais e constatou que o primeiro registro gráfico dos sinais utilizados naquela época foi a “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”, criado por Flaustino José da Gama, em 1875, em forma de dicionário. Essa publicação contribuiu para a divulgação da Libras e destacou o que a diferenciava da Língua de Sinais Francesa (LSF) em muitos aspectos. O segundo dicionário foi o livro *Linguagem das Mãos* elaborado pelo padre Eugenio Oates de 1969. O terceiro Dicionário Digital da Libras, em CD-ROM, foi produzido por uma equipe de profissionais surdos e ouvintes em 2006.

O estudo desses dicionários retrata que os sinais usados pelos surdos apresentavam grande iconicidade pelo fato de assimilarem o sinal à sua prática. No entanto, utiliza-se uma configuração lexical diferente. A comparação dos sinais apresentados nesses dicionários contribui para a exploração e o estudo das mudanças fonológicas e lexicais ao longo da história.




Atualmente, nota-se que a Libras apresenta uma maior quantidade de sinais menos icônicos. Aparentemente, o uso dessa língua pela comunidade surda, presente em todos os campos sociais, vem tornando-a menos icônica (DINIZ, 2010).

As principais mudanças fonológicas da Libras foram os parâmetros: Configuração de Mão, Ponto de Locação, Movimento da Mão; mutações dos itens linguísticos em relação ao tempo, que aconteceram devido aos fenômenos extralinguísticos relacionados à cultura, que é dinâmica, e à influência da sociedade contemporânea. Além disso, em alguns casos, a mudança lexical, ou a execução de determinado sinal outrora realizado com as duas mãos e posteriormente executado com uma só mão. Diniz (2010) foi quem documentou o *corpus* dos dicionários e a comparação entre os sinais mais antigos e atuais,

e descobriu que muitos sinais mudaram no decorrer do tempo. Observa-se, nas imagens contidas nessas fontes, que há mudança fonológica simples por pares mínimos e outras mudanças mais significativas, que alteraram muito os seus parâmetros.

Conforme Diniz (2010) salienta, o item lexical apresentado na figura 12, CADEIRA, sofreu alteração na sua forma de execução, passando de uma forma altamente icônica, fazendo alusão aos quatro pés na cadeira para o sinal retratando a ação de sentar, que, por mais que apresente ainda uma iconicidade, é um pouco mais abstrato, já que o sinal mais antigo era feito quase que no tamanho da cadeira, como uma mímica, enquanto que o sinal mais recente apresenta uma versão proporcionalmente menor.

**Figura 12: Registro do item “cadeira” em Libras**




Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Cadeira”	 CADEIRA	 CADEIRA	 CADEIRA

Fonte: Diniz (2010, p. 91)

O sinal correspondente à palavra LEITE, na figura 13, era realizado com o uso das duas mãos, representando a ação literal de se ordenhar uma vaca. Esse sinal dava-se hipoteticamente pela marcação muito acentuada da iconicidade. Atualmente, o mesmo sinal é executado com apenas uma mão, fazendo desuso da mão passiva, embora a informação lexical permaneça na mão ativa, reduzindo o gesto icônico para o sinal arbitrário, retratando o produto exposto em prateleiras de supermercado.





**Figura 13: Registros do item “leite” em Libras**

Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Leite”	 LEITE	 LEITE	 LEITE

**Fonte: Diniz (2010, p. 83)**

O sinal correspondente para PÃO, na figura 14, retrata novamente a marcação icônica. O sinal era idêntico à forma da ação de cortar o pão. Esse sinal sofreu uma mudança lexical, fazendo uso da Configuração Manual “A” ao lado da boca, abrindo mão da iconicidade para dar lugar à arbitrariedade.

**Figura 14: Registro do item “pão” em Libras**

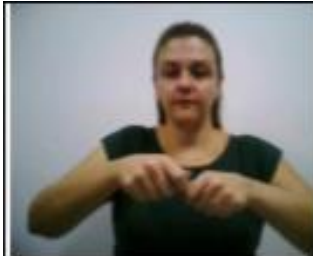


Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Pão”			não há registro

**Fonte: Diniz (2010, p. 101)**

O sinal FACA, na figura 15, sofreu uma mudança fonológica por alteração da Configuração Manual. Essa mudança ocorreu gradualmente em ambas as mãos e está presente nos três dicionários. No primeiro, Iconographia de Gama, o sinal era icônico e representava a ação de cortar os alimentos e a imitação dos movimentos de cortar. No dicionário de Oates, manteve-se o movimento, com alteração às Configurações da Mão que não são idênticas. No dicionário do INES, FACA é considerado um sinal arbitrário

com duas mãos idênticas, com mudança fonológica de movimento, somente uma mão sendo ativa.

**Figura 15: A mudança da forma do sinal FACA pela CM**

Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Faca”			
	FACA 1	FACA 2	FACA

**Fonte: Diniz (2010, p. 83)**

Diante da análise comparativa dos referidos dicionários, é possível classificar os sinais em três categorias: os que permanecem idênticos, sem sofrer alterações; os que sofreram mudanças fonológicas em alguns de seus parâmetros; e os que sofreram mudanças lexicais alterando por completo as formas dos sinais originais. Destes, a predominância nas variações foram as de ordem fonológica. Os fatores externos que contribuíram para tais variações foram o conforto linguístico na articulação das mãos e do corpo, a acuidade visual no espaço da sinalização, a influência das línguas em contato e outros fatores socioculturais como o empréstimo linguístico, bilinguismo, preconceito linguístico e influência da língua portuguesa e dos falantes ouvintes.


Em outras palavras, o estudo procurou resgatar a história das mudanças dos sinais da Libras e como surgiram tais mudanças influenciadas pela instalação do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Observou-se o vínculo existente entre o Instituto e os diferentes dicionários de línguas de sinais da época, que mostram a existência de fortes mudanças linguísticas diacronicamente estabelecidas entre as pessoas de mais idade com as novas gerações que surgem dispostas a reinventar sinais que possibilitem cada vez mais a interação das comunidades surdas com a sociedade em geral.

Nota-se que, enquanto há uma mudança da língua de sinais, existe paralelamente uma série de variáveis diferentes que funcionam como pré-requisito, influenciando

diretamente os processos de variação e mudança linguística. São na realidade vários dialetos oriundos de amigos e familiares na busca de uma melhor compreensão da comunicação através da língua de sinais.

Há alguns sinais idênticos, nos três dicionários, cuja forma é a mesma até hoje, conforme ilustrado a seguir.

**Figura 16: Sinais idênticos em Libras**

Sinal	Iconographia	Oates	INES
“Beber”			

**Fonte: Diniz (2010, p. 80)**

Segundo Diniz, a análise dos dicionários resultou na descoberta de sinais da Iconographia idênticos na Língua de Sinais Americanas e na Língua de Sinais Francesa hoje em dia, mais do que presente nos dicionários Oates e dos INES.

Diniz (2010) percebeu que, com o passar dos anos, os dicionários foram se desenvolvendo gradativamente, apresentando uma interação mais eficaz entre os escritores e leitores. Não há preocupação somente em se fazer dicionários, mas também em analisar as metodologias de produção lexicográfica, isto é, como e para que os dicionários têm sido feitos.

Por meio dos estudos dos dicionários de Libras, percebe-se alterações na categorização destes. Algumas categorias permanecem idênticas até a atualidade e outras vêm sofrendo mudanças gradativas, com ideias inovadoras, influenciadas pelos estudos efetuados a partir da história da língua de sinais e o seu processo evolucionário. Tais descobertas são de grande valor para a comunidade acadêmica nos seus aspectos socioculturais, resgatando a história e os valores das comunidades surdas esquecidas no passado, recuperando sua própria identidade, frente àqueles que utilizam a língua oral.

Schmitt (2013) pesquisou a história da Língua de Sinais no Estado de Santa Catarina, registrando variações de uso e observando mudanças lexical e fonológica no “falar” dos surdos jovens, adultos e idosos. Seguem alguns exemplos de sinais da pesquisa realizada pelo autor.

**Figura 17: Sinal PADRE em Libras**

Sinal	Surdos idosos	Surdos jovens
“Padre”		

Fonte: Schmitt (2013, p. 180)

O autor confirma a mudança fonológica: os surdos idosos usaram a Configuração Manual “B” posicionada na frente do peito, no espaço neutro, desenhando uma cruz com a mão, apresentando iconicidade e surdos mais jovens usaram para o mesmo sinal a Configuração Manual “U”, que também representa o gesto do padre e/ou “P”, que, ao que parece a CM vem da influência do oralismo (palavra PADRE), o Movimento e o Ponto de Articulação permaneceram. Essa variação ocorrida apenas na Configuração Manual pode ser considerada como uma variação ou mudança fonológica.

**Figura 18: Sinal Política**

Sinal	Idosos	jovens
“Política”		

Fonte: Baseado em Schmitt, 2013, p. 162

O autor afirmou que os surdos jovens ao executar o sinal de POLÍTICA utilizam a mão direita na Configuração Manual “P” em movimento circular no lado do rosto com a bochecha insuflada, que pode ser entendido como o ato de discutir a política, aparecendo, nesse caso, com sentido abrangente. Uma variação para esse sinal é realizada com uma Configuração Manual diferente: o dedo indicador de ambas as mãos com as extremidades próximas em frente do corpo em movimento alternado para cima e para baixo, localizado no espaço neutro. O mesmo sinal, executado pelos surdos idosos, é realizado com a mão passiva aberta, palma para cima e a mão dominante em “P”, representando, iconicamente, a sede do congresso em Brasília.

Schmitt (2013) menciona que a influência do conhecimento nas áreas tecnológicas é de significativa importância para que a variação e mudança lexical aconteça, uma vez que essa influência transforma a sociedade e sua língua usada na comunicação. No caso da pessoa surda em contato com a língua de sinais, ela acaba valorizando mais a língua de sinais, que torna a cultura surda dinâmica e proporciona uma nova forma de comunicação para o indivíduo surdo.

A variação estável pode ser observada considerando-se a combinação dos resultados das variáveis: idade, sexo, classe social e nível de escolaridade. Em relação à faixa etária, a variação estável diz respeito a variantes que coexistem por um longo período, mas sem ter necessariamente predominância de uma sobre a outra. Resultados recentes apontam para uma terceira possibilidade: o indivíduo muda com o passar do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que estão os falantes mais velhos atualmente (SCHIMITT,2013).

Conhecemos quais sinais são arcaicos, ou seja, não são mais frequentes nos falantes surdos, devido às mudanças na fonologia das línguas de sinais, que ocorrem em decorrência de alguns processos fonológicos. Assim, observam-se alterações em algum dos parâmetros constitutivos do sinal, como, por exemplo, as configurações de mãos, a locação, o movimento e a orientação da palma. Identificam-se também os sinais idênticos, os sinais em mudança fonológica e os sinais inovadores, mudados lexicalmente, ou seja, com nova forma do mesmo significado.

Em relação aos sinais em mudança, alguns tiveram o alto grau de relação icônica transformado para sinais arbitrários, através de restrições fonológicas (DINIZ, 2010).

A mudança contribui para a constituição e a reorganização das línguas de sinais. A produção de sinais é observada a partir da percepção visual, respeitando as restrições fonológicas na Libras. Restrições estas que se referem ao uso das mãos e do corpo, e do espaço da sinalização de acordo com as propriedades manuais e visuais

A partir da consideração desses estudos previamente aqui relatados, situamos nossa questão de pesquisa, que se ocupa em estudar a variação no uso da Libras, em Maceió, por meio dos sinais produzidos pelos indivíduos surdos, distintos sociolinguisticamente, de diferentes localizações da cidade. Para isso, iremos nos concentrar na sinalização de surdos pertencentes a diferentes faixas etárias e de nível escolar diversificado, portanto, dotados de costumes e crenças próprias.

### **2.2.1 Variação fonológica na Libras**

Os estudos sobre a variação fonológica em línguas de sinais são recentes. Podemos destacar estudos sobre variação em contextos fonológicos em ASL de Battison et al. (1975), Hoopes (1998) e Lucas et al. (2001). No Brasil, as pesquisas ainda são bastante incipientes. Um relevante estudo realizado por Xavier e Barbosa (2014) apresenta uma análise sobre variantes fonológicas na Libras.

A pesquisa foi realizada com 12 participantes surdos (seis homens e seis mulheres) adultos, nascidos e residentes em São Paulo, com idade entre 17 e 60 anos. Os autores analisaram a variação na configuração de mão, na localização e no movimento, com exemplos a seguir.

#### **2.2.1.1 Variação na configuração de mão**

De acordo com Xavier e Barbosa (2014), há variações fonológicas percebidas na realização da configuração de mão quando a posição dos dedos, se abertos ou fechados ou se há contato do polegar com os demais dedos ou não. Apresentaremos exemplos a seguir. Segundo Brentari e Padden (2001), podem ser chamados de sinais não-nativos os sinais que contam com configuração seguindo o alfabeto manual. O sinal PESSOA apresenta a letra P como configuração de mão. Para Brentari e Padden (2001) este é um exemplo de empréstimo da letra inicial. Entretanto, conforme as imagens a seguir, há uma variante que mantém movimento e locação, mas a configuração de mão se altera quanto

à posição dos dedos, conforme a imagem a seguir. A informação trazida pelo empréstimo, ou seja, a configuração de mão P se dilui formando uma nova configuração de mão.

O segundo exemplo, o sinal CANCELAR, apresenta uma variação quanto à configuração, já que o sinal pode ser realizado com o dedo indicador, ou com a configuração correspondente ao letra B em Libras. Esta mesma variação aparece em sinais como CONCORDAR, DESCOBRIR, SILÊNCIO e TAMBÉM.

**Figura 19: Variações para os sinais PESSOA e CANCELAR em Libras**



PESSOA

CANCELAR

**Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 382)**

Além deste exemplo, há também a pesquisa de Hoopes (1998) sobre a extensão do polegar. Em sinais como THINK em ASL, o polegar pode estar estendido ou contraído, sem alteração no significado. A forma de citação para o sinal é com o polegar contraído, porém, em contextos de final de frase, ou do sinal isolado, ou em repetição, o sinal aparece com o polegar estendido.

#### **2.2.1.2 Variação na locação**

Quanto à locação, Xavier e Barbosa (2014) mencionam que há sinais que podem variar a locação na região da face, tanto de uma posição central para a lateral, quanto de cima para baixo.

**Figura 20: Variação nos sinais ALÍVIO e ENTENDER**



ALÍVIO

ENTENDER

**Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)**

O sinal ALÍVIO, conforme as imagens acima demonstram, é produzido com variação central/lateral. Quanto à variação de locação cima/baixo, o sinal ENTENDER é um exemplo de sinal em que este fenômeno ocorre.

### **2.2.1.3 Variação no movimento**

Sobre a variação no movimento, uma importante pesquisa sobre o movimento no sinal DEAF (surdo) em ASL (Língua de sinais americana) realizado por Bayley et al. (2000). Segundo os autores, os surdos realizam o sinal dessas duas maneiras:

**Figura 21: Sinal para DEAF (surdo) em ASL**



**Fonte: Bayley et al., 2000, p. 85**

A variação na direção do movimento, que na primeira variante acontece da orelha para o queixo e, na segunda variante, do queixo para a orelha. Os pesquisadores



analisaram a produção de 200 participantes e concluíram que o fator linguístico sinal subsequente e os fatores extralinguísticos região e idade influenciou a produção dos participantes.

#### 2.2.1.4 Variação na orientação

O sinal TARDE pode ser realizado apontando os dedos para frente ou para o lado, segundo as imagens a seguir acordo com Xavier e Barbosa (2014). Pode haver variação quanto à orientação da palma da mão para cima ou para baixo ou para lado esquerda ou para lado direito.

**Figura 22: Variação nos sinais LETRA A e TARDE**



Letra A

TARDE

**Fonte: Xavier e Barbosa (2014, p. 384)**

O sinal da letra A pode ser realizado com a palma orientada para frente ou para o lado, sem que haja prejuízo na compreensão do sinal.

#### 2.2.1.4 Variação na expressão facial

Quanto à variação nas expressões faciais, há sinais como EUA e ROUBAR que apresentam variação quanto ao elemento não manual do sinal (XAVIER e BARBOSA, 2014). Há ainda sinais como ALTO, GORDO e PIPA em que há uma variação na expressão facial, cujas variantes são presença/ausência da marcação, conforme a imagem a seguir.

**Figura 23: Variação no sinal Estados Unidos**



**Fonte: Xavier e Barbosa, 2014, p. 384**

Em todos estes casos, as variações são mínimas e estão na base fonológica dos sinais. As variações surgem através do uso da Libras, e implicam em perda de expressão facial, mudança na configuração de mão ou alteração do ponto de articulação. Os sinais se adaptam e se tornam mais práticos com o passar do tempo, tornando a articulação leve e rápida (ANN, 2005), ou adquirem novas informações a depender dos padrões fonológicos da língua, como a preferência por sinais com movimento (XAVIER).

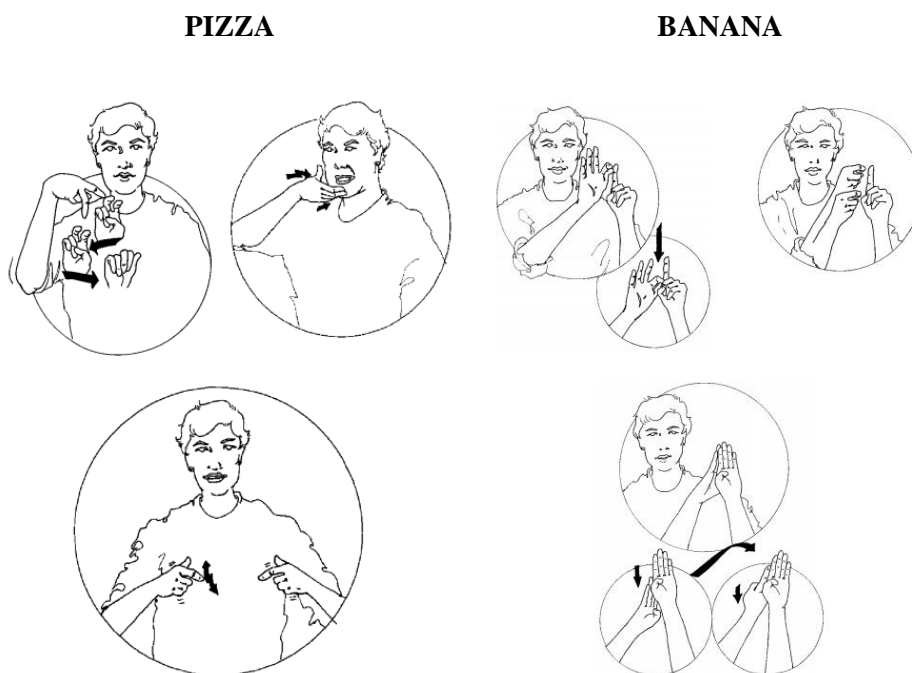
Além disso, Xavier e Barbosa (2014) apontam também variação quanto ao número de mãos em um dado sinal, o contato da mão com alguma parte do corpo, da coocorrência de oralização parcial ou total de palavras do português e da presença ou não de movimento na mão não-dominante. O trabalho dos autores foi de extrema relevância para que novas pesquisas sejam feitas com um olhar sobre a variação fonológica na Libras. A seguir apresentaremos as variações lexicais na Libras, que se diferem da variação fonológica por haver uma substituição total do item lexical, não só de um parâmetro.

### **2.2.2 Variação lexical da Libras**

O estudo sobre a variação lexical em línguas de sinais foi um dos primeiros a surgirem nessa área, segundo Schembri & Lucas (2015). A autora menciona um pequeno trabalho de Croneberg (1965) inserido no apêndice do Dicionário de ASL. O trabalho comparava a sinalização de uma jovem negra surda com a sinalização de surdos brancos. O autor atribuiu as diferenças linguísticas à segregação nas escolas para surdos nos EUA. De lá pra cá, muitas pesquisas foram feitas no intuito de entender como e por que os surdos apresentam léxicos diferenciados dentro de uma mesma comunidade de fala.

Nos EUA, a diferença entre a sinalização de surdos negros e brancos sempre foi motivo de estudo, desde Croneberg (1965). Schembri & Lucas (2015) citam pesquisas como Woodward (1976), Lucas, Bayley, Reed, and Wulf (2001), McCaskill et al. (2011), e Lucas, Bayley, McCaskill e Hill (2013) como referências de estudos sobre o tema. O trabalho de Lucas, Bayley, Reed, and Wulf (2001) utilizou 34 itens, estimulados por datilologia e imagens, misturados a 106 distratores. Sinais como PIZZA e BANANA foram produzidos de maneira diferente, conforme as figuras a seguir.

**Figura 24: Variação no sinal PIZZA e BANANA em ASL**



**Fonte: Lucas, Bayley, Reed e Wulf (2001)**

Os resultados apontam uma diferença de itens lexicais em 29 dos 34 itens. Os pesquisadores concluem que há uma diferença no léxico de surdos brancos e surdos negros nos EUA.

No Brasil, um estudo foi realizado por Silva (2014) no Rio Grande do Sul sobre a variação na utilização de sinais para PAI e MÃE. A pesquisadora entrevistou 10 homens e 10 mulheres surdas e gravou a conversa, pedindo para que os surdos falassem sobre suas relações familiares. Foram três as variantes previstas para mãe e três para pai, conforme as imagens a seguir.

## Figura 25: Variação nos sinais PAI e MÃE



Figura 1a: Forma padrão do sinal de PAI, composto pela junção dos sinais HOMEM (1/2) +BÊNÇÃO.



Figura 1b: Forma não padrão do sinal de PAI, sinal soletrado.



Figura 1c: Forma não padrão do sinal de PAI, originário do Rio Grande do Sul.



Figura 2a: Sinal MÃE, forma padrão, composta pela junção dos sinais MULHER+BÊNÇÃO.



Figura 2b: Sinal MÃE, forma não padrão, apresentada pelo sinal BÊNÇÃO, sendo que o sinal de MULHER foi suprimido.



Figura 2c: Forma não padrão do sinal MÃE (Florianópolis), dedo indicador toca duas vezes a lateral do nariz.

Fonte: Silva (2015, p. 5)

A pesquisa aponta que, na comunidade surda da capital do estado, o sinal de pai **HOMEM + BENÇÃO** está caindo em desuso, pois não houve um caso sequer das 42 ocorrências. O sinal **PAI**, próprio do Rio Grande do Sul foi a variante mais utilizada entre os jovens, e a segunda variante para mãe não foi utilizada pelos jovens, o que pode indicar que brevemente entrará em desuso.

Se faz necessário que mais pesquisas sejam realizadas quanto à variação linguística da Libras, uma vez que são escassos os trabalhos nesta área. Muitos trabalhos apontam para a variação, mas em contextos distintos, como a variação de sinais por intérpretes de Libras, ou a variação em escrita de sinais. Um estudo sobre a variação lexical que aponte para uma compreensão de que fatores podem influenciar as escolhas dos falantes e de como há na comunidade surda uma variação lexical tão expressiva pode nos aprofundar as discussões, não só sobre variação, mas sobre o estudo do léxico como um todo. Da mesma forma, o estudo sobre a variação fonológica a partir de dados de produção espontânea em Libras pode evidenciar contextos reais de variação e contribuir para os estudos da fonologia da Libras.

### **3. Aspectos metodológicos da pesquisa**

Nesta seção, será apresentado o percurso metodológico utilizado nesta pesquisa. Antes disso, apresentaremos os pressupostos da metodologia laboviana e os objetivos da pesquisa e as hipóteses, de forma clara e direta, pois servirão para justificar a metodologia escolhida. Em seguida, a discussão está dividida nos tópicos seguintes: a) a constituição do *corpus*; b) a seleção dos dados para a pesquisa; e c) o perfil dos informantes para a pesquisa.

#### **3.1 A Metodologia Laboviana**

Neste tópico, abordaremos conceitos e direcionamentos metodológicos que são caros à teoria variacionista e que podem não ter sido levados em conta nesta pesquisa por questões que serão detalhadas a seguir.

Inicialmente, percebe-se que a metodologia de coleta de dados pode se chocar com a metodologia laboviana no que diz respeito ao “Paradoxo do observador”. O paradoxo do observador é levado em conta em sua teoria uma vez que o autor buscava analisar dados espontâneos de fala. A questão que se coloca é que a presença do

pesquisador (observador) por si só já interfere na produção linguística do falante, que deixa de ser espontânea. A ausência do pesquisador, no entanto, descaracteriza a pesquisa científica. Neste sentido, há um paradoxo, pois com a presença do observador, os dados deixam de ser espontâneos, e sem a presença dele, não há pesquisa.

Para resolver esta questão, Labov indica que o pesquisador procure estratégias que possa fazer com que o participante “se esqueça” que está sendo observado. O pesquisador não pode omitir ao participante que ele está participando da pesquisa, mas pode, depois de comunicá-lo, distraí-lo de forma que ele se desligue do ambiente de entrevista e produza dados espontâneos. Para tanto, os pesquisadores de línguas orais buscam utilizar gravadores de áudio discretos, e evitam dar ênfase ao gravador para que o participante não se sinta intimidado.

No entanto, em se tratando da coleta de dados de línguas de sinais, a realidade é diferente. Para que uma câmera capture os sinais com nitidez, é necessário que uma boa câmera seja utilizada num ângulo próximo e à frente do falante, o que faz com que o participante seja sempre lembrado que está sendo gravado. Além disso, por ter fins outros que não só a pesquisa sociolinguística variacionista, 4 câmeras foram utilizadas num estúdio fechado, para que os sinais fossem captados, assim como os movimentos corporais na hora da sinalização.

Apesar de entender que estes fatores podem ter interferido na produção dos surdos, entendemos que a preocupação com a presença de entrevistadores surdos, ou de duplas de participantes surdos e próximos, além de estratégias como buscar do entrevistado informações sobre sua vida pessoal podem ter contribuído para que os surdos produzissem dados mais espontâneos. É preciso levar em conta também que a quantidade de dados coletados para esta pesquisa não seria expressiva caso precisássemos realizar uma coleta de dados própria, uma vez que contamos com surdos de diversas idades, homens e mulheres, ou seja, uma amostra representativa para o que estamos pesquisando.

Uma nova coleta demandaria um tempo que provavelmente não iria condizer com o tempo de mestrado. Ainda assim, a presença da câmera, por si só, já faria com que os entrevistados não se sentissem tão à vontade, quanto os participantes de pesquisas em línguas orais. Pesquisas como esta devem ser feitas, ainda que nestas condições, para que sirvam como base para novas pesquisas com metodologias mais específicas.

Além disso, o controle das variáveis na seleção dos participantes não seguiu o padrão laboviano à risca, pois contou com participantes com escolaridades diferentes, o que pode ser um fator influenciador nos resultados. Além disso, questões como a escola em que os surdos estudaram podem ser um fator motivador e isto não foi levado em conta na coleta de dados. Mesmo realizando uma nova coleta de dados, é possível que não conseguíssemos neutralizar as variáveis não estudadas, uma vez que a comunidade surda é consideravelmente menor que a comunidade ouvinte. Desta forma, a seleção dos participantes acaba sendo limitada. Não há muitos idosos surdos fluentes em Libras, assim como muitos jovens surdos apresentam escolaridades distintas, pois há muitas falhas ainda na educação de surdos. Ainda assim, é possível que, após a coleta, façamos algumas considerações sobre a escolaridade dos participantes.

A quantidade de participantes é relativamente pequena, se comparada às recomendações labovianas de que 5 células sejam necessárias no mínimo para produzir resultados confiáveis. Devido às questões elencadas no parágrafo anterior e ao fato de que não haveria tempo hábil para analisar tantos dados, duas células somente foram escolhidas. Neste sentido, em termos labovianos, não poderíamos dizer que se trata de uma amostra representativa da comunidade de fala analisada.

Trabalhamos com variações fonológicas e lexicais. Para efeitos metodológicos, faremos uma distinção breve entre o que chamaremos de variação fonológica e de variação lexical, de acordo com as discussões dos autores já apresentados no capítulo anterior. A variação fonológica acontece quando há alteração fonológica no item lexical. Na libras, ela acontece quando há uma alteração em algum parâmetro da Libras. Já na variação lexical, além de possuir raiz etimológicas diferentes, as variantes irão apresentar diferenças estruturais em mais de um parâmetro.

Por fim, é importante frisar que também a delimitação das variáveis não seguiu o padrão laboviano. Apesar de analisarmos a iconicidade dos itens e a sua relação com a escolha dos falantes, não há uma variável linguística a ser analisada. Quanto as variáveis extralinguísticas, analisaremos as variáveis Sexo/gênero e Faixa etária, partindo da hipótese de que surdos mais idosos apresentam um léxico diferente dos surdos mais novos e que a iconicidade pode ser um fator diferencial.

### 3.2 Objetivos da pesquisa

A partir da contextualização realizada nas seções anteriores, acerca da variação linguística, apresentamos nosso objetivo central neste estudo, que é analisar e comparar os sinais lexicais e fonológicos de surdos jovens, adultos e idosos, na modalidade visual-espacial, da cidade de Maceió, capital do estado de Alagoas. Como objetivos específicos, listamos:

- Identificar no corpus as variações linguístico-lexicais de sinais executados, controlando as variáveis sexo/gênero, escolaridade e faixa etária como possível condicionadora da variação,
- Comparar as variações encontradas na língua de sinais utilizada pelos indivíduos surdos pertencentes a diferentes faixas etárias –jovens, adultos e idosos.
- Verificar se a faixa etária é uma variável condicionadora nas diferentes formas de realização de sinais em Libras.
- Identificar e descrever as variações lexicais e fonológicas da Libras.

A hipótese central da pesquisa é a de que há uma variação presente na produção dos sinais entre surdos de diferentes faixas etárias residentes na cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Acreditamos que há surdos idosos que por não conviverem com outros surdos de menor faixa etária e não fazerem uso das redes sociais continuam utilizando os sinais mais antigos, permanecendo num grupo social separado e não adquirindo novos sinais, tampouco os substituindo, por não se aderirem às novas tecnologias que diminuem as fronteiras linguísticas e influenciam o sinalizar dos mais jovens e adultos. Desta forma, pessoas mais idosas tendem a utilizar sinais mais icônicos.

### 3.3 A constituição do *corpus*

O *corpus* de análise foi constituído a partir da seleção de dados do Projeto *Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais* do Instituto de Investigação e Desenvolvimento de Política Linguística, que é um projeto encabeçado pela Universidade Federal de Santa Catarina, mas que conta com diversas outras universidades. A construção do *corpus* realizada em Maceió, Alagoas, foi coordenada pelo Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva, e foi desenvolvida na Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Os objetivos do projeto são:



- Disponibilizar um *corpus* da Libras empiricamente abrangente e teórica/metodologicamente bem fundamentado representando, também, um inventário da Libras, de forma gratuita e online, a outros pesquisadores da Libras e a profissionais que atuam com pessoas surdas e que desejem utilizá-lo para fins variados;
- Oferecer diretrizes para a constituição de *corpus* de libras em futuras pesquisas, particularmente no que tange ao registro, a documentação e a recuperação de dados para fins de análise linguística;
- Disseminar à comunidade acadêmica as alternativas tecnológicas de que hoje dispomos para fundamentar empiricamente as pesquisas com libras de uma maneira consistente;
- Realizar um importante registro linguístico, histórico e cultural da vida das pessoas surdas, contribuindo para o processo de inclusão social na sociedade brasileira. (QUADROS, 2014, p. 6)

O projeto tem abrangência nacional e os dados podem ser encontrados no site: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/>. Vale ressaltar que toda a coleta de dados realizada em Alagoas (dados utilizados pela presente pesquisa) seguiu o protocolo estabelecido pelo comitê de ética da Universidade Federal de Alagoas. Para cada informante, há uma ficha preenchida e assinada, contendo todas as informações necessárias sobre o Projeto, sua finalidade, com dados pessoais e uma autorização para uso com fins de estudo dos dados coletados e registrados.

Participaram da coleta 36 surdos, divididos em três grupos: Grupo 1 - com idade até 29 anos; Grupo 2 - com idade entre 30 a 49 anos; Grupo 3- com idade acima de 50 anos. Todos os participantes surdos vivem em Maceió há mais de 15 (quinze) anos, são de diferentes escolaridades, sendo 18 (dezoito) do sexo masculino e 18 (dezoito) sexo do sexo feminino, todos fluentes em Libras e filhos de pais ouvintes.

A organização da gravação foi distribuída entre voluntários e bolsistas do PIBIC e do CNPQ, responsáveis pela organização das entrevistas com os surdos participantes, com a gravação no estúdio no prédio do curso Letras Libras na UFAL, em uma sala com pintura azul. No estúdio existem 04 (Quatro) filmadoras de alta qualidade, com iluminação própria. A organização aconteceu assim: quatro câmeras foram utilizadas para as filmagens, colocadas em ângulos para que a gravação dos depoimentos fosse bem aproveitada. No estúdio havia 02 (duas) cadeiras, uma de frente para a outra, utilizada pelos participantes, ou pelos bolsistas do projeto para arguição. A primeira câmera

colocada em cima para filmá-los, a segunda câmera no centro em frente a dupla, a terceira câmera ao lado para filmar o entrevistado surdo e a quarta câmera filmando apenas o bolsista. Os dados foram coletados no ano de 2018.

A coleta de dados aconteceu em um tempo de 2h para cada dupla de participantes, dividida em 4 momentos de 20 a 30 minutos, descritos a seguir.

- i) atividade de descontração e entrevista de vida (30 minutos): por meio de uma entrevista semiestruturada e semiaberta, o pesquisador buscava eliciar do informante relatos pessoais, envolvendo questões tais como: a história do seu sinal, a sua história de aquisição da libras e de participação na vida da comunidade surda local, a sua relação com a língua portuguesa e a libras em termos de usos e atitudes, o(s) acontecimento(s) de maior impacto em sua vida particular, e suas aspirações pessoais e profissionais;
- ii) atividade de eliciação de narrativas (20 minutos): o participante recontava três narrativas que já foram utilizadas em diversos estudos linguísticos e, portanto, poderão ser utilizadas em pesquisas comparativas com outras línguas orais e línguas de sinais: a Pear Story; a Frog: where are you?; e a Canary Row, de Tweety & Sylvester;
- iii) intervalo de 20 minutos para descanso;
- iv) atividade de eliciação gramatical e lexical (30 minutos): o participante era apresentado a estímulos criados especificamente para a eliciação de construções gramaticais e itens lexicais da libras, a serem adaptados do projeto de *corpus* da língua de sinais alemã (Nishio et al., 2010);
- v) conversação (até 20 minutos): a dupla será deixada a sós no estúdio para conversar, ou de forma livre ou sobre um tema do cotidiano a ser oferecido pelo pesquisador como estratégia de estímulo. (QUADROS, 2014, p. 8)

Os vídeos foram armazenados em arquivo de HD e foi utilizado o auxílio do programa de Edição de vídeos Adobe Premiere Pro CC para editar as gravações dos vídeos.

### **3.4 Seleção dos dados para a pesquisa**

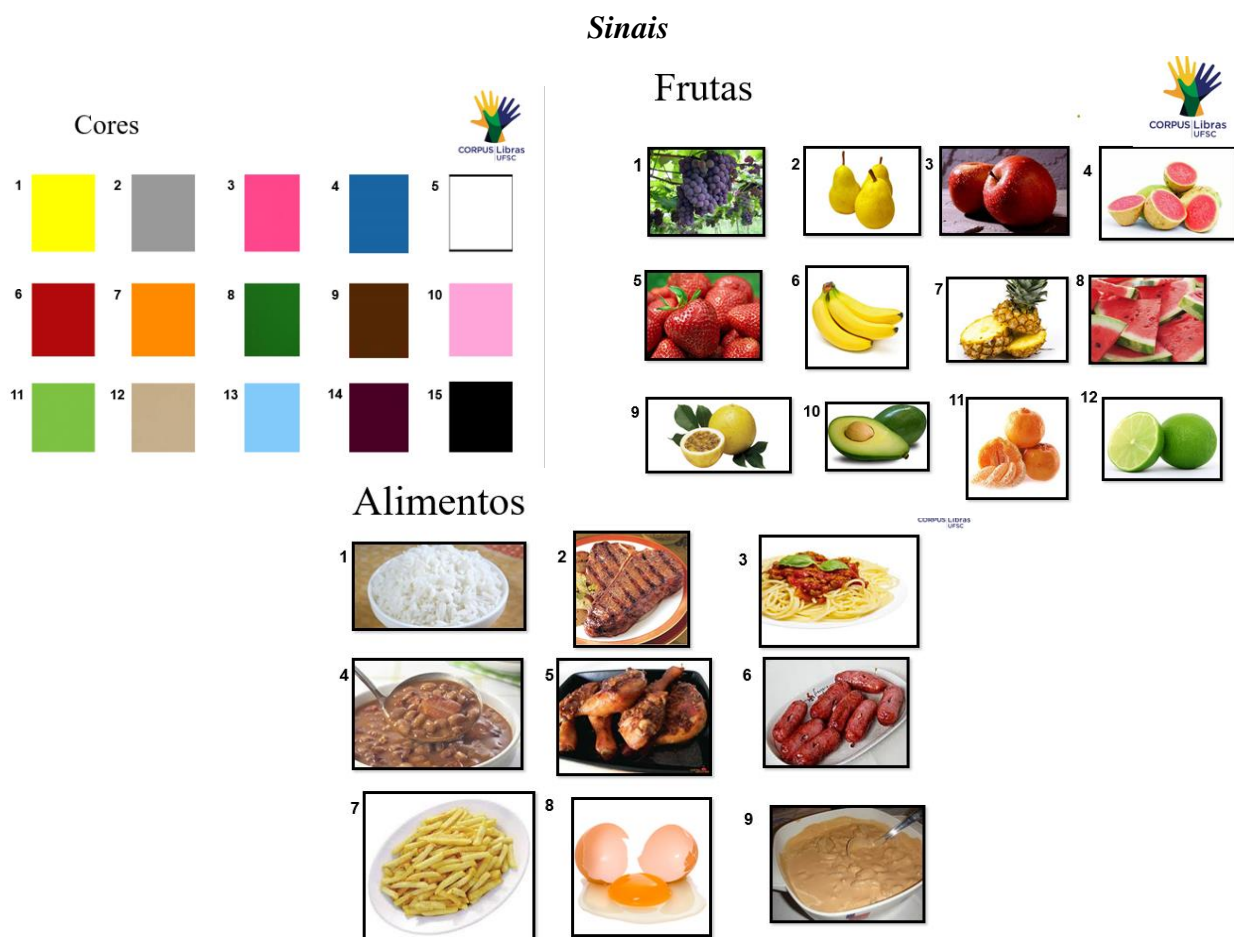
Para esta pesquisa, foram selecionados vídeos de 12 participantes, buscando uma simetria em relação ao perfil social dos informantes, como o sexo e a faixa etária. Além disso, somente os vídeos de atividade de eliciação gramatical e lexical foram analisados, tendo em vista os objetivos desta pesquisa, centrada na variação lexical e fonológico de

sinais. Os mesmos sinais deveriam ser comparados entre todos os participantes e, dessa forma, nas atividades de eliciação lexical é que pudemos obter essa situação.

### Atividade de eliciação gramatical e lexical

Esta etapa contou com a eliciação a partir de categorizações, de acordo com campos semântico-lexicais distintos: cores, calendários, família, alimentos, frutas, legumes, bebidas, ocupações profissionais, Estados. No total, há 100 (cem) itens de vocabulário no banco de dados do Projeto, referente a Maceió. Todos os itens de vocabulário foram obtidos pelas imagens sem nenhuma palavra escrita em português, exceto para a categoria *família*. O computador foi utilizado como a ferramenta de apoio, através do qual os surdos assistiam aos slides e sinalizavam com os sinais correspondentes ao que lhes era apresentado.

**Figura 26: Categorias do Projeto *Inventário Nacional da Língua Brasileira de***



**Fonte:** <http://www.corpuslibras.ufsc.br/>

No primeiro momento, assistimos a todos os vídeos de coleta sobre itens de vocabulário e percebemos que cada categorização teria as suas variações. Foram selecionadas quatro categorias, que seriam: cores, que no Projeto apresentava 15 itens de vocabulário; alimentos, que apresentava 9 itens de vocabulário; frutas, que apresentava 12 itens de vocabulário. Após a seleção dessas quatro categorias, foram selecionados os sinais mais usados para que ficássemos com um processo padrão de pesquisa, uma vez que nem todos os informantes respondiam quando eram indagados acerca das figuras que lhes eram apresentadas.

Após observar as respostas dos informantes, foram selecionados os itens de vocabulário de acordo com o quadro a seguir.

#### **Quadro 04: Relação de itens de vocabulário**

<b>Categoria</b>	<b>itens escolhidos</b>
1. Cores	Branco, Vermelho, Rosa e Marrom
2. Alimentos	Carne e Arroz
3. Frutas	Maracujá, Abacate e Melancia

**Fonte: Elaborado pelo autor**

### **3.5 O perfil dos informantes**

Os informantes são todos surdos, fluentes em Libras há pelo menos 7 anos, alagoanos, filhos de pais ouvintes e estão estratificados de acordo com a faixa etária, organizados em três grupos:

Grupo 1: é formado por 4 pessoas até 29 anos de idade;

Grupo 2: é formado por 4 pessoas entre 30 até 49 anos;

Grupo 3: é formado por 4 pessoas com mais de 50 anos;

As variáveis idade e sexo/gênero foram levadas em conta para a criação da célula. Cada célula contém um homem e uma mulher de cada faixa etária descrita. Há, portanto, duas células na presente pesquisa, conforme o quadro abaixo.

**Quadro 05: Caracterização dos informantes da pesquisa**

<b>Grupo</b>	<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Frequentou escola inclusiva</b>	<b>Frequentou escola especial</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Profissão</b>
<b>I</b>	IA	M	19 anos	Sim	Não	Ensino Superior	Estudante
	IB	M	29 anos	Sim	Não	Ensino Superior	Instrutor de Libras
	IC	F	25 anos	Sim	Sim	Ensino Médio	Desempregado
	ID	F	20 anos	Sim	Sim	Ensino superior	Estudante
<b>II</b>	IE	F	30 anos	Sim	Sim	Ensino Superior	Estudante
	IF	M	34 anos	Sim	Sim	Ensino superior	Instrutor de Libras
	IG	F	30 anos	Sim	Sim	Ensino superior	Professora de Libras
	IH	M	30 anos	Sim	Não	Ensino superior	Professor de Libras
<b>III</b>	II	M	51 anos	Sim	Sim	7º no Ensino fundamental	Aposentado
	IJ	M	62 anos	Sim	Sim	Ensino médio	Aposentado
	IK	F	60 anos	Sim	Sim	Ensino médio	Professora
	IL	F	69 anos	Sim	Sim	3º no ensino fundamental	Aposentada

**Fonte: Elaborado pelo autor**

A seguir, apresentaremos a descrição e análise dos dados coletados.

#### **4. ANÁLISE DOS DADOS**

A análise dos dados será dividida em duas etapas. A primeira etapa consistirá na descrição das variantes analisadas. Em virtude do tempo de investigação, que é curto por se tratar de uma dissertação de mestrado, analisaremos a realização de sinais correspondentes a 9 itens referenciais, e não dos 16 coletados na construção do *corpus*, quais sejam MARACUJÁ, MELANCIA, CARNE, ARROZ, VERMELHO, MARROM,

BRANCO, ABACATE e ROSA. Estes referentes foram escolhidos por apresentarem peculiaridades em relação à iconicidade e à quantidade de variantes, além das diferenças entre os grupos estratificados. Tomamos o cuidado também de escolher sinais com variação fonológica e com variação lexical, sem misturar os níveis de análise, ou seja, haverá uma seção para variação fonológica e uma seção para variação lexical. Descreveremos suas variantes do ponto de vista linguístico, a partir da observação dos parâmetros fonológicos (STOKOE, (1960), ROSA et al (2016)) e da observação dos aspectos lexicais com base em Fenlon et al. (2017). Na segunda etapa, iremos apresentar considerações sobre o contexto social dos indivíduos e como as variáveis externas, sexo, escolaridade e idade podem ter influenciado na produção dos falantes.

#### 4.1 Descrição e análise linguística dos dados

Os dados recolhidos na filmagem foram analisados e comparados com o propósito de mostrar e apontar as possíveis variações linguísticas que aconteceram na Libras na comunidade surda em Maceió. O Corpus já apresentava uma dinâmica de apresentação de imagens para eliciar a produção dos sinais, ou seja, analisaremos a produção dos sinais isolados, sem um contexto de fala, sintático ou semântico.

A seguir, apresentamos um quadro que divide os referentes por tipo de variação de acordo com o nível de análise.

**Quadro 6: Número de variantes por referente**

##### Variação lexical

	Referente 1: MARACUJÁ	Referente 2: MELANCIA	Referente 3: ARROZ	Referente 4: ABACATE
Nº de variantes	CINCO	TRÊS	DOIS	SETE

##### Variação fonológica

	Referente 1: CARNE	Referente 2: VERMELHO	Referente 3: ROSA	Referente 4: BRANCO	Referente 5: MARRON	Referente 6: ARROZ	Referente 7: MELANCIA
Nº de variantes	SETE	DOIS	SEIS	CINCO	QUATRO	DOIS	DOIS

**Fonte: Elaborado pelo autor**

Há sinais que apresentaram variações fonológicas e lexicais, como MELANCIA e ARROZ. Nestes casos, descrevemos e analisamos as variantes fonológicas e lexicais separadamente, já que são processos de variação em níveis diferentes.

#### 4.1.1 Descrição da variação lexical na Libras

Os referentes escolhidos para a análise das variantes lexicais são MARACUJÁ, MELANCIA, ARROZ e ABACATE. Faremos a descrição por item, apresentando inicialmente as figuras com as variantes e, em seguida, a análise linguística.

##### Referente 1: MARACUJÁ

O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal MARACUJÁ.

**Quadro 07: Variantes para o referente MARACUJÁ**

VARIANTE 1	VARIANTE 2	VARIANTE 3	VARIANTE 4	VARIANTE 5
				
				
				

Fonte: Elaborado pelo autor



A variante um apresenta um sinal lexicalizado, com a mão aberta (CM5) sobre o peito esquerdo. O movimento acontece apenas nos dedos. Este sinal, aparentemente sem referência icônica, pode ser um empréstimo do sinal utilizado na França. A palavra em francês para maracujá é *fruit de la passion* (fruta da paixão). Desta forma, há uma ligação entre o ponto de articulação, peito esquerdo, e o movimento com os dedos, simbolizando um palpitar no coração. Ignácio Júnior (2014) afirma que historicamente há uma forte influência da LSF na Libras, pois a LSF foi institucionalmente ensinada no Brasil no período imperial. Ao realizar uma análise de mudança linguística a partir do estudo dos dicionários de LSF *Sematos* (online) e de Libras *Linguagem das Mãos* (1969) e *Acesso Brasil* (online), Ignácio Júnior (2014) aponta que

Os sinais comparados entre *Sematos X Linguagem das Mãos*, 19 apresentaram mudanças em algumas dessas unidades. Entre *Linguagem das Mãos X Acesso Brasil*, 8 sinais sofreram variação; e entre *Sematos X Acesso Brasil*, todos os vinte sinais variaram. Isso pode sugerir que tais sinais não tenham parentesco ou que no processo de afastamento da iconicidade em direção a arbitrariedade, as duas línguas seguiram caminhos bem diferentes para a formação dos sinais (IGNÁCIO JÚNIOR, 2014, p. 51)


É possível, portanto, que a raiz deste sinal seja icônica, muito embora, no Brasil, para os surdos, não há relação icônica alguma. A única explicação para que o sinal tenha surgido no Brasil se dá pelo fato de que a flor do maracujazeiro, segundo o dicionário online de português, seja chamada de flor-da-paixão. Neste sentido, a origem seria diferente, mas a raiz seria baseada na semântica da palavra do português. Independente disso, esta iconicidade não aparece mais para os falantes.



A segunda variante apresenta o mesmo sinal da primeira variante, com o acréscimo de um classificador de forma (FENLON ET AL., 2017). O classificador é utilizado pelo surdo não para especificar o primeiro sinal, pois não há outros referentes para o primeiro sinal. É possível que a marcação do segundo sinal aconteça para gerar uma referência visual icônica, já que a primeira referência não carrega traços de iconicidade visual para a fruta. O classificador é realizado no espaço neutro, com a CM





43 com as duas mãos simétricas em contato pelos dedos selecionados (indicador e polegar).

Na terceira variante, já percebemos a ausência da primeira variante, restando somente o classificador de forma. Com uma CM13 , com as mãos simétricas se sobrepondo em contato no espaço neutro e sem movimento, a participante caracteriza a forma da fruta. Neste caso, um sinal do léxico não nuclear, um classificador, foi lexicalizado. É importante salientar que a participante se utiliza das expressões faciais para caracterizar o classificador. Com os olhos cerrados, a expressão passa o aspecto de uma forma menor para a fruta, como se ela tivesse que cerrar os olhos para ver a fruta. Esta expressão é muito comum entre os surdos quando querem expressar algo pequeno ou distante. Além disso, a boca contraída passa o aspecto de que é uma fruta murcha, mesma expressão utilizada no sinal MAGRO.

Na quarta variante, que apresenta 3 momentos. No primeiro momento, o falante utiliza um classificador de instrumento e forma. Com a mão direita (CM 9 ) o surdo representa a forma da fruta, e com a esquerda (CM 02 ) um objeto cortante com um movimento de cima a baixo, representando o corte da fruta. No segundo momento, com a CM 9 nas duas mãos, o surdo realiza um movimento simétrico afastando as mãos uma da outra, representando a fruta se partindo. Até então, a morfologia dos sinais está tendo como raiz o léxico não nuclear. Mesmo sendo menos estáveis, alguns classificadores podem ser mais frequentes em determinados campos semânticos. Neste caso, o primeiro momento do sinal representado é comum em sinais relacionados a frutas e verduras. O sinal TOMATE, por exemplo, é uma composição deste classificador com o sinal VERMELHO, enquanto que o sinal CEBOLA é a composição do mesmo classificador com a adição do sinal CHORAR. Para qualificar o primeiro classificador,

que poderia ser uma fruta ou uma verdura, o surdo então utiliza o segundo classificador, que indica que o objeto em questão é comumente aberto para os lados. Mas é o terceiro momento que vai servir como um adjetivo especificador. O sinal SONO, representado



pelas CM's 24 e 39, com um movimento do dedo indicador indo em direção ao polegar, pode ser utilizado para especificar o sinal, diferenciando o maracujá de quaisquer outras frutas..

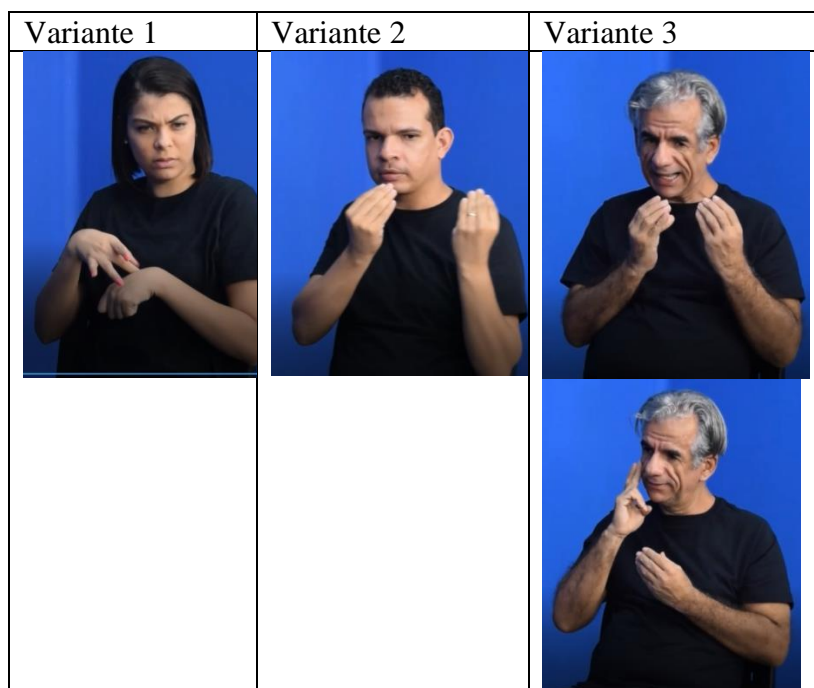


Por fim, a variante 5, vemos um sinal com as CM's 24 e 39 com um movimento do dedo indicador indo em direção ao polegar e se afastando dele. Este sinal significa SONO, e foi associado à fruta muito provavelmente porque está ligado à crença de que o suco da fruta maracujá auxilia no sono tranquilo e calmo. Há casos em que este sinal é acompanhado de um classificador de forma, para desambiguar. Neste caso, como não havia uma ambiguidade, o surdo sinalizou somente o sinal SONO. Percebemos que não houve um processo de lexicalização de um sinal do léxico não nuclear, como no caso da variante 3. Neste caso, o item já existia no núcleo do léxico e foi atualizado.



## **Referente 2: MELANCIA**

O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal MELANCIA.

### Quadro 08: Variantes para o referente MELANCIA



Fonte: Elaborado pelo autor

A primeira variante é realizada com a CM 58  na mão direita, com um movimento de explosão soltando os dedos médio e polegar, e com a CM 69  na mão esquerda parada. Há um processo icônico na raiz do sinal, uma vez que a mão esquerda representa a melancia, com uma CM arredondada e a mão direita representa uma ação comum de quem compra melancia, que é bater com o dedo para ver se ela está madura. Esta variante foi encontrada num dicionário da língua de sinais americana (ASL), conforme a figura a seguir


**Figura 27: Sinal MELANCIA em ASL**




Fonte: <https://www.spreadthesign.com/pt.br/search/by-category/135/frutas/>

No sinal acima, vemos um primeiro momento em que é realizado o sinal WATER (água) e em seguida é realizado o sinal MELON (melão). Esta composição segue a composição da palavra melancia em inglês *watermelon*. Em 1969 foi publicado um dicionário *Linguagem das Mãos*, publicado por Eugênio Oates. O dicionário de Libras foi produzido por um americano e, portanto, possuía muitos sinais da ASL. É possível que entre eles esteja este sinal que acabou sendo ressignificado de melão para melancia.

Na segunda variante, a iconicidade repousa na expressão de comer a melancia

representada pelas mãos, boca e ponto de articulação. As mãos estão em CM 08 , eles fazem um movimento com as duas mãos em direção à boca. A boca está um pouco aberta, mostrando os dentes. A carga icônica desta variante é ainda maior de que a anterior, pois é como se de fato o surdo estivesse com um pedaço de melancia nas mãos.

Já a variante 3 apresenta, além da variante 2, há a presença de um especificador,

o sinal ROSA, realizado comumente com a CM 22 , em que o dedo indicador está na frente do dedo médio. Entretanto, o surdo realiza a CM com o dedo médio na frente do indicador, CM não documentada nos estudos sobre configuração de mão da Libras.

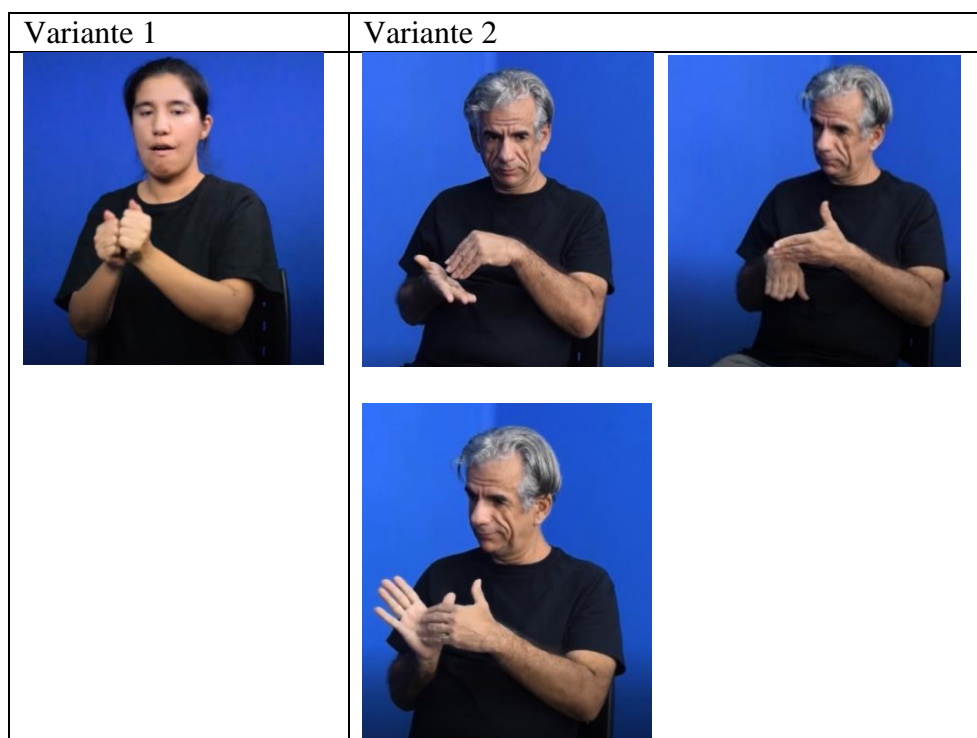
Por fim, houve uma ocorrência de datilologia, que não pode ser considerado como uma variante, pois não é um sinal lexical. Essa ocorrência se apresenta como um

empréstimo linguístico, pois utiliza a sequência de CM's do que seriam as letras da palavra melancia em língua portuguesa. O léxico não nativo foi utilizado, entretanto, o contrário do que acontece com outros empréstimos, que acabam se transformando em itens do léxico nuclear, é possível que este empréstimo não passe pelo processo de lexicalização, uma vez que já existe outras variantes em competição. O que fica em suspenso é o fato de que foi um surdo idoso que produziu esta variante. Normalmente a soletração de palavras para dizer algo na Libras é feita por pessoas que desconhecem um sinal para o referente.

### Referente 3: ARROZ


O quadro a seguir apresenta as duas variantes lexicais utilizadas para o sinal ARROZ.

#### Quadro 09: Variantes para o referente ARROZ.





Fonte: Elaborado pelo autor

A variante 1 apresenta o ponto de articulação neutro, com as duas mãos em movimento bidirecional esfregando as costas dos dedos uma na outra. Na variante 1, a

CM 68  é utilizada. Do ponto de vista da iconicidade, é possível estabelecer uma relação do sinal com o processo de moer o arroz, para retirar a casca, como se o ato de esfregar as mãos tivesse alguma relação com uma máquina de triturar. Desta forma, o sinal pode ter surgido como um classificador de instrumento e se tornou um sinal lexicalizado.

A variante 2 pode ser dividida em 3 momentos. No primeiro momento o surdo realiza o sinal que pode ser caracterizado como PÓ ou GRÃO. Este sinal é utilizado em sinais como SAL, AREIA, POEIRA, TEMPEIRO etc. O sinal é realizado com a mão base

CM 02  e a mão dominante CM 08 . A mão dominante realiza um movimento interno em que o polegar se esfrega nos demais dedos. A mão dominante está sobre a mão base, que está com a palma voltada para cima, mas não há contato.

No segundo momento, há um especificador para o primeiro sinal. O surdo realiza o sinal BRANCO, caracterizando a cor do grão. Ele utiliza a CM 02 nas mãos base e dominante, e desliza as costas dos dedos da mão dominante sobre as costas da mão base. Por fim, ele ainda realiza um terceiro sinal que se apresenta como um classificador de ação, em que o surdo mantém a mão base com a CM 02 voltada para o lado, enquanto que a mão dominante também com a CM 02 escova a mão base para baixo repetidas vezes, como se estivesse retirando o arroz de alguma superfície.

#### **Referente 4: ABACATE**





O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal **ABACATE**

**Quadro 10: Variantes para o referente ABACATE.**

Variante 1	Variante 2	Variante 3	Variante 4
			
Variante 5		Variante 6	Variante 7
			


**Fonte: Elaborado pelo autor**



No quadro, apresenta-se o item de ABACATE, são muitas variações porque a maioria utiliza sinais compostos, com combinações diferentes para sinais muito próximos. Começaremos a descrição pela variante 1, que se apresenta como um sinal composto por dois momentos.

No primeiro momento temos um sinal com a mão base em CM 02  com a palma voltada para cima e a mão dominante com CM 76  escovando a mão base com as costas da mão. No segundo momento, temos o sinal correspondente a VERDE, com a mão base com a CM 37  com palma voltada para baixo, e a mão dominante com CM 54  fazendo um movimento de esfregar a almofada dos dedos nas costas da mão base.

O primeiro momento é um classificador que representa a ação de raspar a o recheio da fruta da casca, pois o movimento de escovar realizado com a CM 76 significa COLHER. O segundo momento é um especificador do primeiro sinal, já que é possível que esta ação de raspar o recheio seja comum a outras frutas, mas com a especificação da cor, especifica-se a fruta. O sinal VERDE, assim como o sinal MARROM, PRETO e ROXO, representam o ato de passar o pincel na paleta.

Na variante 2 vemos uma diferença, já que o mesmo sinal do primeiro momento da variante 1 agora está compondo o segundo momento da variante 2. O surdo realiza


primeiramente o sinal com a CM 43  nas duas mãos com um contato entre os dedos polegar e indicador, sem movimento no espaço neutro. Em seguida realiza o mesmo sinal realizado na variante 1 representando uma colher raspando a casca da fruta. Este primeiro momento é um classificador de forma, que por si só não é suficiente para especificar o referente. Neste caso, o segundo sinal aparece para compor a referência do sinal.

Na variante 3 há a CM 77  nas duas mãos com as palmas para dentro no espaço neutro e também sem movimento. Em seguida, o surdo realiza a CM 17  no espaço central, ou seja, no primeiro momento o participante especificou o tamanho da








fruta e, logo após, representou o caroço no meio da fruta.



Na variante 4, há, inicialmente, o sinal VERDE e em seguida um sinal com a CM

15  com as duas mãos voltadas para dentro sem movimento no espaço neutro. Assim como o sinal realizado com a CM 77 na variante anterior, este sinal representa a forma da fruta, desta vez com um aspecto tridimensional, dado pela configuração de mão, pois é possível perceber largura, altura e profundidade com a junção das CM's. Desta vez, o especificador de cor apareceu antes do classificador, diferente do que ocorrera na variante 1.

A variante 5 contém três momentos. No primeiro momento, há um sinal com CM

24  com as duas mãos, que realiza um movimento circular nos dedos polegar e indicador se fechando até se tornarem a CM 39 . No segundo momento, o surdo realiza um sinal com a mão base em CM 35  com a palma voltada para baixo e com a mão dominante com a CM 05  com as costas da mão se arrastando pelas costas da mão base e, logo em seguida alterando a CM da mão dominante para 32  arrastando a ponta dos dedos nas costas da mão base. Por fim, o mesmo sinal com a colher raspando a casca da fruta é realizado, assim como nas variantes 1 e 2.

A variante 6 é a realização do mesmo sinal realizado pelas variantes 1, 2 e 5, com

as configurações 01 e 76  desta vez com os dedos da mão base voltados para cima. Desta vez, o sinal foi realizado isoladamente, sendo esta a variante. Por fim, temos a variante 7, também com um único momento, produzida com a CM 12 

nas duas mãos, com os dedos uns por sobre os outros, como se estivesse representando uma forma esférica. Vale salientar que, além deste classificador de forma, a participante produziu a datilologia A-B-A-C-A-T-E, provavelmente por não conhecer um sinal específico e por saber que o classificador necessitava de um especificador.

É notável a variedade de variantes, com combinações diversas. Somente o classificador que representa uma colher raspando a mão base se demonstrou como um padrão, além da cor VERDE evidenciada mais de uma vez. É possível que este item ainda esteja num processo de lexicalização, de tal forma que ainda não faz parte do léxico nuclear, estável. Por conta disto, os participantes se utilizaram de recursos do léxico nativo não nuclear, os classificadores, para expressar verbalmente o referente solicitado.

Em suma, percebemos que, além de sinais do léxico nativo nuclear, os surdos utilizaram sinais do léxico nativo não nuclear para representar os sinais. As variações lexicais apresentam níveis diferentes de iconicidade, desde a variante 1 de maracujá que não há marca alguma, a variante 2 de melancia em que até alguém não falante de Libras conseguiria perceber o referente.

É importante considerar que a iconicidade aqui mencionada não é necessariamente percebida pelo surdo quando ele adquire o sinal ou quando ele produz o sinal. Esta discussão sobre iconicidade repousa sobre a raiz etimológica dos sinais que perdura ou não enquanto substância. É possível percebermos, ao analisarmos o sinal ROSA, ou MELANCIA, por exemplo, que há o fenômeno da iconicidade agindo sobre o sinal, principalmente porque percebemos pistas sobre o surgimento daquele sinal. Entretanto, é possível que ao adquirirem o sinal, o surdo não perceba a iconicidade do sinal, uma vez que perceber a iconicidade não é necessário para a aquisição lexical.

A percepção sobre a iconicidade pode estar relacionada com outros fenômenos cognitivos além do linguístico, como a percepção visual ou a memória, fenômenos estes que pessoas ouvintes não falantes da Libras podem desenvolver. É muito comum que numa roda de amigos, alguém seja muito bom em descobrir mímicas. Perceber ou não a iconicidade em um dado sinal pode estar ligado a uma interface língua e cognição. Mas a aquisição lexical é interna à língua. Portanto, sinais considerados aqui como mais ou

menos icônicos, são apontados do ponto de vista do linguista, e não necessariamente do falante da Libras.

Por fim, podemos afirmar também que diferentes surdos com idades diferentes apresentaram variantes diversas para os mesmos referentes e a iconicidade estava presente em quase todas elas.

#### **4.1.2 Descrição da variação fonológica na libras**

Neste tópico, vão ser observadas as variações fonológicas observadas nos dados. As variações fonológicas apresentam mudança em apenas um ponto de articulação, sem alteração lexical, ou seja, a variação acontece dentro de um mesmo item lexical, com alteração na sua estrutura fonológica. Essa variação pode realizar-se nos diferentes parâmetros: a configuração de mãos (CM), movimentos (M), ponto de articulação (PA) e a orientação das mãos (OR), utilizando como base para análise os estudos de Rosa et al. (2014). Os itens que apresentaram variação fonológica foram: CARNE, ARROZ, MELANCIA, ROSA, VERMELHO, BRANCO e .MARRON, e serão descritos a seguir, a começar pelo item CARNE.

##### **Referente 1: CARNE**

Antes de apresentarmos o quadro com as variantes para este item, apresentaremos um caso em que a participante utilizou dois sinais para se referir ao item. A participante realizou 3 sinais, ilustrados a seguir

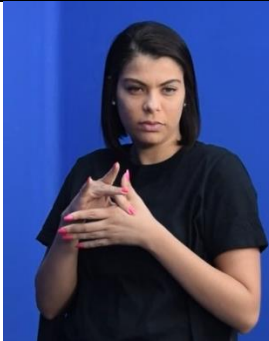






**Figura 28: realização diferente para o referente CARNE**







**Fonte: Elaborado pelo autor**

Por apresentar uma diferença lexical em relação aos demais, analisaríamos este sinal como estando em variação lexical com os demais, no entanto, ao observar a imagem utilizada para a eliciação, percebemos que se trata de uma “carne assada” e, por este motivo, a participante não sinalizou somente CARNE, mas CARNE e ASSADA (momentos 2 e 3 do sinal acima). Por conta disto, desconsideramos os dois últimos momentos, nos atendo somente ao momento em que a participante sinaliza CARNE, sendo esta a variante 2. O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal CARNE.

**Quadro 11: Variantes para o referente CARNE**

Variante 1	Variante 2	Variante 3	Variante 4
			
Variante 5	Variante 6	Variante 7	
			

**Fonte: Elaborado pelo autor**

O número de variantes para o sinal CARNE é 7. Todas as variantes apresentam a mão base representando a carne em si, através das CM's 05  (nas variantes de 1 a 6), e 08  (na variante 7). A diferença da mão dominante está na CM, que nas variantes 1 e 5 é a 59 , e nas variantes 2, 3, 4, 6 e 7 é a 18 , opostas pela seleção do dedo indicador x médio.

Além disso, há uma diferença no ponto de contato da mão dominante com a mão base. As variantes 1, 2 e 3 apresentam o ponto de contato entre os dedos polegar e indicador. Nas variantes 4, 5 e 6 o ponto de articulação é nas costas da mão, e na variante 7 o ponto de articulação é na parte posterior do pulso.


### Referente 2: VERMELHO

O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal VERMELHO.

#### Quadro 12: Variantes para o referente VERMELHO

Variante 1	Variante 2
	

Fonte: Elaborado pelo autor

Há somente duas variantes em variação nos dados coletados para o referente VERMELHO. Ambas as variantes só utilizam uma mão com a CM 49  com um movimento leve no dedo de gancho apertando o ponto de articulação. A diferença está exatamente no ponto de articulação. Enquanto na variante 1 o ponto de articulação é a parte superior do queixo, na variante 2 o ponto é o lábio.

Vale salientar que há uma diferença entre os pontos de articulação em sinais como INVEJA e FRIO, conforme as imagens abaixo.

**Figura 29: Os pontos de articulação**

**Sinal INVEJA**



**Sinal FRIO**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Como vemos, o sinal INVEJA é feito com o dedo indicador em formato de gancho no lábio, enquanto que o sinal FRIO é feito na parte superior do queixo. No caso dos dados da pesquisa, são dois alofones, uma vez que são sinais que apresentam uma mudança fonológica, mas sem mudança no significado. Os dois alofones estão em variação. É possível que a variação aconteça pelo fato de que alguns surdos não tocam nos lábios talvez por uma questão de higiene, já que tocar o lábio com a ponta do dedo poderia não ser um hábito saudável, no caso de a mão não estar devidamente higienizada.

Analisando a iconicidade do sinal, percebemos que o toque nos lábios está relacionado com a cor dos lábios que são vermelhos, entretanto, não há uma representação de formas ou de ações. Alguém que não conhece a Libras só entenderia que se trata de vermelho se já soubesse que o campo semântico é cor. Apesar da raiz etimológica do sinal estar relacionada a uma representação icônica da cor, a convenção atual para o sinal tem um grau baixo de iconicidade.



### **Referente 3: ROSA**

O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal ROSA.

### Quadro 13: Variantes para o referente ROSA



Fonte: Elaborado pelo autor




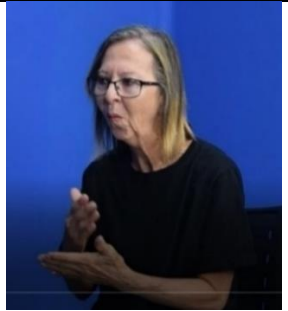

O referente rosa apresentou 4 variantes fonológicas. A primeira variante é composta pela CM 22 , indo até a bochecha. O ponto de contato da mão é a almofada dos dedos, assim como nas variantes 3 e 4. A mão faz um movimento circular. Na variante 2 há uma distinção quanto ao ponto de contato da mão, que é a lateral do dedo indicador. Nas variantes 3 e 4 há uma mudança na CM. A CM da variante 3 é a 05 , e a CM da variante 4 é, como já explicado na variante 4 do referente melancia, não catalogada, pois há uma inversão na disposição dos dedos selecionados da CM 22.

Note-se que nas variantes 1, 2 e 4 há um empréstimo linguístico, pois a CM em questão representa a letra R do alfabeto, mesma letra que inicia a palavra ROSA na escrita do português. Além do empréstimo, há uma relação icônica também, pois o tom de rosa em peles claras é associado à maçã do rosto. O empréstimo não acontece com a variante 3, mas a relação icônica perdura. Em todas as variantes, há um movimento circular em torno da maçã do rosto.

#### Referente 4: BRANCO

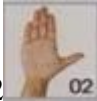




O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal BRANCO.

**Quadro 14: Variantes para o referente BRANCO**

Variante 1	Variante 2	Variante 3
		
Variante 4	Variante 5	
		

**Fonte: Elaborado pelo autor**

A variação no referente branco é fonológica. Percebemos que o movimento em todas as variantes é o mesmo, sendo a mão dominante deslizando sobre a mão base. As configurações de mão e os pontos de articulações apresentam diferenças mínimas, como veremos a seguir.

Quanto à mão dominante, todos os participantes utilizam a CM 02 . Já em relação à mão base, vemos que as variantes 1 e 2 apresentam a CM 69 , enquanto que as demais variantes utilizam CM 2  (variante 4), CM 3  (variante 3) e CM 10  (variante 5). Note-se que a diferença entre as três últimas variantes repousa na posição do polegar.



No que se refere ao ponto de articulação, as variantes 1 e 3 apresentam o ponto de contato nas costas da mão, as variantes 2 e 4 no antebraço e a variante 5 na palma da mão. O ponto de articulação também carrega uma informação sobre a raiz do sinal, que diz respeito a cor da pele. O sinal PELE é feito na mesma região, sobre tudo no antebraço, com a parte interna dos dedos da mão dominante tocando a mão/antebraço base. Neste sentido, a mão dominante passa um aspecto de limpo, como se fosse a pele limpa, ou branca, apontado por Belonia *et al.* (2017) como tendo surgido de uma simbologia racista de que a pele branca é limpa e prototípica.

### Referente 5: MARROM




O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal MARROM.





**Quadro 15: Variantes para o referente MARROM**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

A variação no referente 7 também é fonológica, mas dessa vez a maior diferença está nas CM's das mãos dominantes. Assim como em MELANCIA, um surdo produziu a datilologia da palavra, utilizando as CM's correspondentes às letras M-A-R-R-O-M. Por não ser um sinal em Libras, não será analisado. Além das diferenças na mão dominante, há ainda uma pequena variação na mão base. O movimento foi sempre de esfregar a mão dominante na mão base.

Quanto à mão base, as variantes 1 e 2 apresentaram a CM 69 , enquanto que a variante 3 apresentou a CM 37  e a variante 4 a CM 04 . A maioria das CM's da mão base é caracterizada pela mão aberta ou fechada, sem uma seleção de dedos específica. Foi o que aconteceu na maior parte dos sinais analisados até aqui. O que fugiu do padrão foi a variante 3, com a seleção dos dedos indicador e polegar. Não há uma relação icônica de raiz para esta configuração. O que pode ter havido foi uma coarticulação com um sinal anterior, ou um movimento de apontamento em direção à imagem que ele estava descrevendo, mas não podemos afirmar com precisão.

Em relação ao uso da mão dominante, há uma semelhança entre a CM77  da variante 1 e a CM 78 , opostas somente pela abertura entre os dedos. As duas CM's estão relacionadas com um empréstimo da CM correspondente à letra M com a qual se escreve a palavra marrom. Este seria, portanto, um caso de empréstimo. A variante 3 traz a CM 21  que caracteriza também o sinal CHOCOLATE. O que vemos é uma ressignificação do sinal do referente chocolate para a cor, assim como em português é feito para cores como *cobre* ou *vinho*. A CM 12  da realização da última variante foi a que chamou mais atenção, pois não é uma variante comum e não há uma explicação evidente para a realização.

Algo interessante do ponto de vista da análise sobre a iconicidade é o ponto de articulação do sinal. Assim como nos sinais VERDE, ROXO, PRETO, o ponto de articulação é as costas da mão base, que pode representar uma paleta de cores. A partir dessa raiz icônica, foram atribuídas CM's diferentes conforme as letras das palavras em português. Portanto, Assim como MARRON aparece com a CM da letra M, VERDE aparece com a CM da letra V, ROXO com a CM de R e PRETO com a CM de P. Também por esta razão não conseguimos perceber a relação estabelecida na variante 4, se a CM

representa a letra C (de cacau, por exemplo) ou se representa a forma de algum objeto marrom.

### Referente 6: ARROZ



O quadro a seguir apresenta as cinco variantes utilizadas para o sinal ARROZ.

#### Quadro 16: Variantes para o referente ARROZ.



Fonte: Elaborado pelo autor

Para este referente, percebemos uma variação fonológica entre os itens 1 e 2. As variantes 1 e 2 apresentam o ponto de articulação neutro, com as duas mãos em movimento bidirecional esfregando as costas dos dedos uma na outra. Na variante 1, a

CM 68  é utilizada, enquanto que na variante 2 a CM 67  é que aparece na realização do sinal. Note-se que a diferença está na seleção do polegar, que na variante 1 está aberto e na variante 2 fechado. Esta oposição é percebida por Xavier (2014) e por Hoopes (1998). O autor apresenta sinais, como FARMÁCIA, BRINCAR, ÔNIBUS e CHOCOLATE, que apresentam a variação com oposição polegar estendido ou não.

**Figura 30: Variação no sinal FARMÁCIA**



**Fonte: XAVIER, 2014, p. 382)**

A oposição é vista pelo autor como uma variação fonética muito comum não só na Libras, mas em diversas outras línguas de sinais, citando Johnson & Liddell (2012) como referência. Uma vez descritas todas as variantes presentes nos dados coletados, analisaremos agora como as escolhas linguísticas dos surdos podem ter sido influenciadas por fatores extralinguísticos.

#### **Referente 7: MELANCIA**

O quadro a seguir apresenta as duas variantes fonológicas utilizadas para o sinal MELANCIA.

#### **Quadro 17: Variantes para o referente MELANCIA**




**Fonte: Elaborado pelo autor**

Neste item lexical, a iconicidade repousa na expressão de comer a melancia

representada pelas mãos, boca e ponto de articulação. As mãos estão em CM 12



na primeira variante e em CM 08  na segunda variante e fazem um movimento com as duas mãos em direção à boca. A boca está um pouco aberta, mostrando os dentes na primeira variante. Entendemos que a segunda variante seria menos icônica, pois a CM 12 representa a maneira como pegamos a fatia de melancia para comer, enquanto que a CM 08 representa a própria fatia da melancia em formato triangular. Analisando as diferenças entre as configurações de mão, vemos que a diferença repousa no comportamento dos dedos, que em CM 08 está retos, num ângulo de 90° com a mão, enquanto que em CM 12 os dedos estão curvados. Além disso, há contato entre os dedos e o polegar em CM 08.

#### **4.1. Análise sociolinguística**

Esta seção será dividida em 6 partes. Inicialmente iremos apresentar considerações sobre como os participantes adquiriram a Libras e sobre como eles comumente utilizam a língua. Estas informações podem nos ajudar a entender diferenças nas variáveis a serem analisadas em seguida. Após estas duas primeiras explicações, apresentaremos variantes para os itens que encontramos em dicionários, para que possamos estabelecer alguma relação com as variantes encontradas na pesquisa. Por fim, traremos os resultados quantitativos das variáveis Escolaridade, Sexo e Faixa etária. Quanto as duas primeiras variáveis, traremos uma breve consideração sobre os resultados, focando numa análise quantitativa mais aprofundada sobre a variável faixa etária.

##### **4.2.1 Considerações sobre o *background* linguístico dos participantes**

Os 12 informantes são surdos filhos de pais ouvintes. Este dado deve servir de termômetro emocional, porque seria de responsabilidade da família ouvinte aprender a LIBRAS para se comunicar com os seus filhos surdos, mas também refletir e pensar em políticas públicas que fortaleçam o laço familiar para que exista uma comunicação.

Conforme os dados que iremos ver em seguida, a maioria das famílias dos entrevistados não sabe a LIBRAS.

9 dos 12 surdos participantes afirmam que sua família não sabe se comunicar em LIBRAS e só usam gestos ou mímicas. Três informantes informaram que na família somente a mãe ou um irmão se comunicam em LIBRAS, mas que nenhum pai sabe LIBRAS.

Outro dado interessante para a pesquisa diz respeito ao contato dos surdos com a Libras, bem como como aprenderam essa língua. Dos doze entrevistados, dez responderam que aprenderam a LIBRAS nas escolas por causa do contato com outros alunos surdos que estavam juntos em sala de aula, outros com professores. Alguns que estudaram em escolas de inclusão aprenderam com alunos surdos e com intérpretes.

As pesquisas demonstram que a política educacional tem uma responsabilidade e um papel fundamental na educação com melhor qualidade para os alunos surdos. É um espaço que precisa estar preparado para receber este público, pois permite uma maior inclusão social como cidadão, a fim de obter os seus direitos.

Um dos entrevistados surdos explica que aprendeu a Libras com a família, por causa do irmão mais velho que nasceu surdo também. Geralmente os pais são tomados de uma grande surpresa quando nasce um filho surdo. Existe uma adaptação entre os familiares no conhecimento da pessoa surda, da sua língua e identidade surda. Chegando um segundo filho surdo, os pais já conhecem o mundo dos surdos e têm mais facilidade para a convivência com estes filhos que aprendem um com o outro, sendo o irmão mais velho o modelo para o irmão mais novo.

Outro entrevistado informa que aprendeu a Libras de forma tardia. Nas escolas não havia acesso a Libras, se submeteu à oralização por causa da influência familiar e suas exigências, mas este surdo percebeu que não estava feliz e foi levado a buscar na associação de surdos uma nova realidade, compreendendo que não era o único surdo do mundo e ficando realizado e satisfeito em aprender a Libras e a entender o seu mundo de identidade, cultura e costumes.

A maneira como os surdos adquirem a Libras é fundamental para entender as variações presentes na sua sinalização. Como vimos, a teoria da variação leva em conta

que a língua falada por um indivíduo será determinada nos primeiros anos de vida, até os 15 anos. É importante, portanto, apresentar estas diferenças quanto a aquisição da Libras, que está atrelada na maior parte das vezes à escola ou instituição em que este surdo faz parte. Mesmo surdos da mesma idade podem apresentar variantes diferentes, a depender do seu background linguístico, ou seja, de como adquiriram a língua.

#### **4.2.2 Considerações sobre as comunidades de prática da comunidade surda**

Inicialmente, é possível que a profissão do surdo possa ser um fator que implique na maneira como o surdo sinaliza. Em relação à profissão, três dos entrevistados do grupo III, dos idosos surdos, são aposentados por causa da idade, e um informante, K, desse grupo, é professora de Libras, trabalhando dando aulas para alunos surdos ou ouvintes. Dois entrevistados são professores de Libras que já se formaram no ensino superior, além de serem fluentes no uso da língua, destacam-se como profissionais no ensino da Libras, ou seja, já possuem uma inserção didática e metalinguística no uso dessa língua. Dois entrevistados disseram que são instrutores da Libras, por não ter uma formação superior, mas que atuam em um campo de reflexões teóricas e práticas a respeito da Libras. Quatro entrevistados estão desempregados e a maioria é estudante de graduação. Somente uma pessoa afirma que não estuda e nem trabalha.

Temos em vista que exista interferência de variáveis, tais como: tempo em sala de aula nas escolas especiais ou inclusivas. Também há a interferência pelo uso de alguns sinais próprios dos professores surdos ou ouvintes, pelo uso de bate papos em pontos de encontros entre surdos de várias idades e sexo, na associação de surdos e nas comunidades surdas das regiões de Maceió, na Universidade (para aqueles que cursavam graduação na época da coleta) e em campeonatos desportivos, tudo que a maioria dos surdos participam. Ainda, pode haver influência da oralização levando os surdos a utilizarem mais datilologia e sinais mais antigos (no caso de idosos).

As variações estudadas buscam elaborar uma representação do vocabulário em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), utilizado principalmente na cidade de Maceió pelas comunidades surdas em diferentes faixas etárias. Na amostra composta por sujeitos surdos, todos os entrevistados são filhos de pais ouvintes, surdos fluentes em LIBRAS, alguns com formação no ensino médio completo ou incompleto, cursando ou já formado

no ensino superior completo, de forma que a maioria dos entrevistados possuem um contexto próximo ao do pesquisador em relação ao meio acadêmico.

Ademais, os entrevistados, em sua grande parte, residem em Maceió há mais de 15 (quinze) anos, ou seja, a maioria nasceu e reside na cidade local de pesquisa, o que pode nos informar que o uso linguístico frequente da LIBRAS se identifica, existindo algumas variações locais de acordo os bairros.

#### **4.2.3 Variantes nos dicionários para os referentes investigados**

Ao pensarmos na escolha do dicionário de Libras que utilizaríamos como referência para esta pesquisa, levamos em conta as diferenças regionais que são bastante significativas. Os principais dicionários brasileiros, o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos (2013) de Fernando Capovilla de São Paulo e o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS do Rio de Janeiro apresentam variáveis muito diferentes das encontradas no nosso corpus. O dicionário, no momento da análise não está mais disponível para visualização, pois o site foi desativado. Quanto ao dicionário Capovilla, um exemplo desta diferença é o sinal MARACUJÁ, conforme a imagem a seguir.

**Figura 31: Sinal MARACUJÁ segundo o dicionário Capovilla**



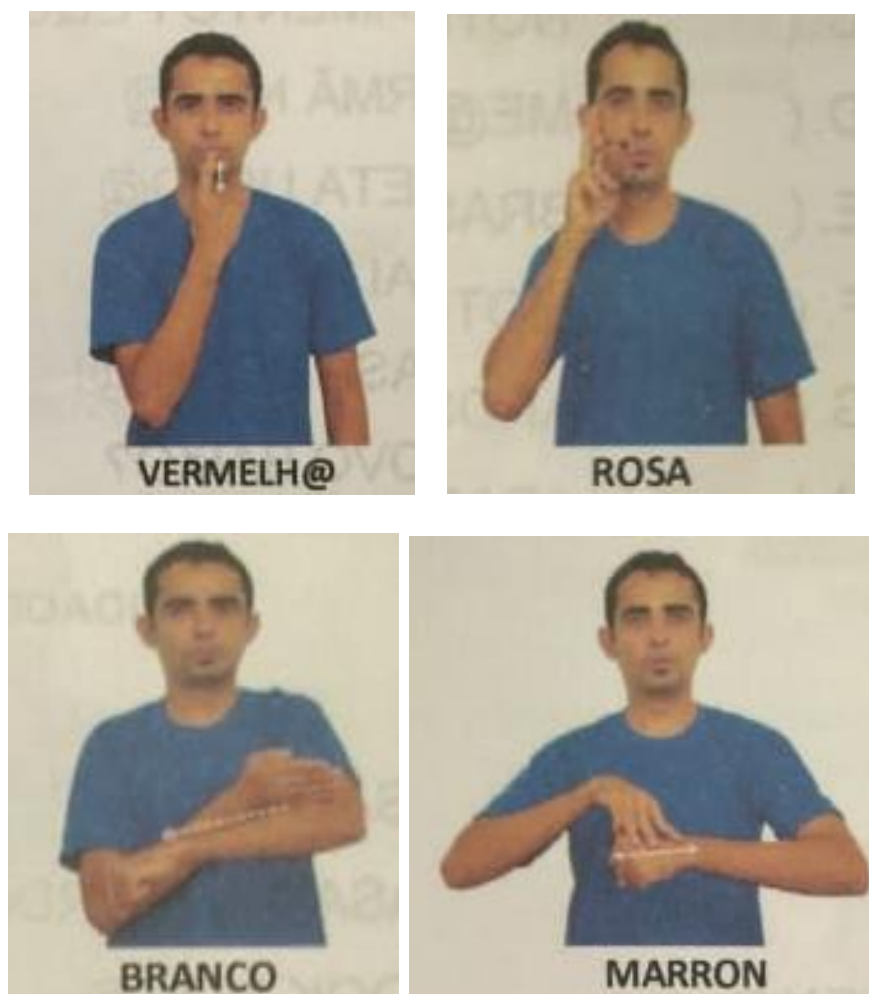
**Fonte: Capovilla, 2013, p. 1648**

Neste sinal, os três primeiros momentos representam o sinal DORMIR, enquanto que o quarto momento apresenta alguém levando algo à boca. Esta variante sequer foi utilizada nesta pesquisa pelos surdos. Procuramos então por dicionários ou glossários de sinais utilizados em Alagoas. Não encontramos um dicionário, mas uma apostila produzida e utilizada pelo Centro de Atendimento ao Surdo do Governo do Estado de



Alagoas (CAS-AL). A apostila foi produzida em 2011 e apresenta os sinais para os referentes 2, 3, 4 e 5 ( no grupo da variação fonológica) , mas não para os demais.

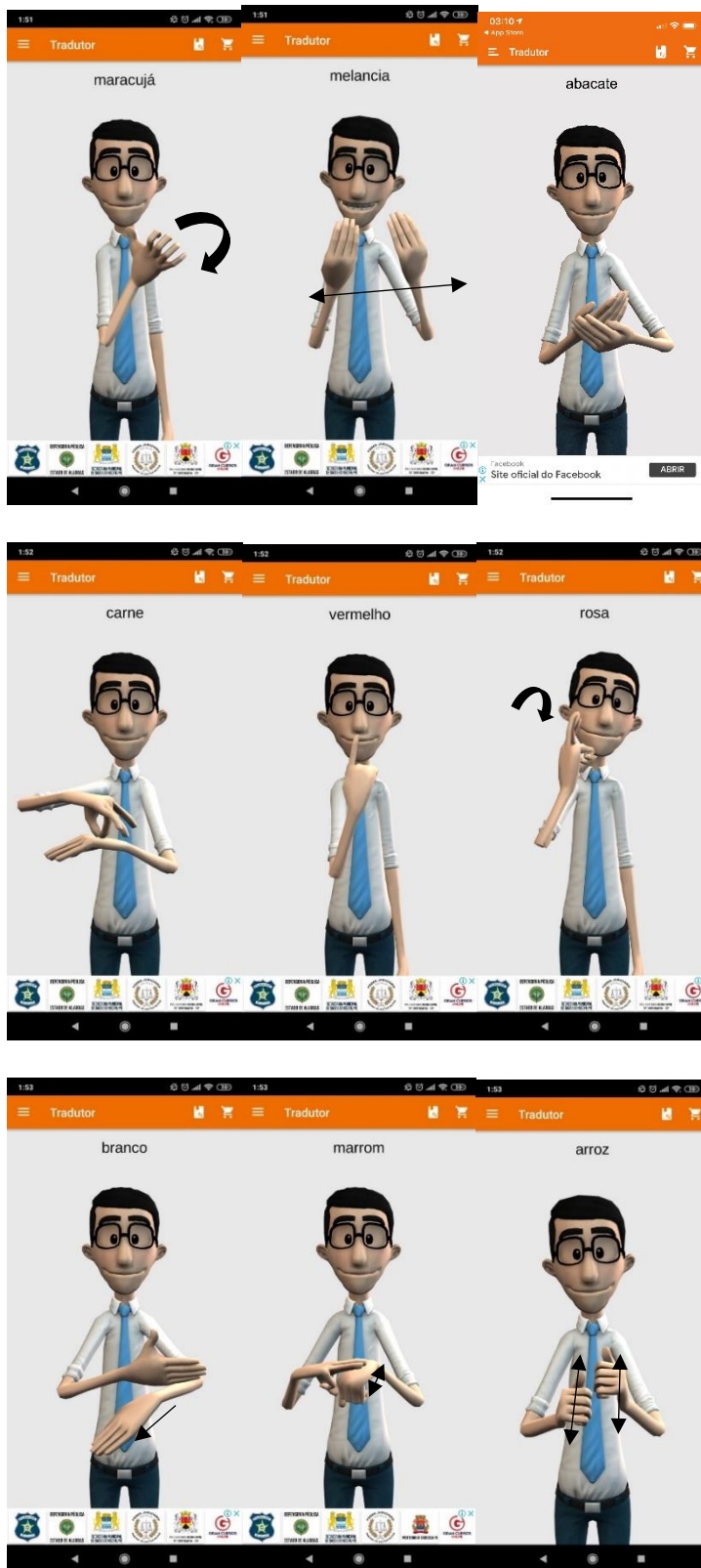
**Figura 32: Sinais da apostila do CAS-AL**



**Fonte: Centro de atendimento ao surdo (2011)**

Como ainda não havíamos encontrado sinais registrados para os demais referentes (ABACATE, MELANCIA, ARROZ e CARNE), decidimos realizar uma busca no aplicativo *Handtalk*. O aplicativo é um tradutor de Libras/Português e Português/Libras desenvolvido por alagoanos e sua sede fica no estado. Os surdos que trabalham no aplicativo alimentando o *software* com os sinais são alagoanos, o que nos levou a entender que os sinais registrados representariam a variante alagoana para os sinais. Os sinais encontrados estão ilustrados a seguir.

**Figura 33: Variantes encontradas no aplicativo *Handtalk***



**Fonte: Aplicativo *Handtalk* (setas inseridas pelo autor)**

Ao realizar a busca, constatamos que os 4 itens para cores encontrados na apostila do CAS foram realizados da mesma forma. Consultamos pessoas surdas que trabalham na empresa Handtalk para nos certificarmos da procedência dos sinais registrados. Os surdos nos informaram que a referência para o registro dos sinais foi o dicionário Capovilla e o dicionário online do INES. Ainda assim, preferimos utilizar o aplicativo como uso padrão alagoano, já que muitos sinais coincidem com os sinais encontrados na apostila e com os resultados desta pesquisa. Além do mais, o dicionário online do INES está inativo e o dicionário Capovilla apresentou muitas variantes que sequer apareceram na pesquisa, o que nos leva a crer que os sinais que estamos tomando como referência aqui podem ter sido extraídos do dicionário online do INES. Por esta razão, adotamos o aplicativo como sendo a variante de dicionário, ou variante padrão para esta pesquisa. A partir destas afirmações, podemos quais variantes são consideradas como variante padrão entre as variantes que apareceram no corpus. As variantes padrão estão ilustradas do quadro a seguir.

**Tabela 01: Variantes padrão para cada referente, separadas por nível de análise.**

**Variante lexical padrão**

<b>REFERENTE</b>	<b>VARIANTE PADRÃO</b>
MARACUJÁ	VARIANTE 1
MELANCIA	VARIANTE 2
ABACATE	VARIANTE 6
ARROZ	VARIANTE 1

**Variante fonológica padrão**

<b>REFERENTE</b>	<b>VARIANTE PADRÃO</b>
CARNE	VARIANTE 6
VERMELHO	VARIANTE 2
ROSA	VARIANTE 1
BRANCO	VARIANTE 5

MARROM	VARIANTE 2
ARROZ	VARIANTE 2
MELANCIA	VARIANTE 2

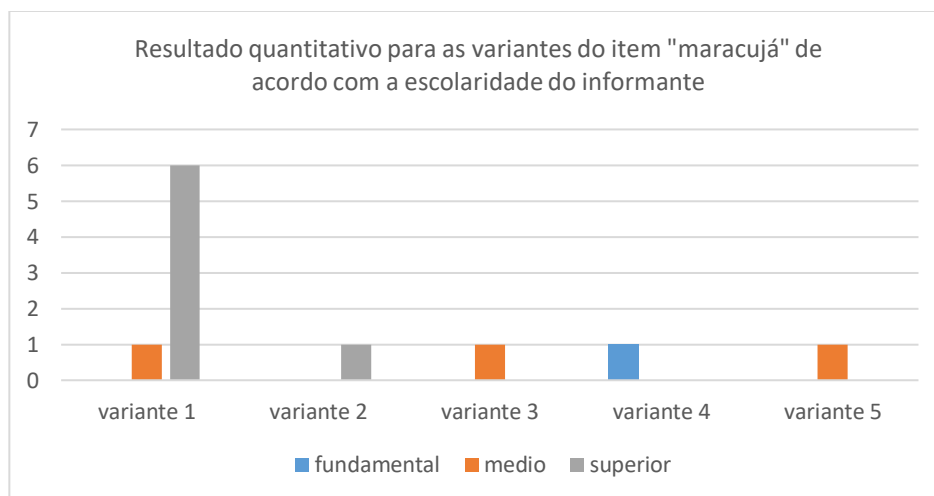
**Fonte: Elaborado pelo autor**

#### 4.2.4 Resultados para a variável Escolaridade

Os gráficos a seguir apresentam os resultados quantitativos para a variável escolaridade. Vale salientar que na estratificação da amostra, não separamos os participantes em grupos por escolaridade, como fizemos com a variável sexo e a variável faixa etária. Por conta disso, a estratificação por escolaridade ficou dividida da seguinte maneira: 2 participantes com até ensino fundamental completo; 2 participantes com até ensino médio completo; 6 participantes com até ensino superior completo. Sendo assim, não levaremos em conta a quantidade de vezes que uma variante foi produzida, mas se ela foi ou não produzida por cada grupo.

##### 4.2.4.1 Gráfico para variação lexical

**Gráfico 01: Resultado quantitativo para as variantes do item "MARACUJÁ" de acordo com a escolaridade do informante**

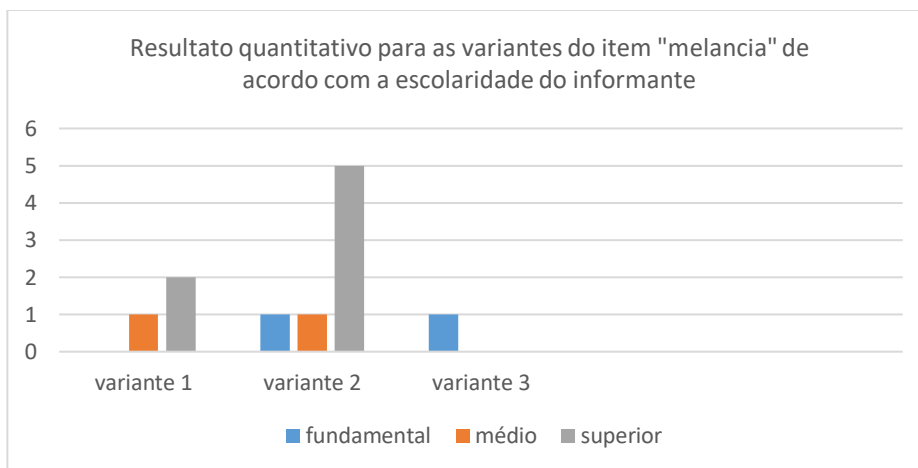


**Fonte: Elaborado pelo autor**

No item apresentado, vemos uma grande concentração de produções da primeira variante por surdos do ensino superior, entretanto, não é possível chegar a um resultado conclusivo, porque, no grupo ensino fundamental, somente um surdo respondeu. Quando

olhamos para a produção do grupo ensino médio, cada surdo produziu uma variante diferente.

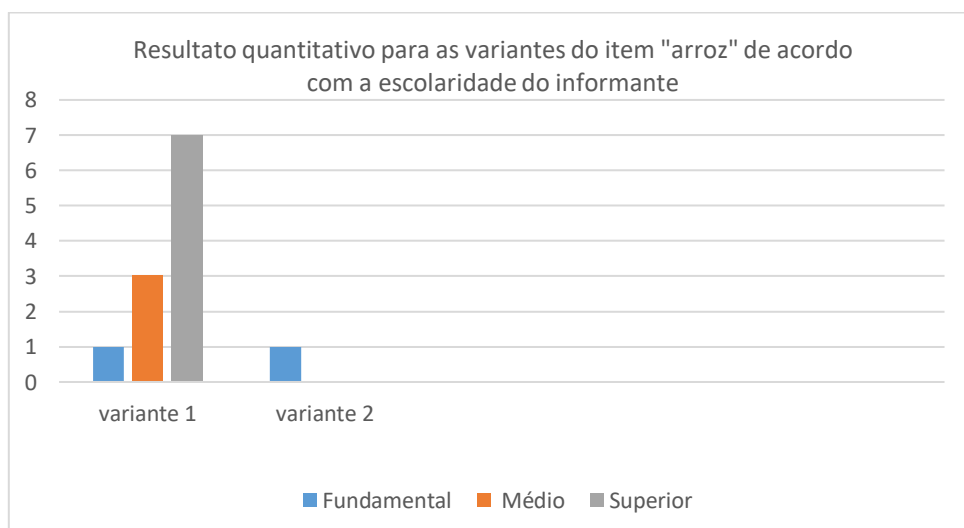
**Gráfico 02: Resultado quantitativo para as variantes do item "MELANCIA" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

No referente MELANCIA, vemos mais uma vez resultados difusos, já que o grupo superior produziu 2 das 3 variantes, cada surdo do grupo do ensino médio marcou uma variante, assim como os surdos do grupo fundamental, e que a variante 2 foi marcada pelos 3 grupos.

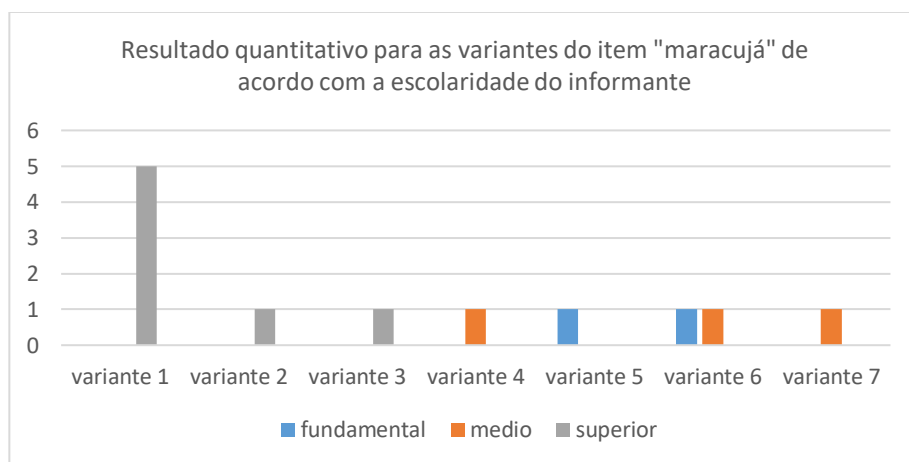
**Gráfico 03: Resultado quantitativo para as variantes do item "ARROZ" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

No referente ARROZ, todos os três grupos produziram a variante 1 e somente um participante produziu a variante 2. Como só há dois participantes do ensino fundamental e cada um produziu uma das variantes, não podemos dizer que a variante 2 é mais utilizada por um grupo em detrimento de outro, nem podemos dizer que a variante um é mais utilizada pelos demais grupos, já que não há dados conclusivos do grupo fundamental.

**Gráfico 04: Resultado quantitativo para as variantes do item "ABACATE" de acordo com a escolaridade do informante**

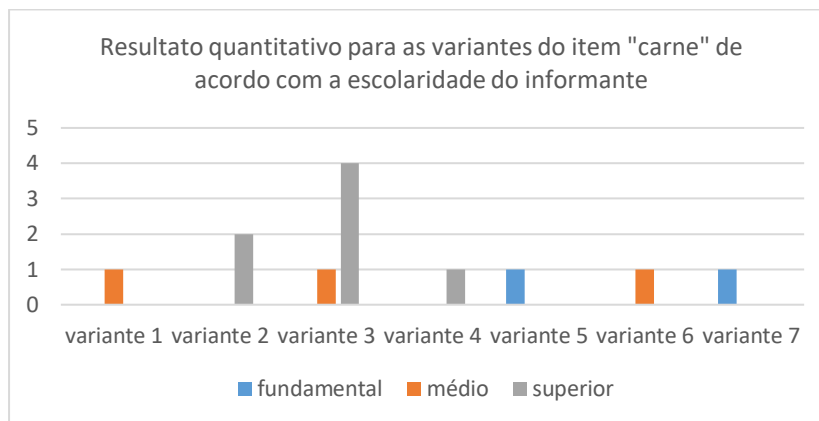


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto aos grupos fundamental e médio, não encontramos resultados conclusivos, pois cada participante produziu uma variante diferente. Quanto ao grupo superior, vemos que a maioria marcou a variante 1, podendo esta ser marcada como variante de prestígio, mesmo sendo diferente da variante padrão (06). A diferença entre a variante 1 e 6 é a adição do sinal VERDE na primeira variante. Vale salientar que na variante 2, também produzida por um participante do grupo superior, há a presença da variante padrão. Portanto, a variante padrão esteve presente em quase todas as produções do grupo superior.

#### 4.2.4.2 Gráficos para variação fonológica

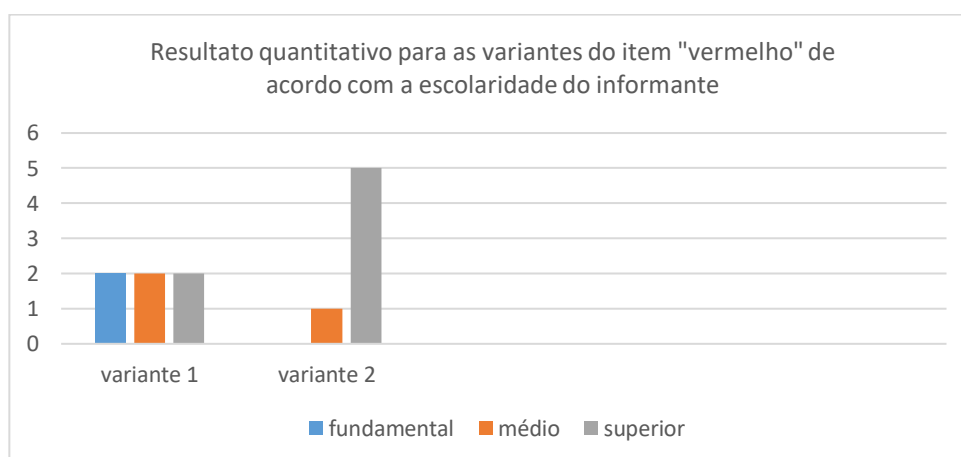
**Gráfico 05: Resultado quantitativo para as variantes do item "CARNE" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

No item CARNE há mais uma vez uma grande concentração de marcadores numa variante pelo grupo do ensino superior. Cada surdo do grupo do ensino médio marcou uma variante diferente, assim como o grupo do ensino fundamental. Por conta disso, não há como chegar a resultados conclusivos.

**Gráfico 06: Resultado quantitativo para as variantes do item "VERMELHO" de acordo com a escolaridade do informante**

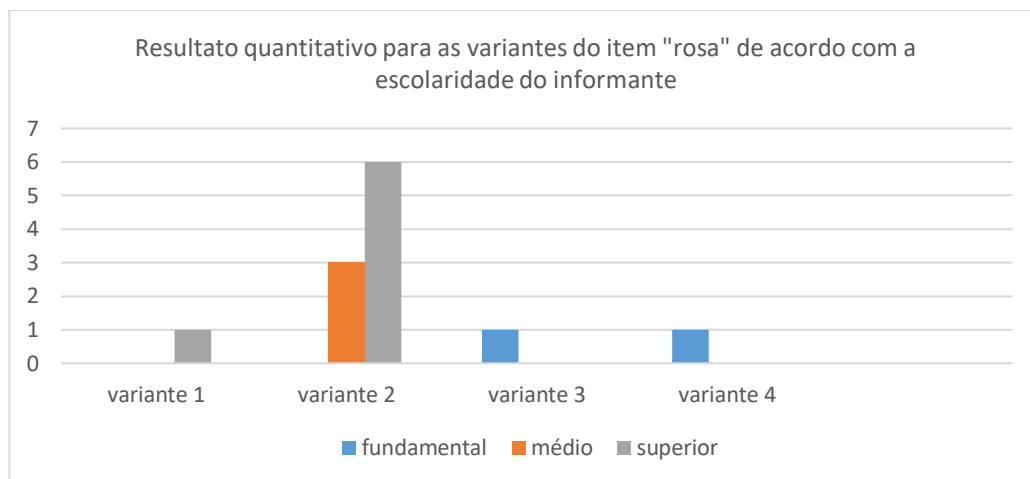


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Neste item não há uma diferença grande de surdos produzindo a variante 1 ou 2 pelo grupo do ensino superior. Somente o grupo de ensino fundamental marcou somente uma variável. A variante não utilizada pelo grupo do ensino fundamental foi a mais utilizado pelo grupo do ensino superior. Podemos dizer que pessoas com baixa escolaridade tendem a produzir o sinal VERMELHO com o ponto de articulação queixo,

enquanto que pessoas com escolaridade tendem a produzir o mesmo sinal com o ponto de articulação boca.

**Gráfico 07: Resultado quantitativo para as variantes do item "ROSA" de acordo com a escolaridade do informante**

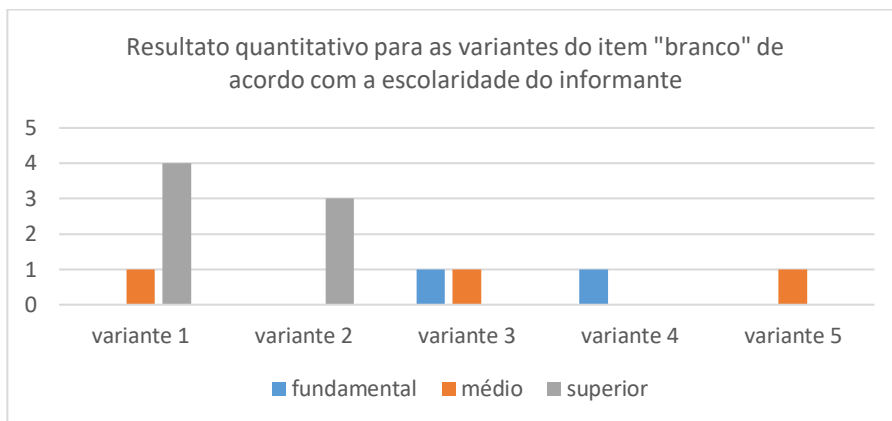


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Aqui vemos que todas as pessoas com ensino superior produziram o item com a configuração de mão correspondente à letra R (CM 22) no alfabeto manual, primeira letra da palavra ROSA, assim como todos os participantes com ensino médio. Somente os participantes do grupo ensino fundamental marcaram as variantes sem esta CM. O que podemos concluir é que a CM 22 no item rosa é de mais prestígio, do que o mesmo sinal realizado com outras CM's.

**Gráfico 08: Resultado quantitativo para as variantes do item "BRANCO" de acordo com a escolaridade do informante**

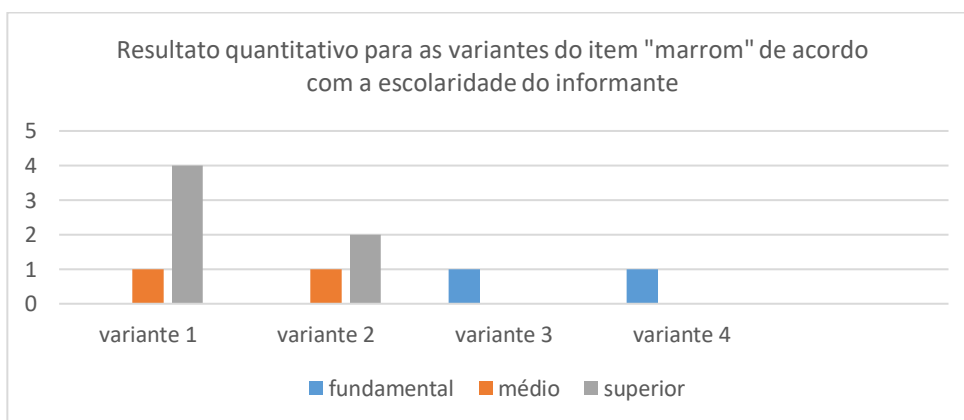




**Fonte: Elaborado pelo autor**

No referente Branco, temos que as variantes 3 e 4 não foram marcadas por surdos do grupo de ensino superior, mas foram marcadas por surdos com ensino fundamental, enquanto que as variantes 1 e 2 foram marcadas por pessoas do ensino superior e não foram marcadas por pessoas do ensino fundamental. Isso pode indicar que as variantes 3 e 4 podem ter menos prestígio do que as variantes 1 e 2, que foram as marcadas pelo grupo do ensino superior. Neste caso, a semelhança entre as variantes 1 e 2 é a mão base fechada. Apesar dos poucos dados, o resultado pode indicar que manter a mão base fechada na realização deste item tenha mais prestígio, já que comumente as variantes utilizadas por pessoas com baixa escolaridade são mais estigmatizadas.

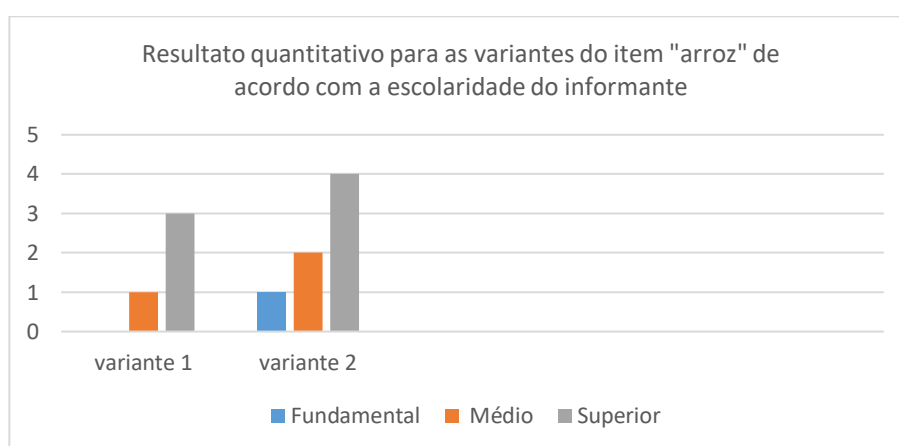
**Gráfico 09: Resultado quantitativo para as variantes do item "MARROM" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

O mesmo que aconteceu com o referente branco, aconteceu com o este referente, mas desta vez, há uma diferença também entre os grupos do ensino médio e fundamental. Somente o grupo do ensino fundamental marcou as variantes 3 e 4, e não marcaram 1 e 2, enquanto que os grupos ensino médio e superior marcaram somente as variantes 1 e 2. A semelhança entre as variantes 1 e 2 é a presença da configuração de mão que representa a letra M do alfabeto, primeira letra da palavra marrom. Neste sentido, o empréstimo linguístico foi tido como uma marca de prestígio, já que quanto mais escolaridade, mais os surdos marcavam a variante com o empréstimo.

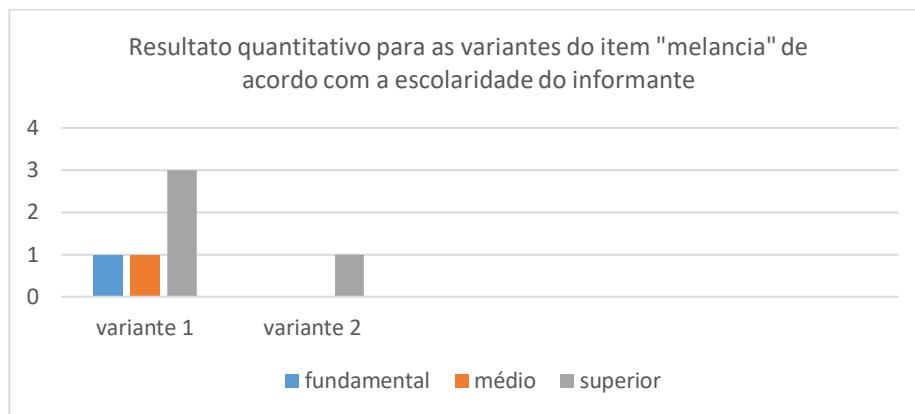
**Gráfico 10: Resultado quantitativo para as variantes do item "ARROZ" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Na variante ARROZ, não chegamos a resultados conclusivos, já que há uma concentração maior na variante 2, que é produzido pelos 3 grupos, e a variante 1 foi produzida por 2 dos 3 grupos.

**Gráfico 11: Resultado quantitativo para as variantes do item "MELANCIA" de acordo com a escolaridade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto ao sinal MELANCIA, vemos que somente um participante produziu a variante 2, sendo este do grupo do ensino superior. Por conta disto, não podemos chegar a resultados conclusivos. Surpreende o fato de que a variante padrão presente no aplicativo é justamente a variante 2, entretanto, não há como dizer que o grupo superior produz a variante padrão já que só houve um caso.

Em suma, somente o referente ABACATE enquanto variação lexical, e os referentes BRANCO, ROSA e MARROM, enquanto variação fonológica apresentaram resultados conclusivos. A variação lexical no item ABACATE indicou que a variante 1 é a variante prestígio, já que foi produzida pela maioria dos surdos do ensino superior, e não foi produzida pelo grupo do ensino médio e fundamental. Quanto às variações fonológicas, podemos dizer com ressalvas que o sinal BRANCO feito com a mão fechada é mais realizado por pessoas com escolaridade mais alta e que os sinais ROSA e MARROM feitos com o empréstimo da letra R e M, respectivamente, pela configuração de mão é mais produzido por participantes também com escolaridade mais alta. A grosso modo, podemos dizer que tanto a mão base fechada, quanto o empréstimo carregam mais prestígio que as demais variantes.

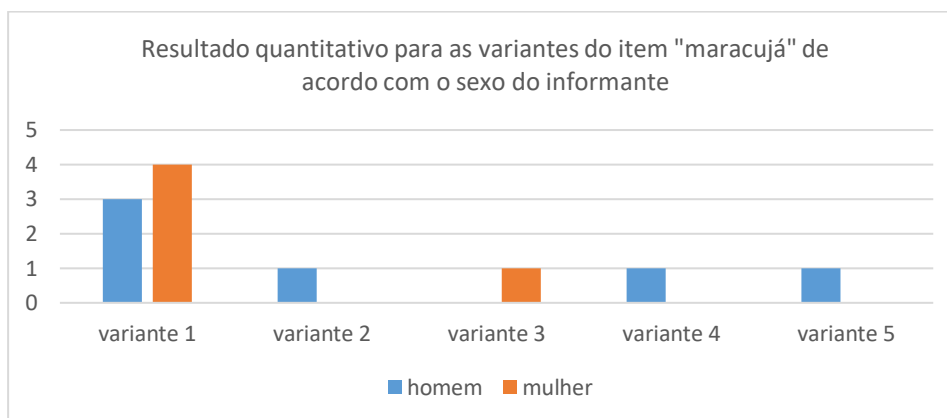
#### **4.2.5 Resultados para a Variável Sexo/gênero**

Inicialmente, planejamos realizar também uma análise quanto ao sexo, por essa razão a amostra foi composta por 50% de mulheres surdas e 50% de homens surdos, no entanto, em momento algum foi percebida diferenças de uso levando em conta o sexo dos informantes, conforme os quadros a seguir. Para uma melhor visualização dos resultados,

elaboramos gráficos para cada referente. No referente 1 (Maracujá), há uma concentração maior na variante 1. Vale salientar que 5 mulheres responderam à pergunta sobre este item e os 6 homens responderam ao item.

#### 4.2.5.1 Gráfico para variação lexical

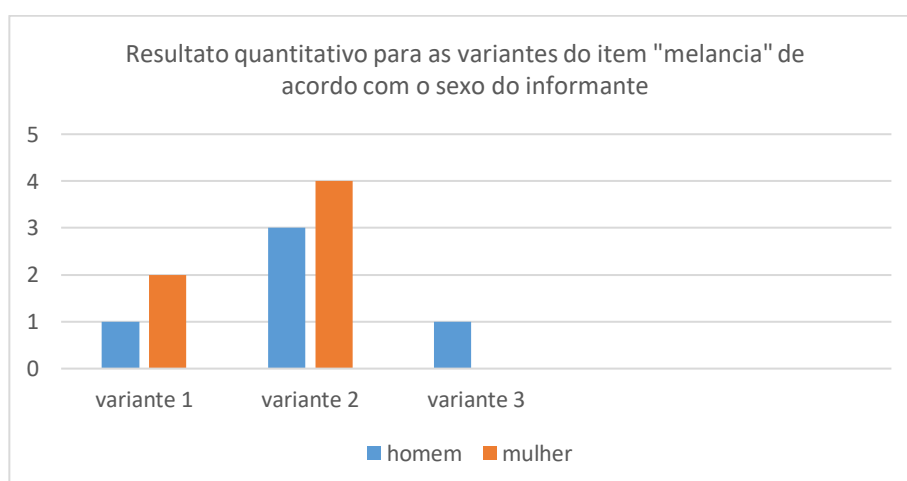
**Gráfico 12 - Resultado quantitativo para as variantes do referente MARACUJÁ de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

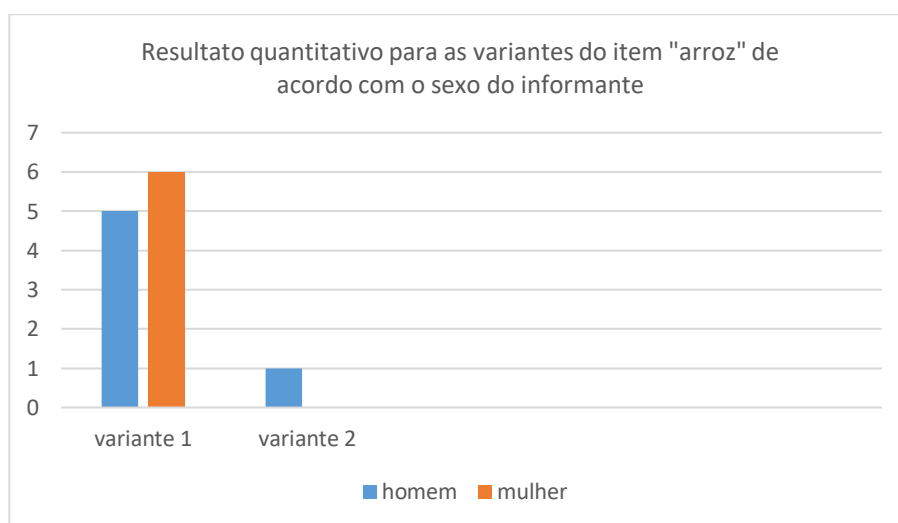
O grupo de homens produziu 4 das 5 variantes. Quanto ao grupo de mulheres, 4 das 5 mulheres produziram a primeira variante. No entanto, não podemos concluir que mulheres produzem mais a variante 1 do que homens já que a maioria dos homens também produziu esta variante.

**Gráfico 13 - Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com o sexo do informante**



No referente MELANCIA, a concentração maior está na variante 2 em ambos os sexos. O grupo de homens produziu os 3 referentes, e o grupo de mulheres produziu duas da três, portanto, não há como dizer que homens produzem mais uma dada variante que mulheres, o vice-versa. É importante lembrar que um participante (homem) utilizou a datilologia para se referir ao item e por isso não foi computado, portanto há 6 respostas de mulheres e 5 respostas de homens para este item.

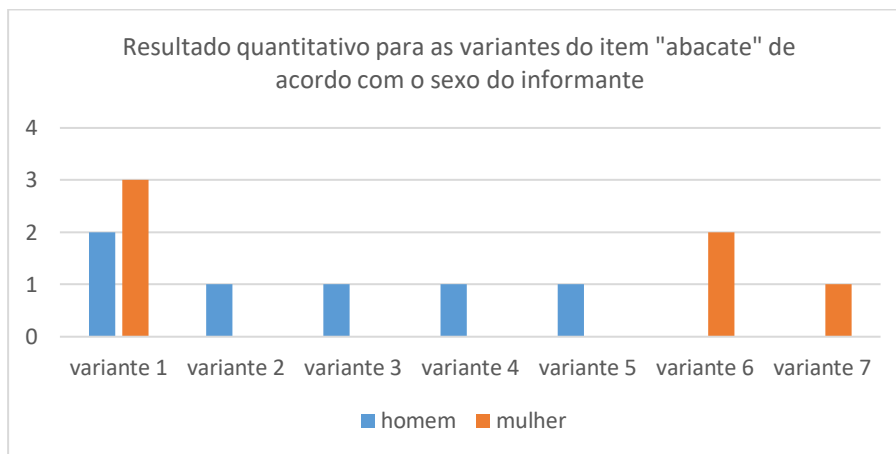
**Gráfico 14 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto a esta variação, como só um participante produziu a variante 2, não há como chegar a resultados conclusivos

**Gráfico 15 - Resultado quantitativo para as variantes do referente ABACATE de acordo com o sexo do informante**

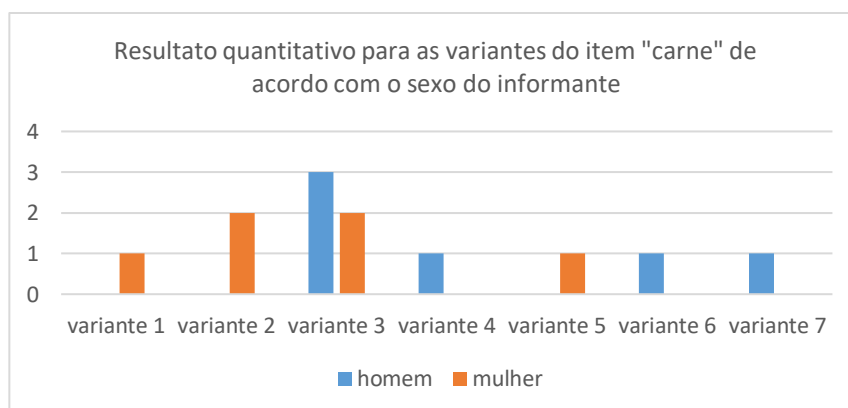


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Homens produziram 5 das 7 variantes, o que indica que não há um padrão na produção do sinal ABACATE por homens. Quanto as mulheres, os resultados também são difusos e a maior concentração em ambos os grupos é na variante 1.

#### 4.2.5.2 Gráfico para variação fonologia

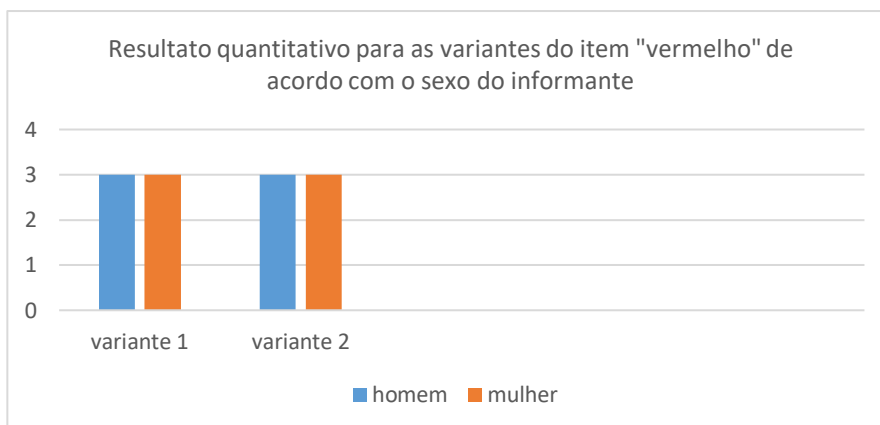
**Gráfico 16 - Resultado quantitativo para as variantes do item CARNE de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

No referente CARNE o número de variantes foi expressivo, o que fez com que não houvesse uma concentração maior. Mesmo assim, a variante 3 está entre as mais utilizadas entre homens e foi a mais utilizada entre as mulheres.

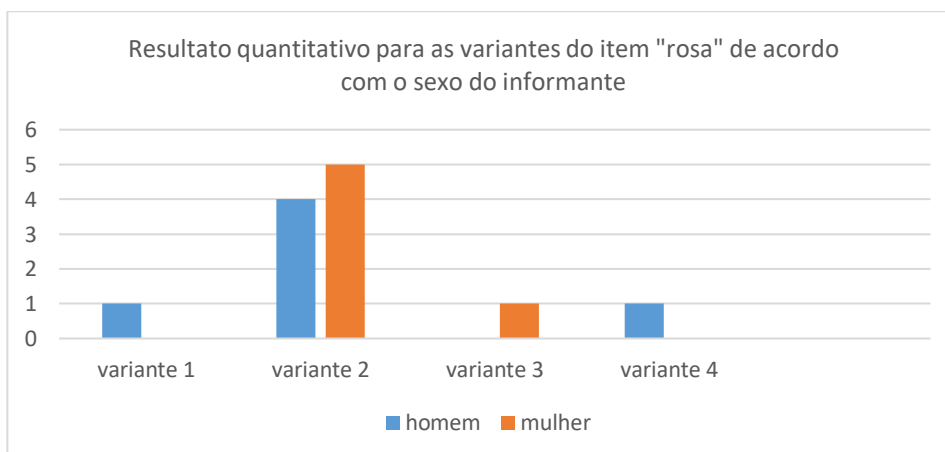
**Gráfico 17 - Resultado quantitativo para as variantes do item VERMELHO de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Neste item os resultados são idênticos, ou seja, a variável sexo não interferiu na produção de VERMELHO.

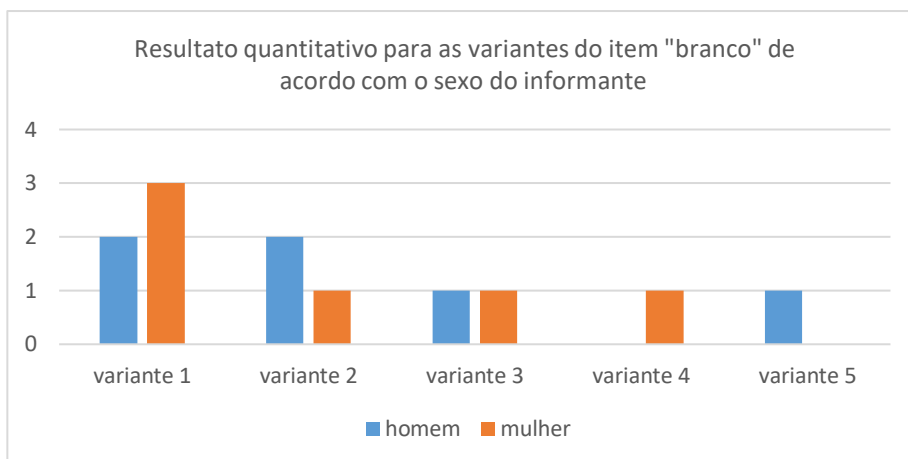
**Gráfico 18 - Resultado quantitativo para as variantes do item ROSA de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Em ROSA a concentração em ambos os sexos está na variante 2, portanto, não é possível dizer que a variável sexo interferiu na produção do item.

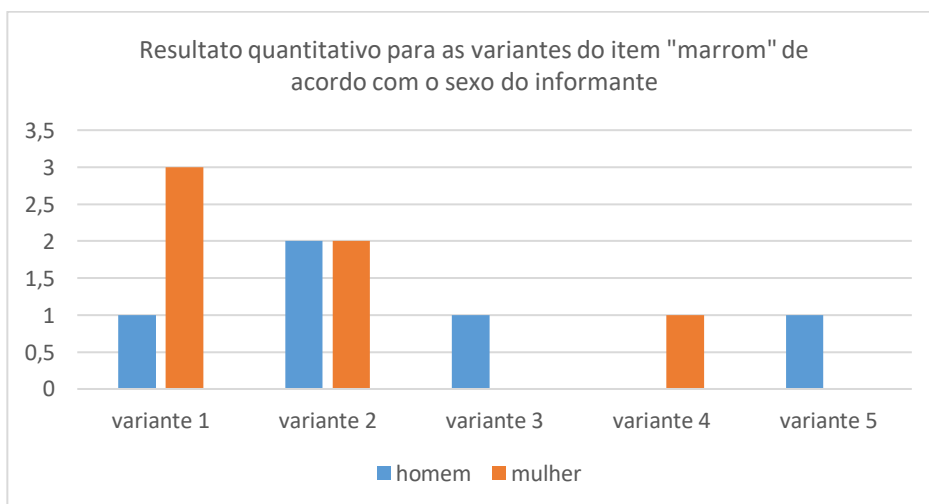
**Gráfico 19- Resultado quantitativo para as variantes do item BRANCO de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

A partir da leitura do gráfico, percebemos que homens utilizaram mais a variante 1, enquanto que as mulheres utilizaram as variantes 1 e 2. Como os resultados são difusos e a produção de homens e mulheres é quase a mesma, não é possível dizer que a variável sexo interferiu na escolha das variantes para este sinal.

**Gráfico 20- Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com o sexo do informante**

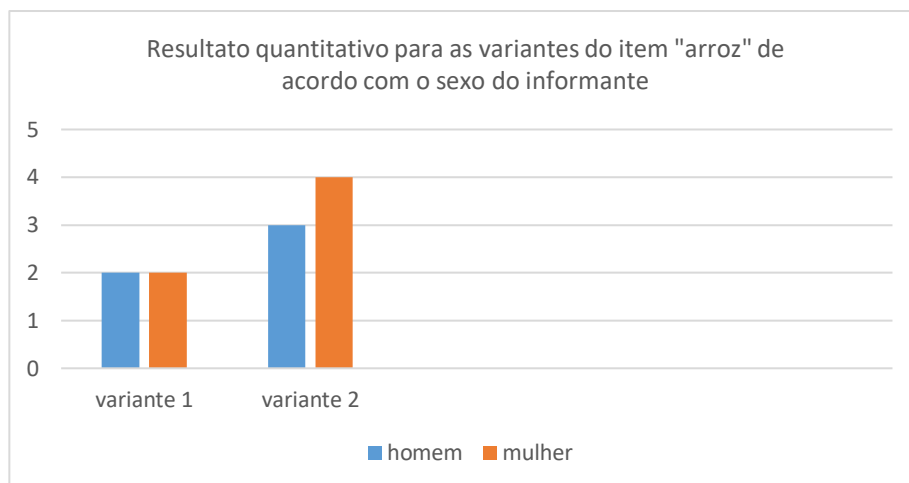


**Fonte: Elaborado pelo autor**



Aqui percebemos que, na variante 1, o uso de mulheres é sobressalente, mas não é significativa. Quanto à variante padrão (2), homens e mulheres produziram com a mesma quantidade.

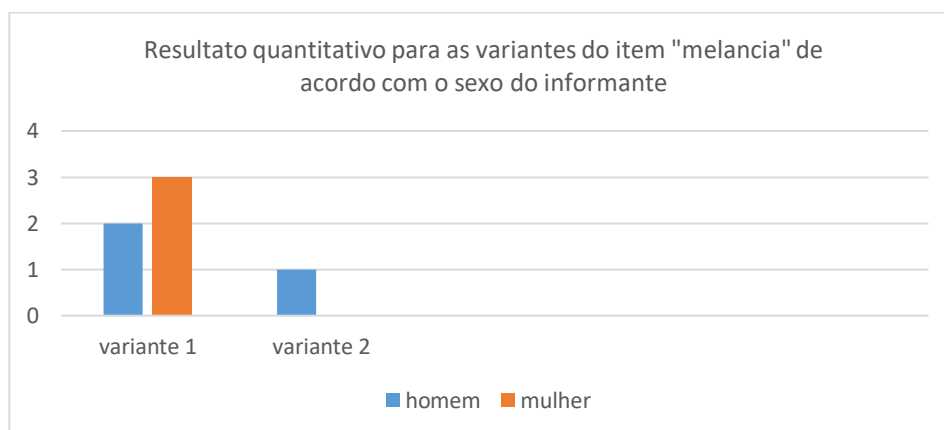
**Gráfico 21 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

No gráfico acima, vemos que a produção do item ARROZ é basicamente a mesma por homens e mulheres, portanto, vemos que a variável sexo não interferiu na produção deste sinal.

**Gráfico 22 - Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com o sexo do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Por fim, o item MELANCIA não apresentou resultados conclusivos, já que somente um participante produziu a variante 2.

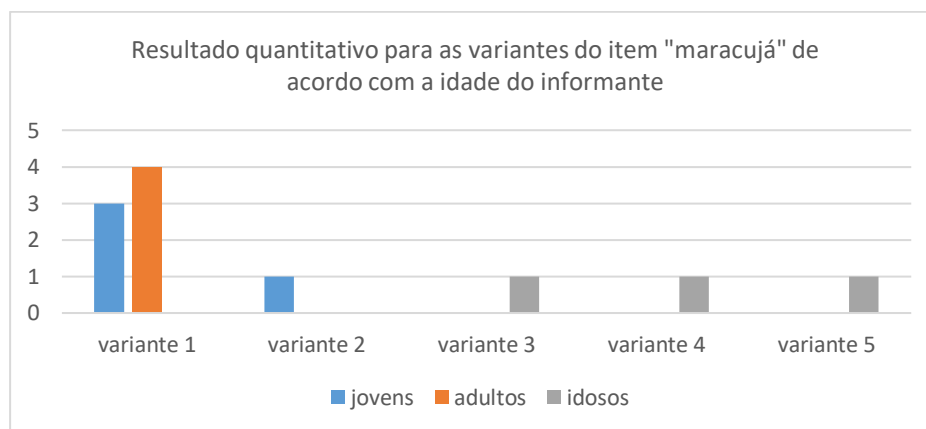
Como já dissemos, os resultados apontam que não há diferenças entre homens e mulheres. Vale salientar, no entanto, que a amostra é muito pequena, portanto, não podemos concluir que homens e mulheres surdas de Alagoas sinalizam da mesma maneira os sinais pesquisados em Maceió, muito embora estes resultados possam servir como indicativos para hipóteses de trabalhos futuros.

#### 4.2.6 Resultados para a variável Faixa Etária

Explicaremos os resultados acima com gráficos para cada item, conforme fizemos na seção anterior. Mesmo não havendo dados o suficiente para chegar a conclusões mais precisas sobre a variação linguística em Alagoas, é possível refletir sobre as variações de maneira mais aprofundada a partir dos resultados apresentados, diferente do que vimos na variável sexo. Discutiremos os resultados por referente.

##### 4.2.6.1 Gráfico para variação lexical

**Gráfico 23 - Resultado quantitativo para as variantes do referente MARACUJÁ de acordo com a idade do informante**

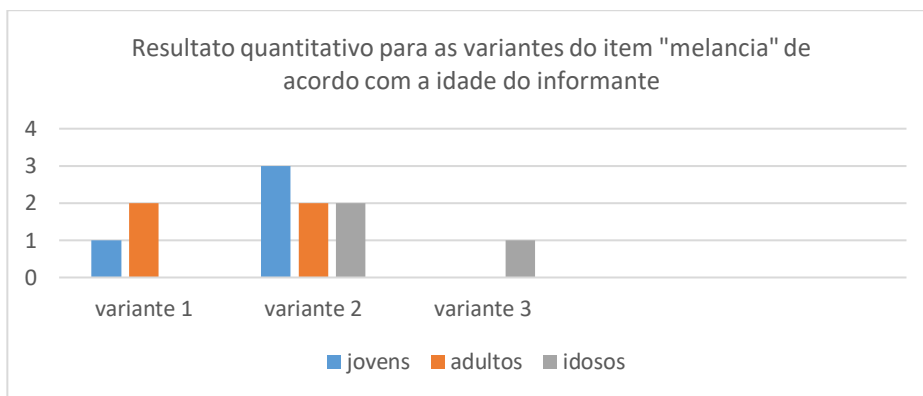


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto ao referente 1 (maracujá), podemos perceber que Jovens e adultos utilizaram mais a variante 1, que é menos icônica, enquanto que os participantes idosos sequer a conheciam. Os participantes idosos utilizaram variantes icônicas diferentes para o mesmo referente. É possível, portanto, que esta variante 1, sem marcas de iconicidade,

seja inovadora, enquanto que as demais mais icônicas sejam mais conservadoras. Mas não somente isto, esta primeira variante também foi a variante registrada no aplicativo *Handtalk*, conforme vimos anteriormente. Possível perceber que esta variante é inovadora e padrão na comunidade surda alagoana.

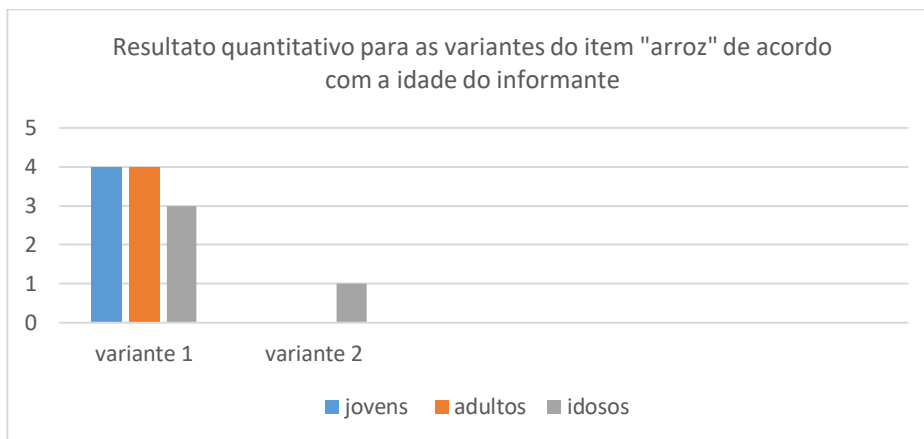
**Gráfico 24- Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Em relação ao referente 2 (melancia), os resultados foram bastante difusos, de tal forma que não é possível dizer que uma ou outra faixa etária se sobressaiu, mesmo que superficialmente em relação ao uso de uma variante. Quando comparamos os usos dos participantes com o sinal registrado no aplicativo utilizado como base de sinal padrão para esta pesquisa, vemos que não há como dizer que faixa etária utiliza mais a variante padrão, porém assim como na variante anterior, pessoas idosas não produziram a variante padrão, que corresponde à variante 2.

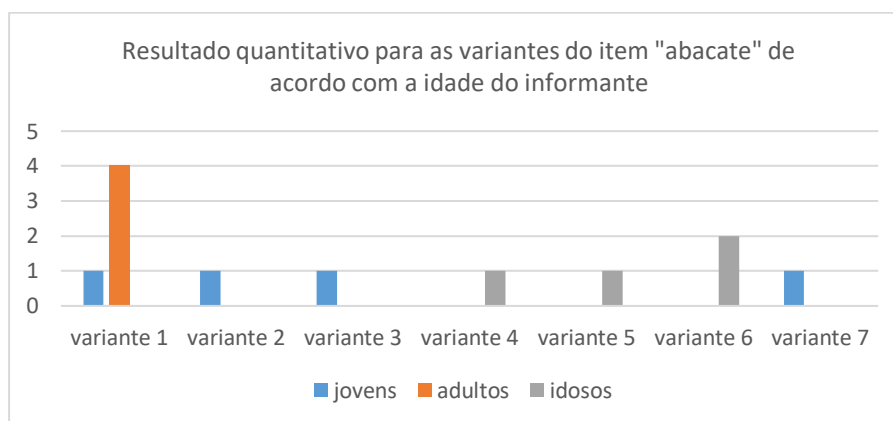
**Gráfico 25 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Para esta variação, não há como chegar a resultados conclusivos, já que só houve uma produção da variante 2.

**Gráfico 26 - Resultado quantitativo para as variantes do referente ABACATE de acordo com a idade do informante**

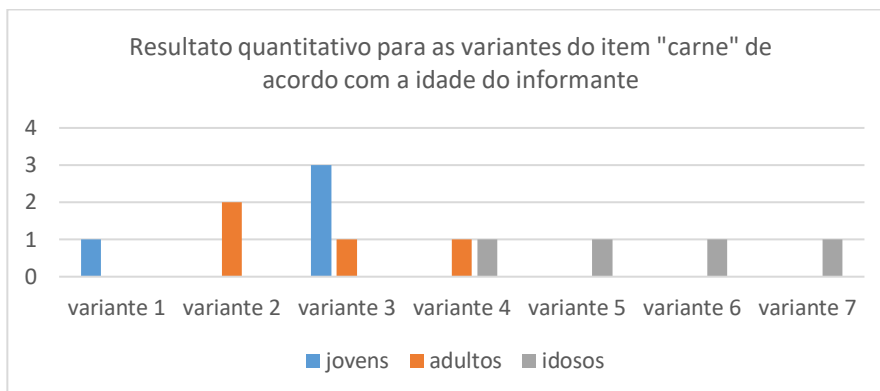


**Fonte: Elaborado pelo autor**

Para este resultado, vemos que todos os adultos produziram o mesmo sinal. O resultado dos jovens foi bastante difuso, já que cada jovem produziu uma variante diferente. Somente dois idosos produziram a variante padrão.

#### 4.2.6.2 Gráfico para variação fonologia

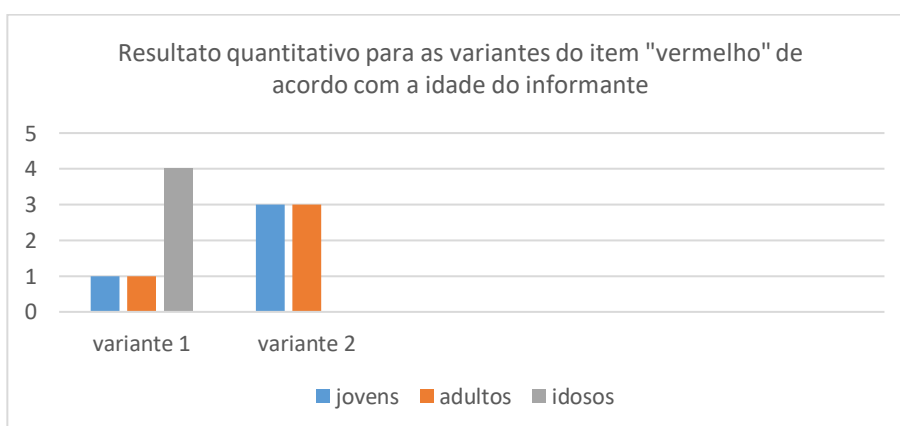
**Gráfico 27 - Resultado quantitativo para as variantes do item CARNE de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

O mesmo acontece com o referente 3, desta vez, porque há muitas variantes para um único referente. Note-se que entre os idosos, cada um apresentou um resultado diferente, já que são somente 4 participantes. Por um lado, isso mostra este sinal ainda está em processo de lexicalização, por outro, o resultado mostra que as diferenças são mínimas e podem ter sido pragmáticas. Foi possível notar que pessoas idosas não utilizaram as variantes 1, 2 e 3, que carregam uma semelhança, o ponto de articulação. A mão dominante nas três primeiras variantes toca o ponto entre polegar e dedo indicador. Podemos entender, portanto, que esta variação no ponto de articulação pode ser inovadora. Mas, a despeito do que acontece nos referentes 1 e 2, a variante padrão desta vez foi produzida por um idoso e não se enquadra na variante inovadora, pois não foi utilizada por adultos e jovens. Neste caso, a variante é mais conservadora.

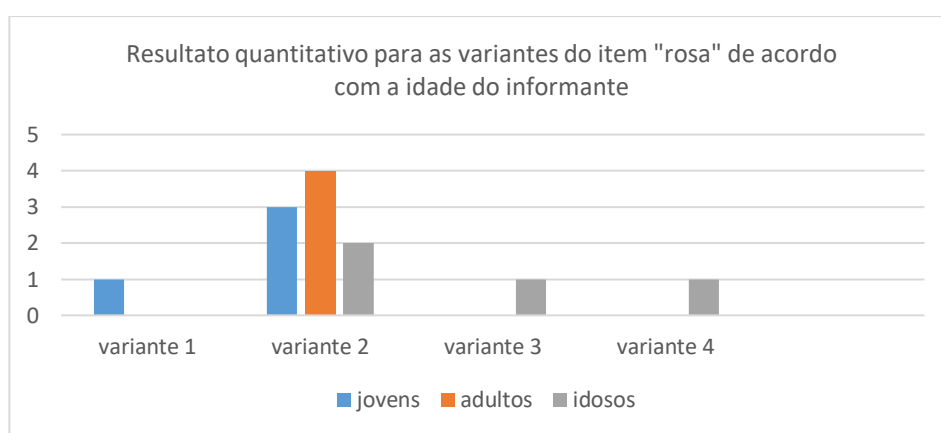
**Gráfico 28 - Resultado quantitativo para as variantes do item VERMELHO de acordo com a idade do informante**



**Fonte: elaborado pelo autor**

Já em relação ao referente 4, vemos uma distinção mais clara. Jovens e adultos apresentaram os mesmos resultados, com uma saliência em relação ao uso da variante 2. Já entre os idosos, todos produziram a variante 1. Este resultado pode indicar que a variante 1 é mais conservadora, enquanto que a variante 2 é mais inovadora. Não é possível afirmar efetivamente que há uma mudança em curso, pois não há dados o suficiente, e os adultos produziram exatamente a mesma quantidade dos jovens. Assim como nas variantes 1 e 2, o aplicativo registrou a mesma variante que foi utilizada por jovens e adultos, ou seja, a variante inovadora também é a variante padrão.

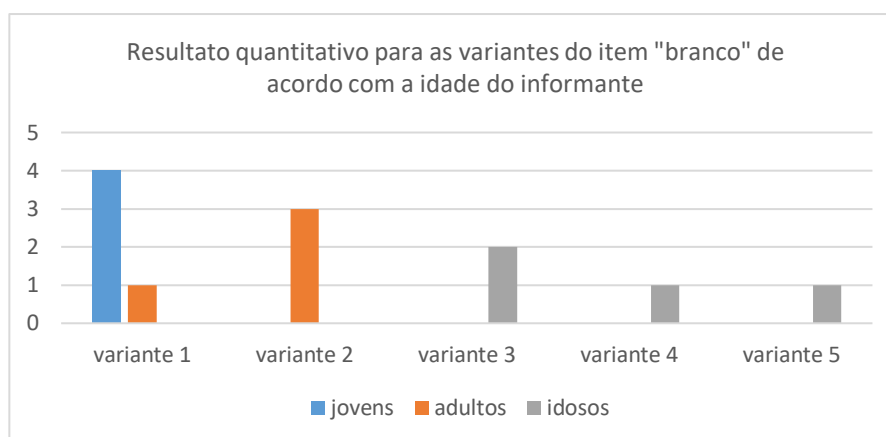
**Gráfico 29 - Resultado quantitativo para as variantes do item ROSA de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto ao referente 5 (rosa), as três faixas etárias utilizaram mais a variante 2, o que mostra que não há mudanças ou variantes inovadoras ou conservadoras. O que nos chamou atenção além das diferenças entre faixas etárias foi a semelhança entre os jovens e os adultos. É possível que isto se deva ao ambiente de convívio profissional e estudantil. A maioria dos jovens e adultos são professores de Libras, ou estudam no ensino superior. Como a comunidade surda é relativamente pequena, se comparada a comunidade ouvinte, os surdos todos se conhecem. Os idosos, por sua vez já não frequentam os mesmos ambientes de escola e faculdade e estão quase todos aposentados. A variante 1 foi apontada como sendo padrão, já que foi a registrada no Handtalk, o que, para nós é inconclusivo, pois, apesar de ter sido produzida por um jovem, foi somente um caso.

**Gráfico 30- Resultado quantitativo para as variantes do item BRANCO de acordo com a idade do informante**



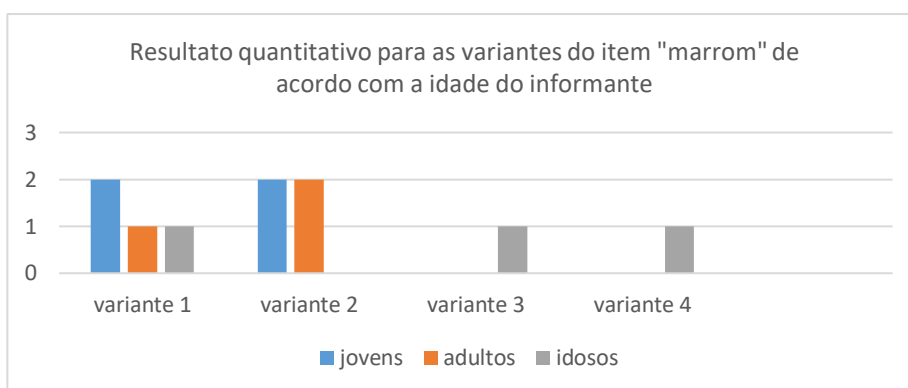
**Fonte: Elaborado pelo autor**

No item BRANCO vemos uma clara diferença entre a produção de jovens adultos e idosos. Quando observamos o aspecto fonológicos sinais, somente os idosos não produziram a mão base com a mão fechada. Apesar da quantidade irrisória de dados, este resultado pode apontar para uma conclusão de que sinais com mão base aberta podem estar caindo em desuso, já que todos os idosos produziram sinais com a mão base aberta e nenhum adulto ou jovem produziu sinais com a mão base aberta.

Observando a diferença entre jovens e adultos, vemos que jovens produziram mais a variante 1, em que o sinal é realizado com a mão dominante sobre as costas da mão base, enquanto que adultos produziram mais sinais com a mão dominante sobre o antebraço. Embora possamos imaginar que isto venha a se modificar, ou seja, seja uma mudança linguística em curso, já que ainda houve uma produção da variante dois por jovens, nos deparamos com a variante 3 produzida somente por idosos. Apesar de se diferenciar pela presença da mão aberta, o ponto de articulação é as costas da mão base, assim como a variante 1. Ou seja, não podemos dizer com precisão que o ponto de articulação no sinal está em mudança, porque idosos já produziam sinais com este ponto de articulação.

Mais uma vez vemos uma diferença no uso da variante padrão em relação aos outros referentes, já que a variante padrão foi produzida uma única vez por um idoso.

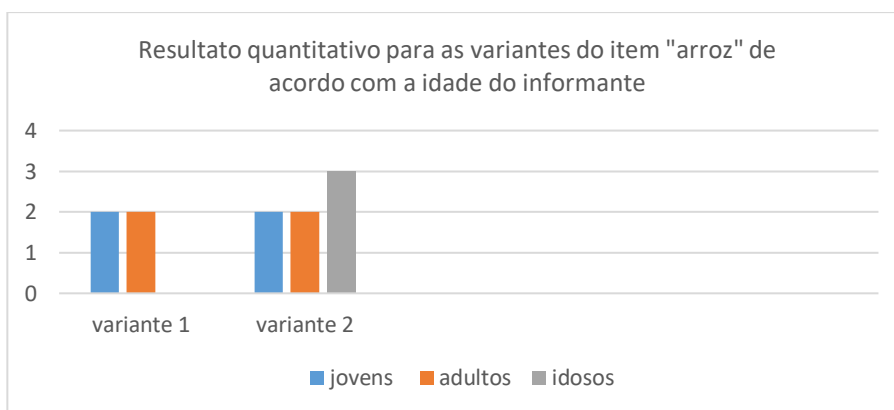
**Gráfico 31 - Resultado quantitativo para as variantes do item MARROM de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Aqui percebemos que todas as pessoas jovens e adultas produziram o sinal com a CM correspondente a letra M sobre a mão não dominante, com a diferença repousando sobre a abertura dos dedos. Neste sentido, podemos dizer que, apesar de um surdo idoso também ter produzido esta variante, ela é inovadora. O sinal MARROM, produzido com outras configurações não são utilizadas por jovens e adultos. Além disso, a variante registrada como padrão é a variante 2, que não foi produzida por idosos mais uma vez.

**Gráfico 32 - Resultado quantitativo para as variantes do item ARROZ de acordo com a idade do informante**



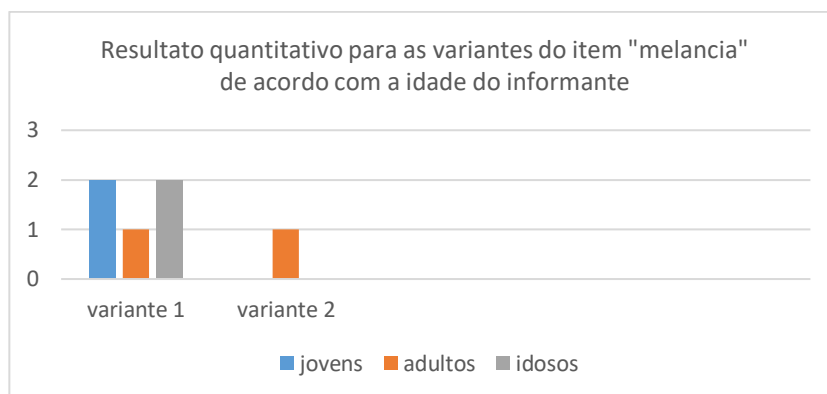
**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto à este referente, os resultado são pouco conclusivos. Jovens e adultos, mais uma vez apresentaram resultados muito parecidos. Os idosos produziram a variante 2. Vemos que idosos não produziram a variante com a seleção do polegar. Isto poderia



indicar que a variante com a seleção do polegar é mais inovadora. A variante padrão, registrada pelo aplicativo, foi a variante 2, que foi produzida pela maioria dos surdos.

**Gráfico 33- Resultado quantitativo para as variantes do referente MELANCIA de acordo com a idade do informante**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Quanto a esta variação, não podemos chegar a resultados conclusivos, já que somente um surdo produziu a variante 2.

Em suma, temos que, quanto ao sinal maracujá, a variante menos icônica foi a mais produzida por surdos jovens e adultos e não foi produzida por surdos idosos. No item carne, sinais com o ponto de articulação entre os dedos indicador e polegar da mão base só foram realizados por jovens e adultos. Quanto ao sinal vermelho, idosos sempre produziram sinais com o queixo como ponto de contato, enquanto que surdos jovens e adultos utilizaram mais a variante com a boca como ponto de contato. Nenhum idoso produziu mão fechada para o sinal branco.

Quanto ao uso da variante padrão, vimos que em 5 itens (MARACUJÁ, MELANCIA, VERMELHO, ROSA e MARROM) a variante padrão não foi utilizada por idosos, resultado diferente do que comumente acontece em pesquisas sobre o português, já que a variante padrão quase sempre é conservadora. Em três itens (BRANCO, ABACATE e CARNE) a variante padrão foi produzida somente por 1 idoso, o que pra nós é inconclusivo; e em 1 item apenas (ARROZ) vimos que jovens adultos e idosos produziram quase que igualmente o item padrão. Tais resultados podem ter relação

com o fato de que o aplicativo é recente, portanto, o registro é baseado nas variantes utilizadas atualmente.

Percebemos também que houve bastante semelhança na produção de jovens e adultos. Isto se deve às idades dos surdos, que, apesar de serem estratificadas em grupos diferentes, foram muito próximas. Três dos 4 adultos tinham 30 anos, que é a idade mínima do adulto nesta pesquisa. Um dos jovens tinha 29 anos. Não há como dizer que a fala de um surdo com 29 é estatisticamente diferente de um surdo de 30 anos. No entanto, a diferença entre adultos e idosos foi significativa porque o idoso mais jovem era 17 anos mais velho do que o adulto mais velho.

Outro ponto interessante evidenciado nos resultados foi o uso de variantes distintas entre os idosos. Exceto pelo referente 4, os 4 idosos apresentaram sempre pelo menos 3 variantes diferentes. A explicação para este resultado pode estar no cruzamento com outras variáveis. Em relação a escolaridade, por exemplo, dois surdos pararam de estudar no ensino fundamental e dois surdos no ensino médio. Sem contar o processo de aquisição, em que para um surdo foi bem tardio, já na pré-adolescência, para outro surdo não foi em Alagoas, mesmo ele morando há 10 anos em Alagoas, conforme previa o corpus e um surdo passou pelo processo de aquisição mais cedo. As diferentes variáveis podem ter interferido nos resultados diversos entre os surdos idosos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que podemos concluir sem dúvida alguma é que muito ainda precisa ser desbravado no estudo sobre a variação linguística na Libras. Se faz necessário que mais investigações como esta, ainda que com poucos dados, sejam realizadas para que possamos cada vez mais compreender este fenômeno e assim venhamos a aprofundar os estudos. Além disso, Se faz necessário que aparelhos de descrição linguística mais apurados sejam desenvolvidos para que possamos realizar descrições mais precisas da Libras.

Ainda assim, pudemos perceber que o processo de variação linguística acontece na Libras nos níveis lexical e fonológico. Ao fazer a descrição das variantes, vimos que

a influência da iconicidade é muito forte na raiz morfológica da Libras, o que faz com que diversas variantes apareçam. Vimos também que há sinais com maior iconicidade que outros, a depender de como eles representam formas e ações, ou de como a relação é associada a outros sinais, como foi o caso de SONO para MARACUJÁ.

Em relação a análise quantitativa das variáveis extralinguísticas, percebemos que não houve diferenças significativas entre homens e mulheres, mas que em relação a faixa etária, pessoas idosas apresentaram sinais mais icônicos do que pessoas jovens e adultas. E que as variantes 1 do referente 1 (maracujá) e 2 do referente 4 (vermelho) podem ser percebidas como inovadoras, uma vez que foi mais utilizada por jovens e adultos do que por idosos. A variante com a mão não dominante fechada para branco foi mais utilizada por pessoas mais jovens. Quanto ao sinal MARACUJÁ, o item menos icônico não foi produzido por idosos e foi a variante mais produzida por jovens e adultos. Quanto ao uso da variante padrão, jovens e adultos utilizam mais a variante padrão do que surdos idosos.

Quanto a escolaridade, os resultados apontaram que surdos com escolaridade mais alta tendem a produzir variantes com empréstimo de configuração de mão representando a primeira letra no sinal MARROM e ROSA e variantes com a mão base fechada no sinal BRANCO, o que pode apontar tais variantes como variantes de prestígio.

Com uma quantidade não representativa de dados e de participantes, não foi possível construir uma amostra que nos desse resultados precisos quanto à variação linguística na Libras falada em Maceió, entretanto, este trabalho trouxe reflexões introdutórias sobre a temática que podem ser aprofundadas a partir de outras investigações. Pesquisas analisando outros aspectos além da iconicidade, como a coarticulação no sentido fonológica, ou fenômenos de adição, substituição ou supressão de fonemas em variação podem nos ajudar a perceber ainda mais como funcionam os processos de variação fonológica na Libras. Além disso, trabalhos com outras variáveis, como a escolaridade, o tempo de aquisição, o grau de surdez e a base escolar podem também ser fatores externos que interferem na fala do surdo e devem ser investigados em Alagoas.

## 6. REFERÊNCIAS

AITCHISON, J., **Relative variation diagrams for describing patterns of compositional variability**: Math. Geol., v. 22, no. 4, p. 487–511.1990.

ANN, Jean. “**A functional explanation of Taiwan Sign Language Handshape Frequency**”. Language and Linguistics 6.2: 217-246, 2005.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKER, C.A. **Microanaly of the nonnull componentes of questions in american sign language**. PhD. dissertation, university of california, Berkeley, 1983.

BATTISON, R. **Phonological Deletion in American Sign Language**. In: Sign Language Studies, v. 5, p. 1-19, 1974.

BAYLEY, R., LUCAS, C., & ROSE, M. **Variation in American Sign Language: The case of DEAF**. Journal of Sociolinguistics, 4(1), 81–107. doi:10.1111/1467, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Brasília, 184º da Independência e 117º da República, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 181ºda Independência e 114º da República, 2002.

BRENTARI, Diane; PADDEN, Carol. “**Native and foreign vocabulary in American Sign Language: A lexicon with multiple origins**”. In.: BRENTARI, Diane. (org.). Foreign Vocabulary in Sign Languages: A Cross-linguistic Investigation of Word Formation. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, pp. 87–119.

CALVET, L. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de M. Marcionillo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAPOVILLA, F. C. & W. D. RAPHAEL. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D MAURICIO, A. C. **Novo Dicionário enciclopédico ilustrado trilingüe da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo, SP: Edusp, MEC-FNDE, 2013.

CARVALHO, N. **Empréstimos Linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo, SP: Cortez, 2009.

**Centro de atendimento ao surdo de Alagoas**. Apostila do Curso Básico de Libras. Maceió 30 f. 2011 (Texto impresso)

CRASBORN, O. **Phonetics**. In Roland Pfau, Markus Steinbach and Bencie Woll (eds.), *Sign Language: An International Handbook*, pp. 4-20. de Gruyter: Berlin, 2012

CRONEBERG, C. **The linguistic community**. In: W. Stokoe, D. Casterline, and C. Croneberg. *A dictionary of American Sign Language*. Washington, DC: Gallaudet College Press. 297–311, 1965.

DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais brasileira (LIBRAS): um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais**, dissertação de mestrado, CCE/UFSC, 2010.

FENLON, J., CORMIER, K., & BRENTARI, D. **The phonology of sign languages**. In S. J. Hannahs & A. Bosch (Eds.), *The Routledge Handbook of Phonological Theory*: Routledge. 2017.

FERREIRA, Lucinda F. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Informativo Técnico-Científico do INES, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-43, 1990.

FERREIRA-Brito, L. e LANGEVIN, R. **Sistema de transcrição de sinais**. In: FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FREITAG, R. M; LIMA, G. O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD. 2010.

FRISHBERG, N. **Arbitrariness and Iconicity: Historical Change in American Sign Language**. In: *Language*, v 51, n° 3, p. 696 -719, 1975.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **Na introduction to language**. Forth Worth: 5 ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

HOOPEES, R. **A preliminary examination of pinky extension**: Suggestions regarding its occurrence, constraints, and function In.: LUCAS, Ceil. (org.). Washington, DC: Gallaudet University Press, 1998

HULST, H. van der & E. van der Kooij. **Location features in SLN. Presentation at TISLR6**, Gallaudet University, Ms., Leiden University, 1998.

JUNIOR, I. J. **Análise de mudanças morfofonológicas na Língua Brasileira de Sinais em comparação à produção em Língua de Sinais Francesa**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KLIMA, E. S. & U. BELLUGI. **The Signs of Language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

LEITE, J.E.R. Fundamentos de Linguística. FARIA, E. M. B. de (Org.); CAVALCANTE, M. C. B. **Língua portuguesa e libras: teoria e prática**. João pessoa: editora universitária, 2010.

LIDDELL, S. K. “**THINK and BELIEVE**: Sequentiality in American Sign Language signs”. *Language* 60 vol. 2. 372-399, 1984.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. (1989). **American Sign Language: The Phonological Base**. In: Valli, C.; Lucas, C. (Orgs.). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D. C.: Clerc Books/Gallaudet University. p. 267-306, 2000.

- LUCAS, C., BAYLEY, R., REED, R., & WULF, A. **Lexical variation in African American and white signing**. *American Speech* 76(4): 339-360, 2001.
- LUCAS, C., BAYLEY, R., MCCASKILL, C., & HILL, J. **The intersection of African American English and Black American Sign Language**. *International Journal of Bilingualism*, 19(2), 156–168, 2013.
- M. C. B. **Língua portuguesa e libras: teoria e prática**. João pessoa: editora universitária, 2010)
- MACHADO, Rodrigo N. **Empréstimos Linguísticos na Libras: Primeira turma do curso de letras Libras da UFSC**. dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2016.
- MARENTETTE, P. F. **It's in her hands: a case study of the emergence of phonology**. Ph.D. Thesis. McGill University, Department of Psychology, Montreal, 1995.
- MARTINET, A. **Estudios de Sintaxis Funcional**. Madrid: Gredos, 1978.
- McCaskill, C., Lucas, C., Bayley, R., & Hill, J. **The hidden treasure of Black ASL: Its history and structure**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2011.
- McCLEARY, L. **Sociolinguística**. Disciplina do Curso de Letras/Libras –UFSC, 2008.
- QUADROS, R. e KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- QUADROS, RONICE M. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de; OLIVIERA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. ID-Sinais para organização e busca de dados em corpus de Libras. QUADROS, Ronice M. de; STUMPF, Marianne R.; LEITE, Tarcísio de A. In: **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 29-43 (Série Estudos da Língua de Sinais, v. 2).
- REY, F. **Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social**. *Psicología & Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 32-52, 1998.

ROSA, I. de M. F.; KRIEGER, M.; ARAUJO, R. M. E.; PORTA, S. L. **Mapeamento estruturado da Libras para utilização em sistemas de comunicação.** Internal Research Reports, 2016.

SANDLER, Wendy **Phonological Representation of the Sign:** Linearity and Nonlinearity in Sign Language Phonology. Dordrecht: Foris, 1989.

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. **Sign Language and Linguistic Universal.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SANTOS, Thiago Bruno de Souza. **Traços distintivos para os pontos de articulação em línguas de sinais:** uma revisão conceitual. Dissertação de mestrado, Maceió: UFAL 2020.

SCHEMBRI, Adam C. and Lucas, Ceil (eds.). **Sociolinguistics of Deaf Communities.** Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 2015.

SCHMITT, D. **A História da Língua de sinais em Santa Catarina:** Contextos sócio históricos e sociolinguísticos de surdos de 1946 a 2010. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2013.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. **Variação sociolinguística:** estudo de caso na língua brasileira de sinais. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 31, 2014.

STOKOE, William. **“Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf”.** Studies in Linguistics: Occasional Papers, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

TRUBETZKOY, N. **Grundzüge der Phonologie.** Göttingen: Vandenhoeck; Ruprecht, 1939.

VALIANTE, Juliana Brazolin Gomes. **Língua Brasileira de Sinais:** reflexões sobre a sua oficialização como instrumento de inclusão dos surdos. Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

Villalva, A. & Silvestre, J. **Introdução ao estudo do léxico:** descrição e análise do português. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VIOTTI, E. **Introdução aos Estudos Linguísticos.** Curso de Letras/Libras-UFSC, 2006.



WOODWARD, James C.; et al. **“Facing and handling variation in American Sign Language phonology”**. Sign Language Studies 10, pp. 43-51, 1976.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras**, D.E.L.T.A, v. 30, n. 2, p. 371-413, 2014.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. 2006. 175 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.